

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Débora Marques Ferreira Araújo

**ESTRATÉGIAS DE (IM)POLIDEZ EM COMENTÁRIOS DE NOTÍCIAS  
PUBLICADAS NO FACEBOOK**

Belo Horizonte

2022

Débora Marques Ferreira Araújo

**ESTRATÉGIAS DE (IM)POLIDEZ EM COMENTÁRIOS DE NOTÍCIAS  
PUBLICADAS NO FACEBOOK**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de Pesquisa: Estudos do Texto da Textualização.

Orientadora: Prof. Dra. Marisa Mendonça Carneiro

Belo Horizonte

2022

A663e

Araújo, Débora Marques Ferreira.

Estratégias de (im)polidez em comentários de notícias publicadas no Facebook [manuscrito] / Débora Marques Ferreira Araújo. – 2022.

1 recurso online (129 f. : il., grafs., color., tabs., p&b.) : pdf.

Orientadora: Marisa Mendonça Carneiro.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de Pesquisa: Estudos do Texto da Textualização.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 109-115.

Anexos: f. 116-129.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Linguística textual – Teses. 2. Cortesia (Linguística) – Teses. 3. Facebook (Recursos eletrônicos) – Teses. I. Carneiro, Marisa Mendonça. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

### FOLHA DE APROVAÇÃO

**Estratégias de (im)polidez em comentários de notícias publicadas no Facebook**

**DEBORA MARQUES FERREIRA ARAUJO**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Estudos do Texto e da Textualização.

Aprovada em 15 de dezembro de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Marisa Mendonça Carneiro - Orientadora

UFMG

Prof(a). Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira

UFMG

Prof(a). Janaína de Assis Rufino

IF Sudeste MG

Belo Horizonte, 15 de dezembro de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Marisa Mendonca Carneiro, Professora do Magistério Superior**, em 20/12/2022, às 12:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Larissa A Marciotto Oliveira, Professora do Magistério Superior**, em 21/12/2022, às 10:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Janaína de Assis Rufino, Usuário Externo**, em 23/12/2022, às 09:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1973706** e o código CRC **121B92A9**.

A Deus,  
Ao meu amado esposo,  
Aos meus filhos Jéssica e Pedro,  
À minha mãe, dedico esse trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de conhecer todas as línguas desse mundo para, em todas elas, dizer: Deus, obrigada.

Gostaria de agradecer de forma “especialíssima” à Profa. Dra. Marisa Mendonça Carneiro, minha orientadora e ajudadora incansável ao longo dessa jornada. “O pão é pouco e a caminhada é longa”.

Gostaria de agradecer ao meu filho Pedro e ao meu marido Gustavo, meu grande amor, pela paciência diante de tantas ausências e renúncias.

*[...] the secret that after climbing a great hill, one only finds that there are many more hills to climb.*

Nelson Mandela

## RESUMO

À medida do avanço da popularidade da internet e de outros recursos tecnológicos, também as comunicações on-line foram se democratizando. Nesse contexto de crescimento, as redes sociais figuram entre os ambientes interacionais mais populares, sendo o *Facebook* o que possui o maior número de usuários ativos (STATISTA, 2021). Ocorre que as interações nesses espaços virtuais nem sempre são amistosas (PEREIRA, 2020). Ao contrário, frequentemente, é possível observar muitas mostras de impolidez nas conversações que circulam pelas redes sociais (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2020). Isso posto, esse trabalho teve como objetivo a análise da impolidez nos comentários de notícias publicadas no *Facebook*. Para isso, o presente estudo valeu-se das teorias sobre a impolidez propostas por Culpeper (2011; 2017). O *corpus* da pesquisa está composto por 286 comentários de três notícias distintas. A partir de análises qualitativas, confirmou-se que a notícia nem sempre guarda relação com o tema dos comentários (CUNHA, 2013) e que a dissensão política é um elemento recorrente nos eventos impolidos, independente do assunto noticiado. A partir de análises quantitativas, foi possível constatar que cerca de 84% dos comentários do *corpus* são impolidos, o que permitiu a confirmação de que o *Facebook* atua como uma arena de conflitos. Sarcasmos, insultos e xingamentos foram abundantes em todo o *corpus*.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Facebook*. Comentários. Impolidez.

## RESUMEN

Con el incremento de la internet y de otros medios tecnológicos, las comunicaciones por online también fueron evolucionando. En ese continuo crecimiento, las redes sociales están entre los ambientes interactivos más populares y el *Facebook* es aquel que tiene la mayor cantidad de usuarios activos (STATISTA, 2021). Sin embargo, no es siempre que las conversaciones en esos ambientes virtuales son amigables (PEREIRA, 2020). Al revés, es común que se encuentren muchos ejemplos de descortesía en las charlas que circulan por las redes (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2020). Por ello, este trabajo se dedicó a analizar la descortesía en los comentarios de las noticias puestas en *Facebook*. El soporte teórico empleado se basa en las teorías acerca de la descortesía propuestas por Culpeper (2011; 2017). El *corpus* de ese estudio está formado por 286 comentarios de tres noticias distintas. En análisis cualitativas se concluyó que las noticias ni siempre están relacionadas a los temas de los comentarios (CUNHA, 2013) y que el desacuerdo político es una materia recurrente en los comentarios descorteses, cualquiera que sea el tema noticiado. Por análisis cuantitativas, se observó que alrededor de 84% de los comentarios del *corpus* son descorteses. Por ello, se constató que el *Facebook* actúa como un ring de conflictos. Sarcasmos, insultos y groserías se hallaron con profusión en los textos investigados.

**PALABRAS CLAVE:** *Facebook*. Comentarios. Descortesía.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Linha do tempo das redes sociais .....	21
Figura 2 – Uso das redes sociais para o consumo de notícias.....	23
Figura 3 – Comentário de notícia publicada no <i>Facebook</i> .....	29
Figura 4 – Diagrama da Impolidez .....	46
Figura 5 – Exemplo de impolidez dirigida às pessoas que comentaram a matéria .....	54
Figura 6 – Exemplo de impolidez dirigida ao jornal .....	55
Figura 7 – Exemplo de impolidez dirigida às pessoas envolvidas na matéria .....	55
Figura 8 – Exemplo de <i>emoji</i> como elemento de mitigação de ameaça à face .....	58
Figura 9 – Exemplo de <i>emoji</i> como elemento de preservação à face .....	59
Figura 10 – Exemplo de <i>emoji</i> como estratégia de reparo .....	59
Figura 11 – Exemplo de <i>emoji</i> como elemento proxêmico .....	59
Figura 12 – Versão web <i>Export Comments</i> .....	67
Figura 13 – Procedimento para obtenção do link da notícia .....	68
Figura 14 – Página de download concluído do <i>Export Comments</i> .....	68
Figura 15 – Notícia Ministro do STF .....	70
Figura 16 – Notícia Maju Coutinho .....	82
Figura 17 – Notícia Prefeito Crivela .....	95

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Perfil do texto .....	77
Gráfico 2 – Padrão dos comentários .....	78
Gráfico 3 – Temática .....	78
Gráfico 4 – Posicionamento dos comentaristas .....	79
Gráfico 5 – Alvo da impolidez .....	79
Gráfico 6 – Perfil do texto .....	91
Gráfico 7 – Padrão dos comentários .....	91
Gráfico 8 – Temática .....	91
Gráfico 9 – Posicionamento dos comentaristas .....	92
Gráfico 10 – Alvo da impolidez .....	92
Gráfico 11 – Perfil do texto .....	101
Gráfico 12 – Padrão dos comentários .....	101
Gráfico 13 – Temática .....	101
Gráfico 14 – Posicionamento dos comentaristas .....	102
Gráfico 15 – Alvo da impolidez .....	102

## LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Tipos de Ameaça à Face .....	37
Quadro 2 – Estratégias de Impolidez Positiva .....	42
Quadro 3 – Estratégias de Impolidez Negativa .....	42
Quadro 4 – Fórmulas Convencionais de Impolidez .....	43
Quadro 5 – Opções de respostas à impolidez .....	48

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 COMUNICAÇÃO ON-LINE</b> .....	19
<b>2.1 A internet e as redes sociais</b> .....	19
<i>2.1.1 O Facebook</i> .....	23
<b>2.2 Os textos em ambiente on-line</b> .....	25
<i>2.2.1 O comentário on-line</i> .....	27
<i>2.2.2 O ambiente digital e o surgimento de conflitos</i> .....	29
<b>3 IMPOLIDEZ</b> .....	32
<b>3.1 A bipartição dos estudos sobre a impolidez</b> .....	33
<i>3.1.1 A primeira onda: Lakoff e Leech</i> .....	33
<i>3.1.2 A primeira onda: Brown e Levinson</i> .....	34
<i>3.1.2.1 Estratégias de polidez</i> .....	38
<i>3.1.3 A segunda onda e a abordagem contemporânea</i> .....	40
<b>3.2 Componentes da Impolidez</b> .....	47
<i>3.2.1 Intencionalidade</i> .....	47
<i>3.2.2 Cotextos e contextos</i> .....	47
<b>3.3 Funções da impolidez</b> .....	49
<b>3.4 Fatores integrantes da impolidez</b> .....	51
<b>3.5 Impolidez em comunicações on-line</b> .....	52
<i>3.5.1 Impolidez a partir de elementos não verbais em comunicações on-line: emojis</i> .....	57
<b>4 METODOLOGIA E PARÂMETROS PARA A ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	63
<b>5 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS</b> .....	70
<b>5.1 Notícia 1</b> .....	70
<b>5.2 Notícia 2</b> .....	82
<b>5.3 Notícia 3</b> .....	95
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	105
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	109
<b>ANEXO</b> .....	116

## 1 INTRODUÇÃO

O avanço das eras trouxe muitas mudanças na vida dos seres humanos. Entre essas alterações, é inegável a transformação da forma como nos comunicamos. Iniciando pelas sociedades ágrafas, cuja comunicação acontecia por meio de sons, sinais e gestos; depois pelas pinturas rupestres, precursoras da escrita; pelos hieróglifos, telégrafo, telefone, rádio, televisão, telefones celulares, computadores, *smartphones* e chegando à internet, muitas mudanças ocorreram (SERRANO, 2009). Nesse contexto, ainda que com as devidas ressalvas, pode-se afirmar que a comunicação por meio da internet já é uma realidade na vida da maior parte da população mundial<sup>1</sup>. Através de laptops, *smartphones*, *smart tvs*, entre outros, diariamente, milhares de dados trafegam pela Rede Mundial de Computadores. Para citar alguns, entre as finalidades dos acessos feitos à internet, é possível mencionar o uso das redes sociais, a leitura de notícias, o entretenimento e os estudos. Nesse ponto, nota-se que a rede é um espaço bastante variado, pois abriga inúmeras possibilidades, passando por diversos tipos de usuários, pela circulação de incontáveis gêneros textuais e por múltiplas formas de interação, tudo em tempo real. Essa sincronidade, de fato, oportuniza que a internet seja esse “lugar” ímpar de facilidades, um espaço no qual inumeráveis textos são compartilhados de forma simultânea, ao ponto de Amossy (2011) comentar que, “efetivamente, apenas a internet permite a divulgação em tempo real de uma enorme quantidade de arquivos”<sup>2</sup>. Observando a partir dessa ótica, a da pluralidade proporcionada pela internet, pode-se compreender um porquê do constante crescimento no número de usuários do ciberespaço.

Entre as atividades desenvolvidas na *web*, incluem-se as redes sociais: ambientes virtuais que propiciam a interação síncrona e/ou assíncrona entre pessoas de vários lugares. No conjunto das redes mais populares, destacam-se o *Facebook*, o *YouTube*, o *WhatsApp* e o *Instagram*<sup>3</sup>. Nesses espaços, de forma geral, as interações são diversificadas e podem abarcar várias possibilidades como o compartilhamento de vídeos, interações síncronas, envio de arquivos, postagens variadas, entre outros. No *Facebook*, por exemplo, além da interação pessoal, há também a divulgação e a venda de produtos, o compartilhamento de conteúdo

---

<sup>1</sup> Cerca de 63% da população mundial usa internet diariamente e esse número continua a crescer. A população que permanece “desconectada” vive, majoritariamente, na parte sul e no oriente na Ásia e África. Data Reportal 2022. Disponível em: <https://datareportal.com/global-digital-overview>.

<sup>2</sup> Tradução nossa. No original: De fait, seul l’Internet permet la diffusion d’une énorme somme de documents en temps réel (AMOSSY, 2011, p. 8)

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/> Acesso em: 01 ago. 2022.

visando à monetização (DANTAS; RAULINO, 2020), transmissões ao vivo de diversos tipos, promoção de eventos, publicação de notícias (CORREIA; MOREIRA, 2014), entre outros.

A ampliação dessas redes sociais, entre outras questões, se deve ao impacto que a tecnologia produz na sociedade. Sobre isso, em consonância com Barton e Lee (2013), Oliveira e Carneiro (2020) comentam que “as mudanças possibilitadas pela tecnologia levam a mudanças na vida das pessoas, que, por sua vez, têm impacto direto nas práticas comunicativas e no uso da linguagem” (OLIVEIRA e CARNEIRO, 2020, p. 35). Em outras palavras, compreende-se que a tecnologia incluiu “novas” práticas comunicativas, como as redes sociais, bem como diferentes usos da linguagem, na vida das pessoas. Ainda de acordo com as autoras referenciadas,

é por meio da linguagem que as mudanças sociais oriundas da adoção da tecnologia acontecem. A linguagem tem, então, papel central na compreensão das mudanças e da comunicação: ao mesmo tempo, a linguagem é influenciada pelas mudanças na forma de perceber o mundo e pelas novas formas de comunicação. (OLIVEIRA e CARNEIRO, 2020, p. 35)

Em outras palavras, Oliveira e Carneiro (2020) consentem que a linguagem participa de forma dual nas mudanças sociais tecnológicas: ela atua influenciando a forma como as pessoas se comunicam em ambiente digital (AD) e é, também, influenciada pela comunicação digital. Isso porque, a rápida difusão das redes sociais promove mudanças na forma como nos socializamos, produzindo a transformação dos padrões interacionais das pessoas e a reconfiguração dos gêneros textuais (OLIVEIRA e CARNEIRO, 2020).

Os comentários são um exemplo dessa reestruturação dos gêneros textuais propiciadas pelo meio digital. A partir de seu uso nas interações pela rede social, esse gênero textual, bastante conhecido, tomou novos contornos. O comentário on-line, um gênero textual plástico e dinâmico, capaz de moldar-se às necessidades comunicativas do usuário e ao ambiente onde está sendo publicizado, é largamente utilizado nas redes sociais. Um exemplo de emprego desses comentários acontece na manifestação de opiniões sobre as notícias que são postadas no *Facebook*. Constantemente, jornais, periódicos e revistas, valendo-se do amplo alcance ofertado por essa rede social (CUNHA, 2013), fazem a publicação de múltiplos conteúdos informativos e essas postagens funcionam, então, como “gatilhos” para a produção de comentários variados. A propósito, acerca desses textos on-line, em investigação procedida em sites de notícias, observa Cunha (2012) que, “do ponto de vista da construção do gênero, os comentários funcionam como um diálogo cotidiano, em que o propósito principal é interagir, a notícia servindo apenas como motivo a partir do qual os internautas “conversam”” (CUNHA, 2012, p. 30).

Partilhando do que defendem Oliveira e Carneiro (2018), de que o meio on-line é “um ambiente interacional transitório e licencioso, amplamente frutífero para a ocorrência de ataques verbais e de descortesia, ou de impolidez” (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2018, p. 7), entende-se que esses comentários, bem como outros gêneros que circulam nas redes sociais, parecem influenciar-se por essa característica peculiar do ambiente on-line: a pré-disposição para a “superficialidade e a incivilidade” (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2020, p. 48)<sup>4</sup>. Então, sob essa ótica e considerando que as redes sociais estão propensas ao surgimento de situações de conflito e violência (BARRETO FILHO, 2019, p. 88), nota-se que, sem qualquer conexão com a notícia, o comentário pode se tornar, efetivamente, um “espaço” para ataques verbais, críticas, xingamentos e insultos contra outros comentaristas, contra as pessoas noticiadas e até contra o veículo de comunicação (CUNHA, 2013), por mencionar alguns. Barreto Filho (2021), chega a afirmar que o “*Facebook* pode servir como um palco de disputas políticas e ideológicas onde interlocutores entram em conflito, gerando linguagem ofensiva e disputas identitárias” (BARRETO FILHO, 2021, p. 135).

Retomando a questão do avanço tecnológico, é conveniente mencionar que, ao longo dos anos, à medida que avançam as comunicações pela rede, mais interações on-line e, naturalmente, mais eventos impolidos acontecem, já que, como defende Culpeper (2011), não há comunicação sem eventos de impolidez. Assim, de acordo com Barton e Lee (2013), Oliveira e Carneiro (2020) reiteram que é preciso discutir a novidade que o meio on-line representa para a comunicação humana. Por isso mesmo, não em vão, acompanhando esse constante desenvolvimento interacional nas redes, nas últimas décadas, avançam os estudos linguísticos acerca das interações que acontecem em AD e, ato contínuo, da impolidez nesse ambiente (CULPEPER; HARDACKER, 2017).

Para citar alguns desses estudos sobre impolidez em AD, pode-se mencionar a pesquisa de Oliveira e Marciano (2022), cujo objetivo foi o de examinar a #edaí, *trending topic* no *Twitter* do Brasil nos meses de abril e maio de 2020. O referencial teórico dessa pesquisa foram os estudos da Teoria da Impolidez (Culpeper, 2011 Culpper, Haugh e Kádár, 2017) e da Teoria da Postura (DeBois, 2007 e Evans, 2016). Nessa investigação, observou-se que a #edaí, para além de organizar conteúdos na plataforma do *Twitter*, foi utilizada para formar vínculos sociais, para expressar postura e, ainda, como uma fórmula impolida (protesto político) com tom sarcástico e de deboche.

---

<sup>4</sup> Segundo as autoras, o estudo procedido por elas encontrou resultados análogos aos de Ott (2017), autor que definiu o *Twitter* como um ambiente caracterizado por “superficialidade, impulsividade e incivilidade”. (OTT, 2017, p. 60).

Nessa mesma perspectiva, dois estudos, igualmente relevantes, empreendidos pelas mesmas autoras (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2018, 2020), também investigaram a impolidez no *Twitter*, mais especificamente, quanto ao emprego das *hashtags* nessa rede social. A partir da primeira pesquisa (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2018), que teve como objetivo analisar as *hashtags* usadas, do ponto de vista da impolidez, para ataques verbais e como forma de afronta à imagem pública dos interactantes, constatou-se que as *hashtags* atuam como intensificadores e marcadores de comportamentos discursivos impolidos e ofensivos. Já na segunda pesquisa, (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2020), cujo objetivo era o de analisar o emprego das *hashtags* produzidas no *Twitter* durante a campanha eleitoral para presidente do Brasil no ano 2018, observou-se que o emprego de *hashtags* agressivas, quase sempre, ocorre com a presença de xingamentos e expressões vistas como agressivas e vulgares na sociedade brasileira.

Já o trabalho de Pereira (2020), objetivou à investigação das estratégias utilizadas pelos interactantes na construção de suas próprias intervenções em ambiente on-line (Site *Yahoo Notícias*). Ao longo dessa pesquisa, foram analisados e classificados os atos impolidos a partir da perspectiva proposta por Culpeper (1996; 2005). O estudo aponta para a interessante constatação de que os comentários evidenciam a intenção deliberada pela ofensa, convertendo-os em veículos de comportamentos impolidos.

De semelhante modo, também há pesquisas que investigam a impolidez no *Facebook*. No estudo de Barreto Filho (2019), foram analisados textos dessa rede social com o objetivo de descrever o funcionamento e a configuração da (im)polidez em discussões públicas desse espaço virtual. A pesquisa verificou que a (im)polidez revelava-se através de agressões, preservação e ridicularização. Também se constatou que é mais recorrente o ataque a grupos e a preservação a indivíduos nessas interações pelo *Facebook*.

Partindo, então, do pressuposto de que há impolidez nos comentários de notícias publicadas no *Facebook* e, considerando, ainda, que o consumo de notícias pelas redes sociais, inclusive pelo *Facebook*, é uma realidade em constante aumento (SEGADO-BOJ; CHAPARRO DOMÍNGUEZ; GONZÁLEZ-AGUILAR, 2021), a presente pesquisa pretende responder à seguinte questão: quais elementos verbais e não verbais participam da construção da impolidez nos comentários de notícias publicadas no *Facebook*?

Em sintonia com os trabalhos aqui apresentados, a pesquisa à qual nos propomos também tem a impolidez como um objeto de pesquisa. Para além disso, considerando a relevância da internet e a multiplicidade de interações nesse ambiente, essa pesquisa, especificamente, põe relevo na investigação dos atos impolidos nos comentários de notícias do *Facebook*. Assim, com a finalidade de investigar a manifestação da impolidez, tomamos um

*corpus* formado por 286 comentários, relacionados a três notícias, postados nessa rede social. A partir dessa coletânea, à luz de estudos sobre impolidez<sup>5</sup> em comentário on-line (CUNHA, 2013; BALOCCO, SHEPHERD, 2017; PEREIRA, 2020; ALBUQUERQUE, SEARA, SANTOS, TOMAZI, 2021<sup>6</sup>)<sup>7</sup> e dos estudos acerca da impolidez (CULPEPER, 2011; CULPEPER, HARDACKER, 2017), traçamos o objetivo geral da pesquisa, que consiste em analisar os comentários impolidos de notícias publicadas no *Facebook*. Dada a especificidade do *corpus* – composto exclusivamente por comentários de notícias publicadas no *Facebook* e não em sites especializados em notícias – temos como objetivos específicos (1) descrever os elementos verbais e não verbais que participam da construção de eventos impolidos nos comentários e (2) identificar os aspectos mais marcantes dos comentários de notícias impolidos, tais como objetivo comunicativo, temática, perfil do locutor (posicionamento em relação ao tema), interlocutor preferencial, engajamento, conexão entre o comentário e a notícia, entre outros.

Considerando, assim, o objetivo geral e os específicos, entendemos que esse trabalho traz contribuições para os estudos da impolidez, principalmente, pela especificidade do *corpus*, composto por comentários de notícias publicadas no *Facebook*. Esse aporte refere-se ao fato de que há, segundo nossos estudos, no Brasil, mais trabalhos que analisam comentários de notícias publicadas em sites especializados (CUNHA, 2013; BALOCCO, SHEPHERD, 2017; PEREIRA, 2020) do que os que analisam esses comentários relacionados a notícias publicadas no *Facebook* (ALBUQUERQUE, SEARA, SANTOS, TOMAZI, 2021). Essa peculiaridade, potencialmente, traz a possibilidade de se investigar o funcionamento do comentário impolido cuja temática estaria, em teoria, vinculada a uma notícia que fora publicada em uma rede social extremamente relevante. O termo “em teoria” aqui empregado alude ao fato de que, como mencionado anteriormente, estudos (CUNHA, 2013; BARRETO FILHO, 2019) revelam que nem sempre o gênero comentário on-line está conectado ao texto que o motivou. Ainda assim, porém, pareceu-nos particularmente interessante ter a notícia no *Facebook* como pano de fundo, pois ela possivelmente traria à tona uma temática atual, permitindo a expressão de múltiplos pontos de vista. A partir desse engajamento entre os comentaristas, a diversidade de opiniões potencialmente polêmicas contribuiria para o surgimento do conflito.

---

<sup>5</sup> Termo não “exclusivamente” empregado nesses estudos. Consideram-se aqui agressões, violência verbal, discurso conflituoso e impolidez.

<sup>6</sup> Esse último, inclusive, analisa as estratégias linguístico-discursivas (im)polidas que subjazem aos posicionamentos dos leitores que opinam acerca de uma notícia publicada no *Facebook*.

<sup>7</sup> Lista não exaustiva.

Em segundo lugar, é importante lembrar que, do ponto de vista linguístico, ainda há muito a ser pesquisado e descrito no que concerne aos estudos sobre a impolidez em meio on-line, já que a ascensão das mídias sociais é relativamente recente. Ainda é relevante expor que, como se verá ao longo dessa explanação, a área de estudos sobre a impolidez pode avançar muito, principalmente com investigações específicas sobre ela. Isso porque, parte das pesquisas desenvolvidas nessa área ainda estão mais voltadas à Teoria da Face (GOFFMAN, 1967) e à Teoria da Polidez (BROWN e LEVINSON, 1987) – estudos pioneiros que deram origem às investigações acerca da impolidez. Atentando-se a isso, o presente trabalho põe em relevo as teorias mais recentes sobre a Impolidez, especialmente a partir dos ensaios de Culpeper (2017). Esses últimos trabalhos, em boa medida, dedicam-se a abordagens mais específicas sobre a impolidez e propõem novas possibilidades de pesquisa. Especialmente com esses estudos, nossa pesquisa se alinha.

Para concluir, destacamos que esse trabalho foi organizado da seguinte forma: no capítulo 2, desenvolvemos um panorama sobre as comunicações on-line – a evolução da comunicação pela internet, os gêneros textuais produzidos nesse ambiente, mais especificamente, os comentários on-line, e as redes sociais.

Na seção 3, foi traçado um itinerário histórico e evolutivo acerca das teorias relacionadas à polidez e aos estudos sobre a impolidez. A adoção desse percurso foi necessária para que a teoria da Impolidez fosse compreendida da forma como realmente é: um estudo de evolução gradativa no qual os primórdios são relevantes para as concepções modernas. Por fim, as seções 4 e 5 apresentam a metodologia e a análise dos dados.

## 2 COMUNICAÇÃO ON-LINE

### 2.1 A internet e as redes sociais

A tecnologia digital está presente em quase todas as atividades humanas (ARAÚJO; VILAÇA, 2016) e sua popularidade segue crescendo. No caso da internet, por exemplo, constata-se um aumento no número de usuários no Brasil<sup>8</sup>, passando de 90 milhões (2012) para 134 milhões (2019). Em 2012, 49% dos domicílios brasileiros contavam com acesso à rede. Em 2019, esse número subiu para 74%. No ano de 2020, o Brasil figurava como o 4º país em número de internautas, com mais de 149 milhões de usuários, cerca de 70% da população brasileira<sup>9</sup>. Todas essas cifras colocam a internet como o segundo meio de comunicação mais utilizado no Brasil, perdendo apenas para a televisão (presente em cerca de 96% dos lares brasileiros).

Graças a essa rede global de computadores e a toda sua tecnologia, a comunicação que era, por vezes, lenta e até burocrática, agora, acontece em poucos minutos e de forma facilitada. Ainda há que se considerar que após o aumento de sua popularidade, mudanças importantes foram acontecendo na interação digital: a tela, por exemplo, que era majoritariamente a dos computadores e laptops, agora é a dos *smartphones*. Segundo Lemos (2007), esses dispositivos móveis são “a ferramenta mais importante de convergência midiática hoje” (LEMOS, 2007, p. 1). Pesquisa divulgada em 2021 também confirma essa afirmação, pois, segundo dados, em média, 98% da população usa o *smartphone* para acessar a internet<sup>10</sup>. Sobre a mesma temática, Lillo (2015) afirma que

Em virtude de sua mobilidade e acessibilidade por meio da internet, os *smartphones* cumprem um papel fundamental na vida das pessoas. Os aplicativos desses dispositivos permitem acesso às redes sociais, mensagens instantâneas, navegadores, informação e entretenimento. Atualmente, a tecnologia, a eletrônica e o mundo digital invadiram nossas vidas. Em poucas décadas, o salto tecnológico da humanidade foi surpreendente, mudando nossa forma de relacionar, nossa comunicação e nosso ambiente. (Lillo, 2015, p. 121)<sup>11</sup>

<sup>8</sup> Disponível em: < <https://www.statista.com/statistics/255208/number-of-internet-users-in-brazil/>>. Acesso em 17 out. 2021.

<sup>9</sup> Grupo de Mídia, edição 2021 do Mídia Dados “Mídia para Todos”, p. 142. Disponível em: < <https://midiadadosgmsp.com.br/2021/>>. Acesso em: 23 out. 2021

<sup>10</sup> Grupo de Mídia, edição 2021 do Mídia Dados “Mídia para Todos”, p. 146. Disponível em: < <https://midiadadosgmsp.com.br/2021/>>. Acesso em: 23 out. 2021

<sup>11</sup> Tradução nossa. No original: Los smartphones, cumplen con un rol fundamental en la vida de las personas por su movilidad y accesibilidad a la información por medio de Internet, también sus aplicaciones les permiten accesibilidad por medio de Internet a redes sociales, mensajería instantánea, navegadores, información y entretenimiento. Hoy en día, la tecnología, la electrónica y el mundo digital han invadido nuestra vida cotidiana. En pocas décadas el salto tecnológico de la humanidad ha sido inaudito, cambiando nuestra relación, comunicación y entorno. (Lillo, 2015, p.121)

Assim, como defendido por Lillo (2015), percebe-se que esse aparato tecnológico não só facilitou a comunicação, já que está acessível nas palmas das mãos, em lugares e momentos diferentes, como também modificou a forma como as pessoas interagem. Percebe-se, então, que o celular não é mais um aparelho para originar e receber ligações apenas, mas uma fonte inesgotável de possibilidades comunicativas e informacionais em tempo real<sup>12</sup>.

Desse modo, a partir da tecnologia, a informação é disseminada de forma cada vez mais rápida e eficaz (Rodrigues, 2010) e pessoas do mundo inteiro, em poucos instantes, podem acessar, ver, ler, ouvir e comentar os conteúdos recebidos. Em suma, “conectados à internet, temos à disposição uma infinidade de textos de diferentes gêneros, com discursos de várias etnias, religiões, ideologias cultura, idiomas e contextos.” (ZACHARIAS, 2016, p. 16). Com o avanço da internet, observou-se também a expansão das interações através das redes sociais digitais, sobretudo na última década (HANPRATHET, 2015). De forma simplificada, a partir desse ponto, trataremos de forma genérica como “redes sociais” também os sites de redes sociais (SRSs)<sup>13</sup>.

Segundo Boyd e Ellison (2008), o surgimento desses meios de interlocução remonta a 1997, com a *sixdegree.com*, que se autointitulou como “uma ferramenta para ajudar as pessoas a se conectarem e enviarem mensagens umas às outras” (BOYD; ELLISON, 2008, p. 214). Os autores ainda explicam que as redes sociais (SNSs – *social network sites*) são aqueles ambientes virtuais que permitem que os sujeitos construam perfis individuais que podem ser publicizados e compartilhados, através dos quais várias conexões podem ser criadas.

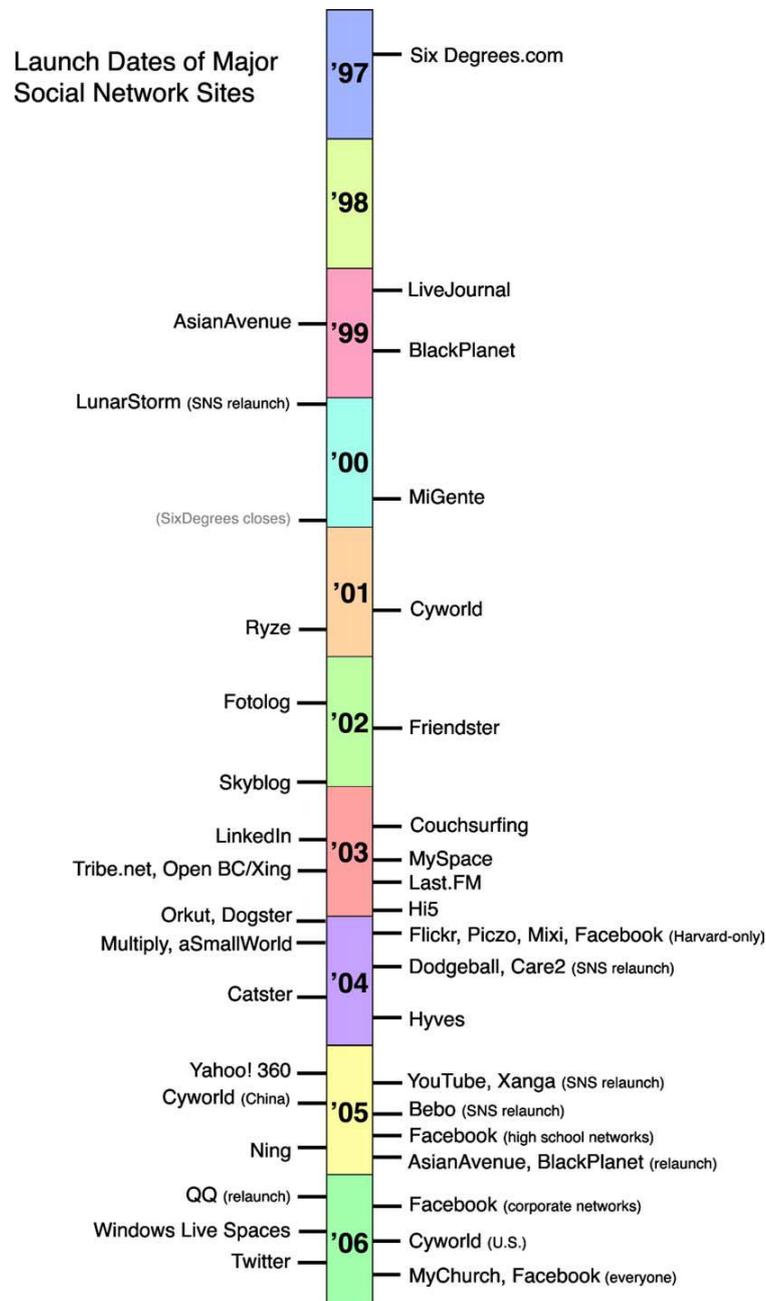
A partir da *sixdegree.com*, várias outras redes foram surgindo, ganhando e perdendo força ao longo do tempo e esse fluxo continua atualmente. A figura que segue destaca o surgimento de algumas dessas redes sociais entre 1997 e 2006.

---

<sup>12</sup> Em 2020, cerca de 90% do total de usuários da internet – mais de 4,6 bilhões, acessam a web pelo celular. Disponível em: < <https://www.statista.com/topics/779/mobile-internet/>>. Acesso em 17 out. 2021. No Brasil, aproximadamente 99% dos usuários de internet afirmam utilizar o celular para acessar a rede. Disponível em: < <https://www.statista.com/statistics/1000885/share-mobile-phone-internet-users-brazil/>>. Acesso em: 17 out. 2021

<sup>13</sup> Recuero (2014) comenta acerca da distinção entre sites de redes sociais e redes sociais na internet, propriamente. A autora considera como SRS “toda a ferramenta que for utilizada de modo a permitir que se expressem as redes sociais suportadas por ela” (RECUERO, 2009, p. 102)

Figura 1 – Linha do tempo das redes sociais



Fonte: BOYD; ELLISON, 2008, p. 212

Após o ano de 2006, não menos importantes, outras redes sociais foram surgindo, como o *Tumblr* (2007), o *Foursquare* (2009), o *WhatsApp* (2009), o *Instagram* (2010), o *Snapchat* (2011), o *Tinder* (2012), o *Telegram* (2013), o *Pinterest* (2013) e o *TikTok* (2016)<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/a-evolucao-das-redes-sociais-e-seu-impacto-na-sociedade-parte-2-108116/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

Em consonância com Boyd e Ellison (2008), ainda acerca das redes sociais, Bernal e Ângulo (2013) definem-nas como as comunidades das diferentes esferas virtuais onde (1) se podem criar perfis públicos, (2) a interação de indivíduos próximos é dinamizada e (3) o círculo social é dinâmico. Já Chóviz e Marco (2012) defendem que as redes sociais são ferramentas que possibilitam o estabelecimento de contato com grupos de pessoas, a ampliação do círculo social de comunicação e o compartilhamento de experiências e informações. Acerca desse tópico, Araújo e Vilaça (2016), comentam que

As redes sociais digitais possibilitam que os indivíduos interajam com outros usuários da rede, que leiam notícias, opinem, reivindicuem, produzam seu próprio conhecimento, divulguem informações e até mesmo se mobilizem coletivamente. São novas maneiras de compartilhar, usufruir e fazer parte da sociedade em que vivem. (ARAÚJO; VILAÇA, 2016, p. 18)

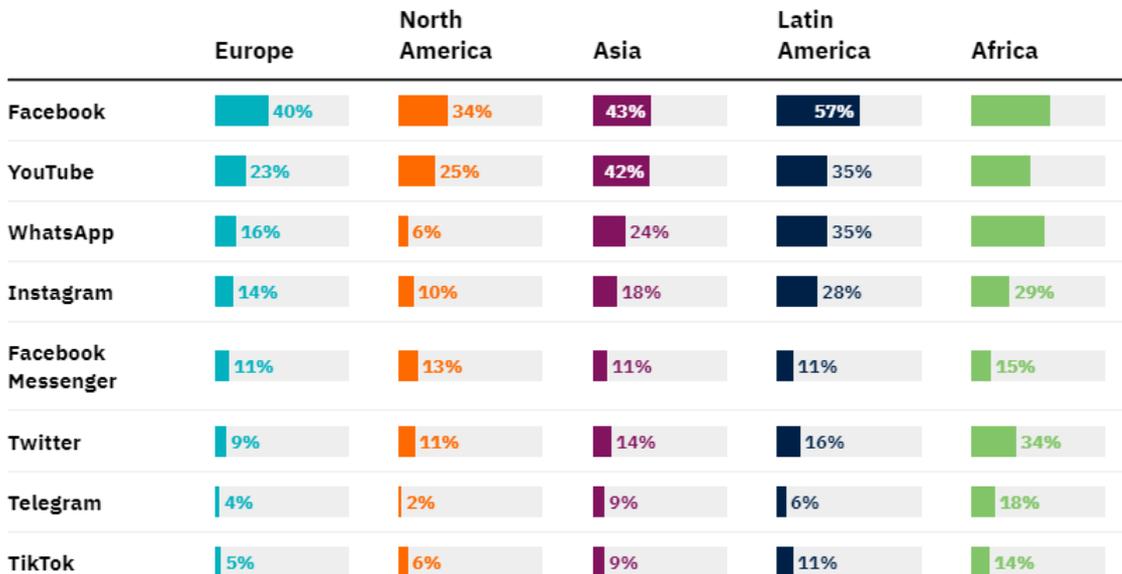
Então, de acordo com os teóricos, percebe-se que esses ciberespaços se “converteram em plataformas de autocomunicação em massa” (CASTELLS, 2012). São ambientes importantes para a sociedade moderna, pois promovem as comunicações pessoais e profissionais, a expressão do pensamento, os compartilhamentos, a leitura de notícias, bem como diversas outras formas de interação.

Como visto, as possibilidades que as redes sociais digitais proporcionam são muitas e, a cada momento, a diversidade aumenta. No que diz respeito ao consumo de notícias – também parte da presente pesquisa – essas redes igualmente têm destacada importância, pois “promovem a interatividade e a participação dos seus usuários, possibilitando não só o acesso à informação, mas também a possibilidade de a divulgar a seu modo” (ARAÚJO; VILAÇA, 2016, p. 29). Conforme observa-se no gráfico que segue, pesquisa publicada pelo Instituto *Reuters* – Universidade de *Oxford* (2022) revela que grande parte dos internautas acessam as redes sociais com o fim de se manterem informados.

Figura 2 – Uso das redes sociais para o consumo de notícias

### Proportion who used each social network for news in the last week

Selected regions



Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/dnr-executive-summary>. Acesso em: 04 ago. 2022.

A partir de dados do gráfico, percebe-se que, em todo o mundo, internautas declaram que acessam as redes sociais para a leitura<sup>15</sup> de notícias. Nota-se, também, que, entre essas redes, o *Facebook*, em todas as regiões participantes – sobretudo na América Latina, lidera o *ranking* de acessos para a leitura de jornais e notícias. Aliás, não só com relação às notícias, essa rede social tem-se mostrado relevante no cenário mundial há alguns anos, por isso mesmo, é igualmente conveniente apresentarmos um breve percurso dela.

#### 2.1.1 O Facebook

De acordo com Islas, Arribas e Garcés (2021), em 28 de outubro de 2003, *Mark Zuckerberg* publicou sua primeira rede social digital, o *FaceMash*. Segundo os autores, o site era reservado a estudantes do sexo masculino da *Harvard*, universidade na qual *Zuckerberg* cursava o 2º ano de psicologia. Semelhantemente, Boyd e Ellison (2008) afirmam que o

<sup>15</sup> Convém esclarecer que aqui, adota-se “leitura” como um termo genérico e equivalente a “consumo de notícias”. A mesma pesquisa evidencia que, em diferentes regiões do mundo, a escolha entre ler ou assistir às notícias muda de uma região para a outra – embora, de forma geral, a preferência majoritária seja pela leitura, propriamente. Isso quer dizer que, considerando as múltiplas possibilidades das redes sociais, é possível que o “acesso às redes sociais para fins informativos” (proposto no título do gráfico) também aconteça por vídeos.

*Facebook* surgiu em 2004 como uma rede restrita aos usuários que usavam o e-mail (domínio) da *harvard.edu*.

A partir de setembro de 2005, o *Facebook* expandiu suas atividades, incluindo estudantes, profissionais de algumas corporações e até alguns da comunidade em geral. Em 2006, ocorre uma nova expansão no *Facebook*, sendo permitido o ingresso de qualquer usuário com mais de 13 anos e com endereço de e-mail válido (CORREIA; MOREIRA, 2014). Em 2007, *Zuckerberg* introduziu no *Facebook* um sistema, o *Beacon*, que permitia o resgate de informações de compras realizadas pelos usuários do *Facebook* em outras páginas da *web* (ISLAS; ARRIBAS; GARCÉS, 2021, p. 475). Segundo Islas, Arribas e Garcés (op. cit), através dessa ferramenta “sem permissão alguma dos usuários do *Facebook*, *Zuckerberg* os havia convertido em uma autêntica equipe de promoção e vendas.” Ainda de acordo com os autores, em 2009, o botão “*like*” (gosto) foi adicionado à rede social, o que produzira um significativo aumento no tempo que os usuários dedicavam ao *Facebook*, bem como facilitaria o desenvolvimento do mercado da publicidade. Em 2017, foram modificados os algoritmos<sup>16</sup> do *Facebook* e *Zuckerberg* estabelece a nova missão para a rede social – “dar às pessoas o poder de construir comunidades e aproximar o mundo”. Finalmente, ainda conforme os autores, em 28 de outubro de 2021, durante a conferência anual *Connect*, *Zuckerberg* anunciou a mudança do nome corporativo do *Facebook* para *Meta*.

Entre as inúmeras possibilidades dessa rede digital, pode-se destacar: (1) sistema de mensagens de caráter particular e público (GRIMMELMANN, 2009); (2) “feed de notícias e *homepage* personalizada e atualizada em tempo real – *timeline*” (CORREIA; MOREIRA, 2014, p. 173); (3) compartilhamento de fotos com a possibilidade de identificar e de nomear outros usuários da rede que estejam na foto “*tag*”; (4) interação social com pedidos de amizade, envio de mensagens e comentários que podem ser marcados com o “*like*”; (5) comercialização através do *marketplace* (mercado) (TELLES, 2010), (6) entretenimento nas páginas de jogos, leitura de notícias, entre outros.

Acerca da relevância dessa rede social digital, Islas, Arribas e Garcés (op. cit) comentam que

*Facebook*, o experimento social de maior influência e impacto na cultura das sociedades contemporâneas, conseguiu afirmar-se como a rede social digital mais popular do mundo. Atualmente, tem quase 3 bilhões de usuários ativos. Seu valor na Bolsa de Valores supera o Produto Interno Bruto (PIB) de um considerável número de países. Mesmo sem armamento, o *Facebook* é tão poderoso e tão influente quanto alguns países. Em número de usuários, supera a China, a nação mais povoada do

---

<sup>16</sup> Islas, Arribas e Garcés (2021) afirmam que o documentário *The Social Dilemma*, de Orlowski, Davis Coombe e Vickie Curtis divulga que os algoritmos são “responsáveis” pela tomada de decisões importantes no *Facebook*.

mundo. [...] não poucas pessoas no mundo pensam que o *Facebook* é a própria Internet. (ISLAS; ARRIBAS; GARCÉS, 2021, p. 471)<sup>17</sup>

Como visto, ao longo dos anos, o *Facebook* foi crescendo e adquirindo tamanha importância que chega a ser confundido com o próprio conceito de internet. Segundo o fundador da rede, “o *Facebook* é uma empresa que cria tecnologia para conectar as pessoas; não é só uma empresa de redes sociais”<sup>18</sup>. As cifras que envolvem essa rede social também são impressionantes. Segundo o *Social Digital 2022*<sup>19</sup>, o *Facebook* é a plataforma digital com maior número de contas ativas de usuários no mundo, e tem, no Brasil (4º país em número de usuários dessa rede), cerca de 116 milhões de usuários, 53% mulheres e 47% de homens, de várias idades. Ainda segundo a pesquisa, o *Facebook* é o segundo aplicativo mais usado nos celulares, perdendo apenas para o *WhatsApp*; e o terceiro em número de downloads, perdendo apenas para o *Messenger* e para o *WhatsApp*, marcas também pertencentes ao *Facebook*. Em pesquisa publicada em julho de 2022, a plataforma de dados *Statista* disponibilizou um relatório com o ranking das redes sociais mais populares do mundo em janeiro de 2022. Segundo o relatório, o *Facebook* é a rede social mais utilizada, com mais de 2,9 bilhões de usuários, seguido pelo *Youtube* e pelo *WhatsApp*, com 2,5 e 2 bilhões de usuários cada, respectivamente<sup>20</sup>.

## 2.2 Os textos em ambiente on-line

Toda a celeridade e fluidez proporcionadas pela internet e pelas redes sociais, inevitavelmente, influenciam a produção e recepção dos textos que circulam nesse meio. A esse respeito, Oliveira e Carneiro (2020) comentam que uso da tecnologia varia entre os usuários, que fazem adaptações em função da necessidade e o contexto de uso. Essas adequações configuram e moldam o ambiente on-line, um espaço multimodal e dinâmico (BARTON; LEE, 2015). Nota-se, ainda, que, nesse meio, há uma fugacidade e uma relatividade da informação, o que favorece a percepção de que é preciso se inteirar a cada instante, pois os cenários são

---

<sup>17</sup> Tradução livre. No original: En su corta vida, *Facebook*, el experimento social de mayor influencia e impacto en la cultura de las sociedades contemporáneas, consiguió afirmarse como la red sociodigital más popular en el mundo. Hoy cuenta con casi tres mil millones de usuarios. Su valor en bolsa supera al Producto Interno Bruto (PIB) de un considerable número de naciones. Aún sin armamento, *Facebook* es tan poderoso e influyente como algunos Estados. Por el número de usuarios supera a China, la nación con la mayor población. [...] no pocas personas en el mundo suponen que *Facebook* es Internet.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://cnnespanol.cnn.com/2021/10/28/facebook-meta-nuevo-nombre-empresa-trax/>. Acesso em: 03 ago. 2022.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>. Acesso em: 01 ago. 2022.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

constantemente mudados (BOZZA, 2016). Sobre essa contingência das publicações on-line, tal como se lê no trecho a seguir, Maingueneau (2015) afirma que existe uma problemática envolvendo os textos digitais, pois a liberdade para mudar as postagens torna impossível o conhecimento das versões anteriormente produzidas pelos internautas.

[...] o texto online pode ser modificado a cada minuto em seu conteúdo, em sua apresentação ou em sua posição na arquitetura do site, de forma que é impossível afirmar qual é a “boa versão”. Quando o autor modificava um texto impresso de uma edição a outra, era fácil comparar as diferentes versões e estabelecer um aparato crítico. Nada disso ocorre com os “textos” da internet, dado que a noção de rascunho não é mais pertinente para descrever a passagem de uma versão a outra do que é publicado na web. (MAINGUENEAU, 2015, p. 177).

Como visto, o autor defende que os textos on-line não podem ser concebidos da mesma forma como os textos tradicionais o eram, pois a *web* possibilita diversas inovações na produção textual, como é o caso da brevidade das produções, que podem ser alteradas, complementadas e, até mesmo, excluídas, rapidamente. Essa visão está estreitamente ligada ao que preconizam Barton e Lee (2015) quando afirmam que

Os links entre os textos são complexos no plano online, e a intertextualidade é comum em textos online, pois as pessoas recorrem e jogam com outros textos disponíveis na web. Novas mídias também introduziram novas relações entre as noções tradicionais de fala e escrita. Mais gêneros híbridos são identificados na web. (BARTON; LEE, 2015, p. 31)

Então, nota-se que, de acordo com os autores, diferentemente do contexto anterior, os textos não são formas estáveis e rígidas. Agora, os textos são criados e recriados a todo momento. São ferramentas híbridas e criativas, que favorecem a agilidade e a efetividade na comunicação. Essa celeridade e imediatismo requeridos pelas mídias on-line implicam, ainda, em um posicionamento diferenciado por parte do leitor, já que ele precisa moldar-se aos novos padrões e às novas exigências colocadas pelos textos para que a leitura ocorra.

Considerando, então, essas demandas contemporâneas, naturalmente, “novos” gêneros textuais on-line foram surgindo (MARCUSCHI, 2010). Diga-se que esses “novos” gêneros não são uma inovação completa, pois como preceitua Bakhtin (1997), os gêneros são *transmutados*, ou seja, a partir das bases pré-existentes, os “novos” gêneros são construídos. A título de exemplificação, pode-se mencionar um gênero digital, o e-mail, que, na verdade, é uma atualização da carta, só que enviada eletronicamente.

Acerca dos gêneros, Marcuschi (2010) afirma que eles são fenômenos que, por suas características sociodiscursivas, estão presentes em todas as comunicações humanas.

os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2010, p.19)

Como visto, Marcuschi (2010) defende que os gêneros textuais são produzidos coletivamente, ou seja, a partir do uso socialmente realizado, estruturas discursivas vão sendo criadas e continuamente empregadas. A partir daí, cria-se uma repetição, mais ou menos estável, que contribui para a organização das comunicações. Essa flexibilidade permite o constante surgimento e atualização dos gêneros. Os gêneros acompanham as inovações sociais e tecnológicas e, a cada momento, alguns podem surgir e outros podem desaparecer.

Essas novas<sup>21</sup> formas de comunicação, conseqüentemente, implicam, como dito, contínua atualização nas formas de agir e de reagir frente aos textos que são produzidos em ambiente on-line. Entre esses gêneros textuais emergentes, estão os tuítes, os comentários, os *posts* e os compartilhamentos.

### **2.2.1 O comentário on-line**

Embora não se trate a presente pesquisa de um estudo específico acerca do comentário on-line, esse gênero será a fonte (o *corpus*) que possibilitará as análises da impolidez. Assim, torna-se relevante a apresentação de uma breve teoria acerca dele. De acordo com Cunha (2012), o comentário on-line “é uma prática social que faz parte da vida cotidiana de milhares de pessoas” (CUNHA, 2012, p. 27). É um gênero versátil, atual e que guarda alguma semelhança com um diálogo face a face. Ele possibilita, inclusive, uma interação entre os próprios comentaristas (CUNHA, 2012). Sobre isso, Cunha (2012) preceitua que

O comentário é, portanto, uma prática discursiva que tem o seu propósito e suas regras: A partir de um texto fonte, o leitor constrói novos discursos, reacentuando diferentemente os aspectos temáticos, os sentidos múltiplos, explícitos ou

---

<sup>21</sup> Na verdade, o termo “novas” está aqui empregado de forma genérica, pois o advento da comunicação mediada pelo computador era novidade na década de 90. Assim, trataremos como “novas formas de comunicação” as constantes atualizações porque passam as interações modernas. A tendência é a de que as comunicações on-line passem por mudanças constantes, pois o que se publica hoje, rapidamente, se torna ultrapassado. (BARTON; LEE, 2015, p. 20-21)

subentendidos, ou introduzindo deslocamentos e mudanças de temas em função do seu PDV. (CUNHA, 2012, p. 28)<sup>22</sup>

O comentário on-line também pode ser visto como um tipo de diálogo em que, diferentemente das cartas de leitor enviadas aos jornais, tudo pode ser dito e publicado, pois, em geral, eles não são editados<sup>23</sup> (BALOCCO; SHEPHERD, 2017, p. 1022). Essa “permissividade” dos comentários on-line facilita, em grande medida, a ocorrência de vocabulário grosseiro, marcado por ofensas verbais, insultos, agressões e críticas desacompanhadas de argumentação (CUNHA, 2013).

Iniciados a partir de um texto motivador, os comentários estão presentes em diversas mídias digitais e redes sociais. Eles podem produzir caminhos variados bem como valerem-se de diferentes estratégias para a produção de sentido. Os objetivos comunicativos desse gênero também variam de um comentarista para outro, ou seja, o autor do comentário pode discutir o conteúdo do texto base; buscar adesão ao seu ponto de vista; debater publicamente uma temática; interagir com outro comentarista, entre outros (CUNHA, 2013, p. 247).

Nessa mesma perspectiva, Balocco e Shepherd (2017) defendem que os comentários são textos opinativos, que permitem o compartilhamento de diferentes pontos de vista sobre o assunto em discussão. Ainda segundo as autoras, eles podem ser vistos como novos espaços de articulação dos discursos político e midiático.

Assim como ocorre com outros textos que transitam no meio digital, caracterizados pela presença de hibridismo e pela semiose entre signos verbais, sons, imagens e formas em movimento (MARCUSCHI, 2010), não é incomum, por exemplo, o emprego de memes<sup>24</sup>, *emojis*<sup>25</sup> ou imagens nos comentários on-line (Figura 3).

---

<sup>22</sup> A noção de Ponto de Vista (PDV) tem sido amplamente discutida por diferentes teóricos (Ducrot, 1984; Rabatel, 2008; entre outros). Simplificando, CUNHA (2012) compreende o PDV como um posicionamento axiológico, uma atitude valorativa, um julgamento de valor social, “uma noção incerta por natureza”.

<sup>23</sup> Por “editados” aqui entende-se a interferência do meio de comunicação (jornal ou revista) na publicação feita pelos leitores. Obviamente, o comentário on-line, como vários textos produzidos nesse meio, tem como característica a possibilidade de edição por parte do seu próprio autor.

<sup>24</sup> [...] quando você imita alguma outra pessoa, algo é passado adiante. Este ‘algo’ pode então ser passado adiante novamente, e de novo, e assim ganhar vida própria. Podemos chamar esta coisa uma ideia, uma instrução, um comportamento, uma informação... mas se nós vamos estudá-la precisamos dar a ela um nome. Felizmente, há um nome. É o ‘meme’. (BLACKMORE, 2000, p.3). Tradução nossa.

<sup>25</sup> Emoji é um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. O termo “*emoji*” é de origem japonesa, composto pela junção dos elementos *e* (**imagem**) e *moji* (**letra**). Destaques do autor. Disponível em: < <https://www.significados.com.br/emoji/>>. Acesso em: 23 out. 2021

Figura 3 – comentário de notícia publicada no Facebook



Disponível em: < <https://glo.bo/3C5gSfF> >. Acesso em: 23 out. 2021

Tal como se nota na imagem acima, o primeiro comentário on-line valeu-se de um texto verbal e o segundo, de um texto verbal e de um não verbal (*emojis*). Como já dito, ainda outras possibilidades propiciadas pelo AD poderiam ter sido exploradas e é possível que novos moldes aconteçam, pois, incrementado pela popularidade da comunicação digital e pelo constante avanço das tecnologias, esse gênero segue em constante expansão.

### 2.2.2 O ambiente digital e o surgimento de conflitos

Como visto até aqui, a ampliação da tecnologia e da popularidade das redes sociais abriu espaço para conversações em rede e para diferentes formas de interação virtual. Graças à hiperconexão das redes (pessoas que não se conheciam ou que se conhecem muito pouco e que se conectam pelas práticas sociais dos atores, ampliando as características dos públicos em rede), essas interações virtuais podem alcançar públicos inimagináveis, bem como efeitos inesperados. Nesse sentido, de acordo com Recuero (2012),

Quanto mais conectadas estão essas redes, mais visíveis estão as mensagens que são publicadas pelos atores e mais capazes são de ser discutidas, buscadas, replicadas e reproduzidas pelos demais. E é essa capacidade da conversação de transcender o

grupo que a iniciou, navegando pelas conexões dos sites de rede social e ampliando a audiência e a participação dos demais que caracteriza as conversações em rede. (RECUERO, 2012, p. 4)

De acordo com a autora, as conversações em rede valem-se de uma gama de variáveis que permitem que as mensagens produzidas atinjam instâncias múltiplas, podendo ser comentadas, replicadas e, facilmente, possam extrapolar o grupo que as iniciou. Por tudo isso, percebe-se que o ambiente on-line, tipicamente, mostra-se aberto e facilitador da comunicação humana, mas, por outro lado, também revela situações desanimadoras e constrangedoras. Sobre isso, Mason (2008) comenta que com o crescimento da interação on-line foram surgindo problemas de diversas ordens. Segundo o autor, favorecidos pelo anonimato e pela invisibilidade, são disseminados, em tempo real, *fake News*, comentários inconvenientes, agressivos ou mentirosos na *web*. Assim, inevitavelmente, a diversidade de redes sociais disponíveis também facilita a propagação dos conteúdos danosos, já que eles podem ser replicados em várias fontes e em poucos instantes. O resultado é que toda essa facilidade de comunicação, respaldada pela falsa liberdade de expressão, pode favorecer a ocorrência de exemplos de impolidez<sup>26</sup> em textos on-line. A esse respeito, Oliveira e Carneiro (2018) enfatizam que a comunicação digital, particularmente, propicia um ambiente amplamente frutífero para a ocorrência de descortesia e de ataques verbais. Somado a isso, existe a possibilidade de o usuário criar perfis falsos, alterar ou deletar publicações, entre outros.

Nessa mesma orientação, Recuero (2012) reafirma que “a conversação em rede é um espaço frutuoso para a emergência de discussões inflamadas, discursos agressivos e ofensivos e mesmo para a propagação da violência” (RECUERO, 2012, p. 10) e ainda estabelece uma conexão entre esses atos e a (im)polidez. Assim, segundo a autora, facilmente, declarações mal interpretadas podem soar como atos de impolidez em conversas on-line. Em caso de comunicações assíncronas, como acontece com os comentários publicados no *Facebook*, por exemplo, essa avaliação pode ficar ainda mais complexa, pois a falta de interação simultânea dificulta os ajustes de atenuação ou reparação – os trabalhos de face mencionados por Goffman (1967) – naturalmente praticados entre os falantes. A falta dessa negociação nesses ambientes on-line favorece alguma forma de violência, ainda que representativa, pois quanto mais distantes estão os atores, menos compromisso eles têm com a preservação da face do outro.

Todo o ato de atentado à face, no espaço da mediação do computador, representa um ato que deslegitima os participantes da conversação, notadamente por alguma forma de violência (simbólica). A polidez não é um elemento dado na conversação mediada.

---

<sup>26</sup> Esse tópico será especificamente abordado na próxima seção.

Ao contrário, quanto mais assíncrona a conversação, mais complicada parece ser a negociação da polidez, uma vez que interpretações errôneas podem induzir os atores a pensar que estão sofrendo um ato de ameaça à face. E esses atos têm consequências sobre os atores e suas participações nas conversações mediadas, notadamente, o conflito e o silenciamento dos participantes das conversações. (RECUERO, 2012, p.10)

Como esclarece Recuero (2012), os atos (ainda que supostos) de ameaça trazem consequências para os interactantes. Em uma rede como o *Facebook*, – em que os comentários ficam visíveis para os amigos dos debatedores (mesmo que não sejam amigos entre si), podendo ser buscados, replicados e reproduzidos pelos demais – a disseminação dessas interações e dos atos de ameaça pode tomar grandes proporções. Desse modo, por analogia, é possível concluir que essa hiperconexão das redes, de certa forma, favorece e expande a ocorrência de atos impolidos na internet.

Como visto, estudos reconhecem que a linguagem impolida está presente no ambiente digital. A partir dessa constatação, torna-se importante, portanto, apresentarmos os pressupostos teóricos que subsidiarão as análises da impolidez em nossa pesquisa. Assim, na próxima seção, exporemos de forma mais detalhada os estudos basilares e contemporâneos acerca da temática.

### 3 IMPOLIDEZ

Compreender a impolidez, bem como defini-la, não é uma tarefa fácil. Isso porque a noção de impolidez perpassa diferentes âmbitos, inclusive o da ótica pessoal. Também há que se considerar que, ainda hoje, a ofensa (ou impolidez) tem sido estudada de maneira não consensual, já que os estudos, de modo geral, partiram de pressupostos teóricos sobre a Polidez, tais como os estudos empreendidos por Brown e Levinson (1978) e Leech (1983). A partir de 1990, porém, iniciam-se trabalhos mais pontuais sobre a impolidez, mais especificamente, com Culpeper (1996). Assim, a fim de subsidiar a introdução dessa temática, é conveniente apresentar uma definição preliminar sobre ela.

A impolidez é uma atitude negativa diante de comportamentos ocorridos em contextos específicos. Ela é sustentada por expectativas, desejos e/ou crenças sobre a organização social, incluindo, em particular, como as identidades de uma pessoa ou um grupo são mediadas por outros que também estão interagindo. Comportamentos situados são vistos negativamente – considerados impolidos – *quando eles entram em conflito com como se espera que sejam ou como se deseja que sejam* ou, ainda, *como se pensa que eles deveriam ser*. Tais comportamentos sempre têm ou presume-se que tenham consequências emocionais para, no mínimo, um participante, ou seja, eles causam ou, presumidamente, podem causar ofensa. (CULPEPER, 2011, p.23)<sup>27</sup>

Pelas considerações feitas por Culpeper (2011), observa-se que a impolidez pressupõe um contexto específico, com perspectivas específicas, ou seja, os interactantes estabelecem comunicação trazendo consigo seus pensamentos e concepções sobre como deve (pode ou espera-se) ser aquela interação. A partir daí, as divergências entre os diferentes posicionamentos e anseios provocam o que se entende como impolidez.

Uma vez conceitualizada, inicialmente, a impolidez, passaremos à exposição de um percurso histórico das teorias que subjazem a temática. Como dito no capítulo introdutório da corrente pesquisa, os estudos mais recentes sobre a impolidez serão o referencial teórico preferencial nessa pesquisa. No entanto, julgamos ser igualmente conveniente a retomada dos primórdios basilares que, contemporaneamente, sustentaram o avanço dos estudos sobre a temática, pois, indiscutivelmente, os estudos sobre a impolidez foram motivados a partir das pesquisas sobre a Polidez e foram sendo paulatinamente ampliados até que se chegasse ao

---

<sup>27</sup> Tradução nossa. No original: Impoliteness is a negative attitude towards specific behaviours occurring in specific contexts. It is sustained by expectations, desires and /or beliefs about social organisation, including, in particular, how one person's or a group's identities are mediated by others in interaction. Situated behaviours are viewed negatively – considered 'impolite' – when they conflict with how one expects them to be, how one wants them to be and/or how one thinks they ought to be. Such behaviours always have or are presumed to have emotional consequences for at least one participant, that is, they cause or are presumed to cause offence. *Grifos nossos*.

momento atual. Assim, esse resgate é parte importante para a compreensão global do tema. Acerca dessa “evolução”, Culpeper e Hardarker (2017) afirmam que os estudos efetivos sobre a impolidez se desenvolveram de forma bastante intermitente e ganharam um pouco mais de força em meados dos anos 90. No entanto, segundo os teóricos, foi em 2008 que os trabalhos na área realmente tornaram-se expressivos. Atualmente, segundo Sinkeviciute (2015), o tema “tornou-se um dos tópicos mais pesquisados em pragmática no século 21” (SINKEVICIUTE, 2015, p. 317)<sup>28</sup>.

### **3.1 A bipartição dos estudos sobre a impolidez**

Sobre esses diferentes momentos nos estudos da (im)polidez, em consonância com Culpeper (2011), Cunha e Oliveira (2020) propõem uma divisão das teorias sobre o tema em dois períodos: um com início nos anos 70 e outro a partir dos anos 90 (com mais rigor, a partir de 2000). No primeiro deles, já dito, a partir de 1970, os estudos estariam totalmente ancorados nos modelos clássicos de pragmática, ou seja, na verdade, nos estudos sobre a Polidez empreendidos por Lakoff (1975; 1977), Leech (1983); e Brown e Levinson (1987). Essa onda de estudos levava em conta apenas a atenuação de ameaças e não a impolidez, efetivamente.

No segundo momento, em meados de 90 e com maior força nos anos 2000, observa-se que muito do que se avançou nos estudos da impolidez partiu das muitas críticas feitas ao ancoramento nos estudos sobre a Polidez da primeira onda. Era uma tentativa de preencher as muitas lacunas deixadas pelos estudos anteriores. Eelen (2001), por exemplo, comenta que as teorias da polidez não foram bem estruturadas conceitual ou descritivamente para explicar a impolidez. Em virtude disso, a impolidez soava como uma falta de polidez, uma espécie de falha. O foco dessa onda de estudos estava, portanto, na interação social e em como a impolidez se revelava através do discurso. A seguir, vamos discorrer acerca dos dois períodos.

#### ***3.1.1 A primeira onda: Lakoff e Leech***

Como dito, três estudos se destacam nesse período: o de Lakoff (1975; 1977); o de Leech (1983); e o de Brown e Levinson (1987). Discorreremos brevemente acerca dos dois primeiros e mais detidamente acerca do terceiro.

---

<sup>28</sup> Tradução nossa. No original: has become one of the most researched topics in pragmatics in the 21st century.

O primeiro estudo, o de Robin Lakoff (1975; 1977), trata sobre a competência pragmática a partir do Princípio de Cooperação de Grice<sup>29</sup>. Segundo a autora, “competência pragmática se constitui de um conjunto de regras capazes de explicar a boa formação pragmática dos enunciados, assim como as regras sintáticas definem a boa formação sintática das sentenças” (CUNHA; OLIVEIRA, 2020, p.142). Essas regras de competência pragmática se subdividem em: (1) conversacionais e (2) de polidez. Nas regras de conversação, estariam as máximas conversacionais de Grice, a saber: a máxima da quantidade, da qualidade, da relação ou relevância e do modo: a colocação deve ser clara e objetiva.

No segundo estudo, Geoffrey Leech (1983) dispõe que a polidez é um tipo de freio do comportamento, que o motiva a evitar atritos e a aumentar a cortesia comunicativa (CUNHA; OLIVEIRA, 2020). Também influenciado pelo Princípio de Grice, Leech (1983) estabelece as máximas de polidez, a saber: a máxima do tato, da generosidade, da aprovação, da modéstia da concordância e da simpatia.

### 3.1.2 A primeira onda: Brown e Levinson

O terceiro e último estudo da primeira onda a respeito do qual trataremos é o de Brown e Levinson (1987). Em 1978, Penelope Brown e Stephen Levinson publicaram a Teoria da Polidez. De acordo com Cunha e Oliveira (2020), o foco dessa Teoria está em

explicar com o auxílio da noção de trabalho de face (*facework*) aspectos gramaticais cujo funcionamento não se compreende com a consideração exclusiva de informações internas ao sistema linguístico, tais como os atos de fala indiretos, formas de tratamento, ironia<sup>30</sup>, uso dos pronomes pessoais e de determinados tempos verbais, modalizadores, desarmadores, moderadores etc. (CUNHA; OLIVEIRA, 2020, p.138)

Como esclarecem Cunha e Oliveira (2020), parte da Teoria da Polidez se apoia na noção do trabalho de *face* para o seu desenvolvimento. Os recursos linguísticos seriam, então, pensadamente dirigidos para a *face* dos interactantes, o que os conecta à polidez.

---

<sup>29</sup> Em seus estudos acerca da conversação e das intenções comunicativas, o filósofo Hebert Paul Grice teorizou o Princípio de Cooperação (1982, p.86). Esse princípio diz que os participantes da interação se esforçam para cooperarem, reconhecendo um propósito comum que direciona o diálogo. Nessa teoria, Grice elaborou as máximas conversacionais: da quantidade (a informatividade da conversação deve ser na medida adequada ao propósito daquela interação), da qualidade (as informações dadas devem ser verdadeiras), da relação (as informações devem ser relevantes) e do modo (a forma de transmissão das informações deve ser clara, breve, ordenada e sem ambiguidades) (GRICE, 1982, p. 88).

<sup>30</sup> Em consonância com Paiva (1961), Messa, Borloti e Haydu (2020) afirmam que a ironia pode ser definida como o contrário do que se diz, e subdividem-na em cinco subtipos. A **ironia pura**: a função verbal é produzir como efeito apenas a compreensão do contrário do que se diz. A **satírica** se produz como consequência à ridicularização pelo cômico. A **disfemística** é a ironia com a função de ridicularizar pelo menosprezo. Na **restritiva**, a função é a de ridicularizar pela restrição e, por último, na **contornante**, ridiculariza-se pela indiferença.

A partir daqui, discorreremos acerca da *face* conjuntamente aos estudos sobre a Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1978).

Os estudos da *face* foram traçados pelo sociólogo canadense Erving Goffman em sua obra “Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face” (1967). A teoria versa sobre as interações sociais face a face. Assim, para Goffman (1967, p.5), o termo *face* pode ser definido como “uma imagem positiva do *self* delineada em termos de atributos sociais definidos”, ou seja, a partir da interação, existe uma imagem pública que os sujeitos desejam revelar aos interlocutores em busca de aceitação. Nesse intuito, existe uma tentativa, um desejo de se preservar a face (*face want*). Por isso, atos verbais e não verbais são empregados em alinhamento com os propósitos almejados para essa preservação frente ao outro. Também segundo o teórico, para a preservação da face é feito um *face work* – “trabalho de face”. Essa tarefa consiste na manutenção de rituais social e culturalmente consagrados para a legitimação e manutenção da face. É uma espécie de negociação entre os interlocutores, objetivando a manutenção dos valores positivos atribuídos à face.

A partir desses estudos de Goffman (1967), outros teóricos foram revisando, reformulando e ampliando o conceito de face. Entre esses estudiosos, estão Brown e Levinson (1987).

Nossa noção de face advém daquela de Goffman (1967) e do termo folclórico em inglês que liga a face às noções de ser constrangido ou humilhado ou “perder a face”. Assim, a face é algo em que há investimento emocional e que pode ser perdida, mantida ou intensificada e que tem que ser constantemente preservada numa interação. Em geral, as pessoas cooperam – e esperam a cooperação mútua – na manutenção da face durante a interação, sendo essa cooperação baseada na vulnerabilidade mútua da face. Isto é, normalmente, a face de um depende da manutenção da face dos outros e, como espera-se que as pessoas defendam suas faces quando são ameaçadas e, ao defendê-las, ameaçam a face dos outros, normalmente, é de interesse de cada participante manter a face uns dos outros, isto é, agir de forma a garantir aos outros participantes que o sujeito está atento às demandas relativas à face ameaçada (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 61)<sup>31</sup>

Como visto, os autores ampliaram a proposta inicial de Goffman (1967), reformulando a percepção de que a face se refere não somente à imagem que o indivíduo tem de si, mas também à forma como o outro se vê e o vê, ou seja, é uma forma de interdependência entre

---

<sup>31</sup> Tradução nossa. No original: “Our notion of *face* is derived from that of Goffman (1967) and from the English folk term, which ties face up with notions of being embarrassed or humiliated, or losing face. Thus face is something that is emotionally invested, and that can be lost, maintained, or enhanced, and must be constantly attended to in interaction. In general, people cooperate (and assume each other’s cooperation) in maintaining face in interaction, such cooperation being based on the mutual vulnerability of face. That is, normally everyone else’s being maintained, and since people can be expected to defend their faces if threatened, and in defending their own to threaten others’ faces, it is in general in every participant’s Best interest to maintain each others’ face, that is to act in ways that assume the other participants that the agent is heedful of the assumptions concerning face given under above” (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 61).

como os interactantes se veem e como desejam/esperam ser vistos pelo outro durante uma interação. Essa interação favorece o reconhecimento da necessidade do constante monitoramento e cooperação para que a preservação da face de todos os interactantes aconteça. Eis um porquê de os limites da impolidez serem tão frágeis, pois as perspectivas mudam de pessoa para pessoa, assim como o que cada um vê como polido ou impolido, pois tudo isso está conectado a um sistema de crenças e valores socialmente construídos.

Acerca dessa variabilidade entre os indivíduos, Brown e Levinson (1987) que, como dito, ampliam a noção de face de Goffman, introduzem os termos face negativa e face positiva. A **face negativa** refere-se ao desejo natural que o ser humano tem de não ter suas ações impedidas por outros, de não ser pressionado ou invadido em suas perspectivas. Está relacionada à autopreservação e à preservação do espaço pessoal, ao território de cada um. Já a **face positiva** refere-se à aspiração pela aprovação, à autoimagem do indivíduo (narcisismo) e ao desejo de reconhecimento e de aceitação pelos outros. Em outras palavras, “a face negativa representa o desejo por autonomia e a positiva, o desejo por aprovação”<sup>32</sup> (SPENCER-OATEY, 2008, p.13).

Então, considerando as necessidades de reconhecimento expostas até agora, é possível supor que, em algum ou em vários momentos durante a comunicação, a sistemática de negociações, idealizada pelos interactantes, será comprometida. A esse respeito, Brown e Levinson (1987) propõem a noção de “*face-threatening acts*” – atos de ameaça à face. Como dito anteriormente, essas atitudes, na verdade, são praticamente inevitáveis, pois toda comunicação é, em alguma medida, uma possível ameaça às faces dos interlocutores. Nesse momento, acontece o que, contemporaneamente, compreendemos como impolidez. Isso se deve, principalmente, ao fato de que a impolidez é característica da linguagem, ou seja, não há comunicação sem eventos de impolidez (CULPEPER, 2011).

A respeito das diferentes possibilidades de ataque à face, convém também apresentar a classificação proposta por Brown e Levinson (1987). Visando à finalidade didática, as categorias foram organizadas no seguinte quadro:

---

<sup>32</sup> Tradução nossa. No original: In Other words, negative face represents a desire for autonomy, and positive face represents a desire for approval.

Quadro 1: Tipos de Ameaça à Face

AMEAÇA À FACE			
POSITIVA		NEGATIVA	
Emissor (E)	Destinatário (D)	Emissor (E)	Destinatário (D)
Pedidos de desculpas.	Desaprovação, crítica, desprezo, ridicularização, reclamações, insultos reprimendas e acusações.	Percepção de uma gafe.	Agressões, ameaças, avisos.
Elogio forçoso.	Menção de temas potencialmente conflituosos (política, raça, religião, entre outros).	Oferecimentos e promessas compulsórios.	Oferecimentos.
Descontrole emocional, auto-humilhação, autocontradição, subterfúgios.	Emoções violentas descontroladas.	Aceitação de oferecimentos.	Ordens, pedidos e advertências.
Confissões, admissão de responsabilidade/ culpa.	Irreverência, menção de tópicos tabu / inadequados ao contexto.	Agradecimentos.	Sugestões e conselhos.
Riso/lágrimas compulsivos, fuga de emoções.	Menção de más notícias ou ostentações.	Pedidos de desculpas.	Promessas.
	Contradições, desacordos desafios.		Elogios e expressões de inveja/admiração.
	Interrupção do turno de fala, desatenção.		Ódio, raiva, luxúria.

Fonte: BROWN; LEVINSON, 1987, p. 65-68

A partir da observação do quadro acima, é perceptível a constante suscetibilidade de ameaça às faces dos interlocutores. Por isso mesmo, de acordo com Brown e Levinson (1987), é dedutível que, conhecendo a vulnerabilidade a que se expõe durante a comunicação, cada interactante evite os FTA e/ou empregue estratégias para suavizá-los. Como dito, Goffman nomeia esse processo como *face work* (trabalho de face). Esse termo compreende tudo o que “uma pessoa empreende para que suas ações não impliquem perda diante de ninguém, nem de si própria” (GOFFMAN, 1967 apud KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.80). Sobre isso, Brown e Levinson (1987) comentam que as estratégias de polidez funcionam como um meio de conciliar o mútuo desejo de preservação das faces com o fato de que a maioria dos atos de

fala<sup>33</sup> “são potencialmente ameaçadores para uma dessas faces” (BROWN; LEVINSON, 1987 apud KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.80-81).

### 3.1.2.1 Estratégias de polidez

Seguindo essa linha de raciocínio, Brown e Levinson (1987) defendem que, durante a interação, nos constantes FTAs que acontecem, o agente encontra-se diante de duas possibilidades que, na verdade, são estratégias de polidez: a *on record* e a *off record*. A primeira consiste em direta e intencionalmente, deixar clara ao ouvinte a intenção comunicativa do locutor, ou seja, há um comprometimento do ato linguístico por parte do agente. A segunda, *off record*, ocorre quando o falante não deixa clara ao ouvinte sua intenção comunicativa. São realizações linguísticas como metáforas, ironias, perguntas retóricas, insinuações e demais comunicações indiretas, ou seja, o locutor esquiva-se da responsabilidade diante das ameaças à face produzidas durante a interação, deixando o interlocutor interpretar os enunciados. Além da bipartição citada, os autores também consideram outras ramificações de estratégias de preservação das faces.

Considerando a estratégia *on record*, duas ramificações aparecem: sem ou com ação reparadora. A distinção entre elas reside na presença ou ausência de estratégias atenuadoras da ameaça à face, já que, no primeiro caso, o ato sem reparação é o mais direto, claro e conciso possível. Nesse caso, o orador opta pelo FTA “sem” receio de retaliação e não emprega qualquer estratégia para atenuar sua intenção. Já no segundo caso, embora ainda seja direto, o orador emprega estratégias de atenuação. Nesse ponto, complementarmente à teoria de Brown

---

<sup>33</sup> A teoria dos atos de fala foi proposta por John L. Austin (1965) e ampliada por J. R. Searle (1979). Segundo os teóricos, os enunciados proferidos são acompanhados por atos. Em outras palavras, eles entendiam a linguagem como uma forma de ação. O dizer é, portanto, mais que passar informações. É, também, uma forma de agir sobre o interlocutor. Essa “constatação” foi de suma importância, pois questionava o valor puramente descritivo da linguagem, a partir do qual acreditava-se que o enunciado se limitava apenas a “verdadeiro” ou “falso”, simplesmente. Refletindo sobre isso, Austin (1965), divide os enunciados em **constativos** e **performativos**. O primeiro grupo refere-se aos enunciados que descrevem/relatam um estado de coisas. Esses enunciados poderiam ser definidos como “verdadeiros” ou “falsos”. São afirmações, relatos e descrições tais como: “A terra é plana” e “A mosca caiu na sopa”. O segundo grupo, os performativos, ao contrário, não podem ser submetidos ao critério “verdadeiro” ou “falso”, pois não constata nada. Eles realizam uma ação no momento que são proferidos. Assim, em “Declaro aberta a sessão” e “Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, efetivamente, estão sendo realizados os atos de “abrir” e de “batizar”. A partir daí, Austin (1965) entende que todo enunciado se compõe de atos. Esses atos dividem-se em **locucionário** (o próprio ato de dizer, proferir o enunciado), o **ilocucionário** (é a ação efetivada através do ato de falar) e o **perlocucionário** (efeito/reação provocada no interlocutor a partir daquilo que foi dito). Ampliando essa teoria, Searle (1969) propõe uma nova subdivisão dos atos de linguagem em: **representativos** (evidenciam a crença do locutor acerca da verdade de uma proposição, tais como dizer e afirmar); **diretivos** (impelem o locutor a fazer alguma coisa, tais como pedir e mandar); **comissivos** (geram comprometimento do locutor quanto a uma ação futura, tais como prometer e jurar); **expressivos** (transmitem sentimentos, tais como agradecer e desculpar) e **declarativos** (geram uma situação exterior, tais como condenar e batizar).

e Levinson (1987), Orecchioni (2006) nomeia essas “atenuações” como os “anti-FTAs ou *FFA* – *Face Flattering Acts*” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.82). Esse termo adicional facilita o entendimento de que os atos de fala, ao contrário do que defendiam os teóricos citados, não são apenas uma ameaça à face, mas também podem valorizar as mesmas faces. A partir daqui, é possível subdividir esses atos em negativos (como críticas e ordens) ou positivos (como manifestações de gratidão e de elogio).

Retomando as atenuações (efetivamente, manifestações linguísticas da polidez), elas podem se dividir em polidez positiva e negativa. A **polidez positiva** está orientada para a face positiva do destinatário, ou seja, a autoimagem positiva que ele reivindica para si. É uma atividade de mais fácil assimilação e execução, além de ser essencialmente produtiva, ou seja, consiste em agir de uma forma amistosa para com o destinatário, como ocorre nos convites, nos elogios e nas manifestações de gratidão.

Já a **polidez negativa**, de funcionamento mais complexo, manifesta-se como abstencionista ou indenizatória. Trata-se de uma evasão. É empreender esforços para não cometer um ato que possa ser ameaçador ao destinatário. É um tipo de “freio social” durante a interação, que minimiza a imposição específica provocada pelo FTA.

Finalizando essa “lista” de estratégias de **polidez** está a *off record*. Como dito, nesse caso, o falante opta por fazer o FTA, mas sem se responsabilizar por isso, ou seja, o falante se mune de várias possíveis interpretações ao que está sendo dito por ele, cabendo ao ouvinte a decisão de qual perspectiva interpretativa tomar. Essa estratégia se vale, então, de declarações indiretas, que requerem do ouvinte algumas inferências. Nesse ponto, observa-se uma convergência entre o Princípio de Cooperação de Grice<sup>34</sup> e as estratégias *off record*. Isso porque, essa evasão praticada pelo falante poderia comprometer a clareza do enunciado, gerando interpretações diversas daquela pretendida. Porém, no caso da estratégia *off record*, é importante considerar que essa violação do Princípio de Cooperação não é casual, mas, como já dito, uma escolha do falante. É exatamente essa violação que o permite falar sem dizer diretamente o que se pretende. A esse respeito, Brown e Levinson (1987) sintetizam as estratégias *off record*, relacionando-as às máximas de Grice.

---

<sup>34</sup> Em seus estudos acerca da conversação e das intenções comunicativas, o filósofo Hebert Paul Grice teorizou o Princípio de Cooperação (1982, p.86). Esse princípio diz que os participantes da interação se esforçam para cooperarem, reconhecendo um propósito comum que direciona o diálogo. Nessa teoria, Grice elaborou as máximas conversacionais: da quantidade (a informatividade da conversação deve ser na medida adequada ao propósito daquela interação), da qualidade (as informações dadas devem ser verdadeiras), da relação (as informações devem ser relevantes) e do modo (a forma de transmissão das informações deve ser clara, breve, ordenada e sem ambiguidades) (GRICE, 1982, p. 88).

### 3.1.3 A segunda onda e a abordagem contemporânea

Até aqui, foram expostas algumas teorias basilares sobre a Polidez, mas, obviamente, ainda há uma gama de concepções a respeito da temática. Consideradas, inclusive, essas várias perspectivas, numerosas críticas foram realizadas, sobretudo às teorias que se propunham a criar um modelo universal e, que, majoritariamente, estavam voltadas à preservação das faces, como o modelo de Brown e Levinson (1987) – o mais reconhecido deles. Entre as principais considerações acerca dessas teorias, são apontadas: a) as teorias de Brown e Levinson (1987) e de Leech (1983) teriam um viés ocidental (anglófono), não aplicáveis, portanto, a todas as línguas e culturas; b) a teoria de Brown e Levinson (1987) tem a polidez apenas como uma forma de atenuação dos FTA, desconsiderando os atos de valorização à face dos interlocutores (CUNHA; OLIVEIRA, 2020, p.145).

A exposição dessas críticas, porém, não diminui o valor desses estudos, pelo contrário. Foram eles que, em grande medida, influenciaram as teorias contemporâneas sobre o tema, já que, a partir das avaliações desfavoráveis que obtiveram essas pesquisas, novas teses sobre a (im)polidez foram sendo construídas.

Essas concepções adotam a perspectiva de que a impolidez vai muito além da falta de cortesia, já que ela faz parte de um complexo sistema interacional que pode ser influenciado por vários fatores, tais como a cultura, as convicções pessoais e o status social, por exemplo. Trata-se, portanto, de uma perspectiva interacional e discursiva do fenômeno da polidez, que vai além do mapeamento de estratégias de impolidez, levando em conta também a investigação de suas funções comunicativas em contextos específicos (CUNHA; OLIVEIRA, 2020, p.148). A esse respeito, Mills (2011), comenta que

Houve uma reviravolta discursiva nas pesquisas sobre polidez. Com isso, quero dizer que os teóricos não estão mais satisfeitos em analisar a polidez e a impolidez como se elas fossem realizadas através da análise de expressões e sentenças isoladas. Resta claro que a polidez e a impolidez são, além de outras coisas, julgamentos sobre fenômenos linguísticos e esses julgamentos são, normalmente, constituídos por uma série de turnos ou até mesmo de porções maiores de interação<sup>35</sup>. (MILLS, 2011, p. 26)

Como visto, a autora defende que, ao contrário do que preceituam Brown e Levinson (1987), a análise, puramente, de expressões e estruturas isoladas não é suficiente para abarcar

---

<sup>35</sup> Tradução nossa. No original: There has been a discursive turn in politeness research. By this, I mean that theorists are no longer content to analyse politeness and impoliteness as if they were realised through the use of isolated phrases and sentences. It is clear that politeness and impoliteness are, amongst other things, judgements about linguistic phenomena and judgements are generally constituted over a number of turns or even over much longer stretches of interaction.

estudos realmente eficientes a respeito da impolidez. Muito além disso, a autora argumenta que há outros fatores participantes desse processo, tais como o contexto e as apreciações sobre o próprio evento linguístico e sobre a interação.

Percebe-se, então, até aqui, que a segunda onda se propõe a explorar, com adequações, parte da teoria clássica e parte da discursiva. A partir de 2008, esse entendimento é incrementado, considerando, também, as perspectivas do falante, do ouvinte e do contexto. Além da constatação de que a impolidez pode ser estratégica, sistemática, sofisticada e frequente.

Um teórico que se destaca nos estudos sobre a impolidez e que transita muito bem entre as abordagens vistas (primeira e segunda ondas) é Jonathan Culpeper. Citado várias vezes no presente trabalho, é indiscutível a contribuição desse estudioso no campo de estudo da temática. Com várias publicações extremamente relevantes, a partir de 1996, o estudioso se debruça à crítica dos modelos de Polidez em curso e à proposição de novas abordagens.

Já em seu primeiro trabalho sobre o tema, “*Towards an anatomy of impoliteness*”, Culpeper propõe, a partir das cinco superestratégias de Brown e Levinson (1987), outras cinco opostas, ou seja, correspondentes à impolidez. Como essa teoria foi revisitada pelo autor em diversas de suas obras (1996; 2011; 2016; 2017), optou-se aqui pela descrição conforme a última delas:

- 1) *Bald on-record*: o ato de ameaça à face (FTA) é realizado de forma direta, clara, inequívoca e concisa, em circunstâncias em que a preservação da face não é irrelevante ou minimizada.
- 2) Impolidez Positiva: refere-se ao uso de estratégias destinadas a prejudicar a face positiva do destinatário através, por exemplo, de ignorar o outro, excluí-lo de uma atividade, mostrar-se desinteressado, despreocupado, agir com antipatia, usar marcadores de identidade inadequados, usar linguagem obscura ou secreta, buscar desacordo, usar palavras tabu, entre outros.
- 3) Impolidez Negativa: refere-se ao uso de estratégias destinadas a prejudicar a face negativa do destinatário através, por exemplo, de assustar, condescender, desprezar ou ridicularizar. De ser desdenhoso, de não levar o outro a sério, de invadir o espaço do outro (literal ou metaforicamente), associar o outro a algum aspecto negativo (uso de pronomes “Eu” e “Você”).
- 4) Impolidez *Off-record*: o FTA é realizado por meio de uma implicatura, mas de tal forma que uma intenção específica claramente supera qualquer outra.
- 5) Polidez *Withhold*: é a ausência de estratégias de polidez em momentos em que era esperado que ela fosse feita.

Megaestratégia de Impolidez – Sarcasmo<sup>36</sup> ou zombaria (falsa polidez) o FTA é realizado com estratégias de polidez nitidamente falsas e que, por isso mesmo, soam como superficiais. (CULPEPER, 2017, p. 208-209)

---

<sup>36</sup> Sales e Paraíso (2013), definem o **sarcasmo** como uma forma de zombaria maliciosa que pode incluir certa dose de humilhação; e o **deboche** como outro tipo de zombaria, mas sem malícia, com o intuito de apenas fazer rir.

Além das superestratégias, o autor também apresenta uma lista, não finita, de estratégias de impolidez positiva e negativa (1996; 2005; 2017) que serão descritas a seguir.

Quadro 2: Estratégias de Impolidez Positiva

<p>IMPOLIDEZ POSITIVA</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ignore, despreze o outro (não se atente à presença do outro).</li> <li>- Exclua o outra da atividade.</li> <li>- Desassocie-se do outro (negue parceria / não se assente com o outro)</li> <li>- Seja desinteressado, despreocupado e antipático.</li> <li>- Use marcadores de identidade impróprios (demonstre intimidade quando não for íntimo ou mantenha distância mesmo sendo íntimo).</li> <li>- Use linguagem obscura ou secreta (dificulte a compreensão do outro com jargão, ou um código conhecido por outras pessoas no grupo, mas não pelo alvo).</li> <li>- Entre em desacordo através de um tema sensível.</li> <li>- Use palavras tabu.</li> <li>- Use palavrões.</li> <li>- Faça brincadeiras ou inicie conversas inconvenientes para deixar o outro desconfortável.</li> <li>- Use palavras depreciativas ou pejorativas para chamar o outro.</li> </ul>
---------------------------	--

Fonte: CULPEPER, 2017, p. 208-209

Quadro 3: Estratégias de Impolidez Negativa

<p>IMPOLIDEZ NEGATIVA</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Amedronte o outro. Faça-o pensar que lhe acontecerá algo de ruim.</li> <li>- Seja condescendente, despreze ou ridicularize. Enfatize seu poder relativo. Seja desdenhoso. Não leve o outro a sério. Menospreze o outro através, por exemplo, do uso de diminutivos.</li> <li>- Invada o espaço do outro (literalmente, posicionando-se mais perto do outro do que do que o nível de relacionamento permitir ou metaforicamente, pedindo ou falando sobre informações mais íntimas do que o relacionamento permitir).</li> <li>- Associe explicitamente o outro a um aspecto negativo. Personalize, use os pronomes “Eu” e “você”.</li> <li>- Coloque o outro em situação de “débito”.</li> </ul>
---------------------------	---

Fonte: CULPEPER, 2017, p. 208-209

A partir das estratégias apresentadas e, inclusive, ao nome dado (“estratégias”), muitas críticas foram apresentadas (CASHMAN, 2006; BOUSFIED, 2008; CULPEPER, 2011; HARDAKER, 2013; 2015). Tais considerações seriam, obviamente, inevitáveis, já que a proposta das “estratégias de impolidez” guardava grande semelhança com aquelas traçadas por Brown e Levinson (1987) e que também foram muito criticadas. O problema, no entanto, não está unicamente na semelhança com o modelo anterior ou na nomenclatura empregada, mas na concepção. É que, não se pode tomar as palavras como estruturas fixas e estanques que garantam quando um enunciado será ou não impolido (CULPEPER, 2017). A partir dessa reflexão, ao longo dos estudos sobre impolidez de primeira e segunda ondas, o teórico caminha do termo “estratégias” para “fórmulas convencionalizadas”. Antes, porém, de passarmos a uma discussão mais ampla sobre essa mudança, é oportuno detalhar as fórmulas.

Quadro 4: Fórmulas Convencionais de Impolidez

Fórmulas convencionais de impolidez		Exemplo
Insultos	vocativos negativos personalizados	Você: porra / podre / sujo / gordo / baixinho/ idiota / bosta / bastardo / perdedor / mentiroso / sirigaita / pirralho / vagabunda / fedelho / imbecil / caralho, etc
	afirmações negativas personalizadas	- Você é tão... merda / grosso / estúpido / vadia / hipócrita / desapontador / gay / louco / insano / inútil / patético / terrível / gordo / feio. - Você não... pode fazer nada certo! - Você... me enoja / me deixa enojado
Insultos	referências negativas personalizadas	Seu... boca / bunda / corpo / mãos / tripas / podre (fedorento / pequeno)
	referências negativas personalizadas de 3ª pessoa (no campo de audição do alvo)	- A Barbie idiota... - A tapada....
Críticas e reclamações acentuadas		- Isso/Aquilo... é/era... absolutamente / absurdamente / indizivelmente, etc - Ruim / horrível / terrível / porcária / lixo, etc
Perguntas e / ou pressuposições desagradáveis		- Por que você faz da minha vida um inferno? - Que tipo de mentira você está me contando? - O que é que deu errado agora?

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quer discutir comigo ou vai para a cadeia?</li> <li>- Não vou explorar a inexperiência do meu oponente</li> </ul>
Superioridade (também através do uso de diminutivo nos “insultos”)	- Você está sendo infantil!
<p>Mensagens de imposição</p> <p>Rejeições</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escuta aqui!</li> <li>- Você tá ouvindo isso?</li> <li>- Você ta me entendendo?</li> <li>- Some daqui.</li> <li>- Dá o fora.</li> <li>- Vá se foder / vá a merda / cai fora</li> </ul>
Silenciadores	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cala... essa / sua... boca ...imunda / porra</li> <li>- Cala a boca.</li> </ul>
Ameaças	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu / nós ... vou / vamos ... quebrar a sua cara / bater em você / arrancar a porra da sua cabeça ... se você não ...</li> <li>- É melhor você estar pronto na sexta-feira para se encontrar comigo ... ou eu vou ...</li> <li>- ... antes que eu bata em você / te arranque o pescoço.</li> </ul>
Expressões negativas (xingamentos e maldizeres)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vá para o inferno.</li> <li>- Vá se foder.</li> <li>- Foda-se.</li> </ul>

Fonte: CULPEPER, 2017, p. 208-209

Como observado, de “estratégias”, Culpeper (2017) caminha para as “fórmulas”. No entanto, o próprio estudioso, alinhado a outros teóricos (TERKOURAFI, 2003; 2005) afirma que essas fórmulas são convencionalizadas para um contexto particular, ou seja, as palavras não encerram em si mesmas o status de serem consideradas polidas ou impolidas. Locher (2004) também postula que não são impolidas as formas linguísticas ou os enunciados em si, ou seja, “as avaliações positivas ou negativas dessas unidades comunicativas, de acordo com o esquema cognitivo de categorização, avaliação e expectativa, é que estabelecem a experiência da impolidez: a impolidez existe é na mente” (CULPEPER, 2011, p. 65).

A convencionalização é, então, uma questão de gradação e pode variar de um falante para outro e, até mesmo, para um mesmo falante em momentos distintos. No entanto, isso não exclui a possibilidade de que uma expressão particular possa ser convencionalizada em um contexto específico analogamente para todos os falantes daquela língua<sup>37</sup> (TERKOURAFI, 2005, p. 213).

<sup>37</sup> Tradução nossa. No original: Conventionalization is thus a matter of degree, and may well vary in different speakers, as well as for the same speaker over time. This does not preclude the possibility that a particular expression may be conventionalized in a particular context for virtually all speakers of a particular language, thereby appearing to be a convention of that language.

Como visto, Terkourafi (2005) defende que as fórmulas são um ponto, em meio a vários outros, que auxilia os falantes na percepção dos discursos polidos ou impolidos. No entanto, essas convenções não podem ser o balizador único para as interações, pois embora pareçam ser estanques e definidas, essas fórmulas são variáveis. A título de exemplificação, pode-se mencionar a expressão “obrigada”, que é largamente tida como marcador de polidez. No entanto, em alguns contextos, a mesma expressão pode representar sarcasmo. A autora ainda defende que essas fórmulas são mais bem processadas por ambos, falante e ouvinte, no momento dos malabarismos para preservação da face.

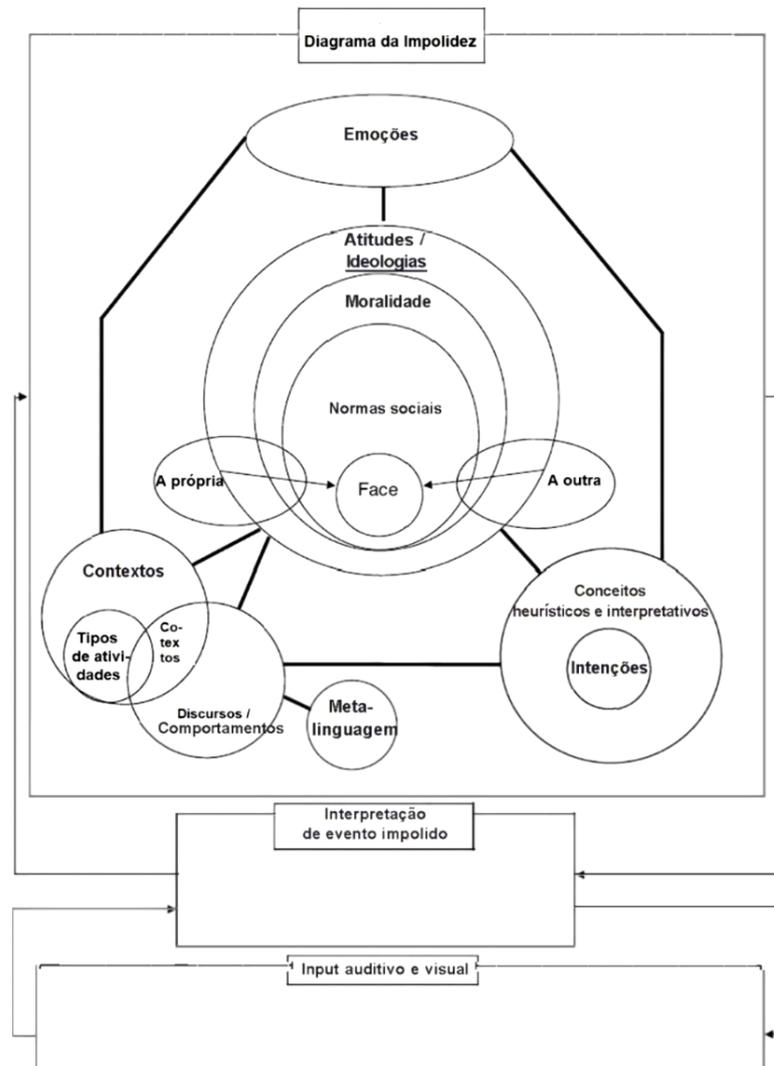
Pensando nisso, resta claro que outros elementos influenciam a compreensão da impolidez. É o que postula Culpeper (2011; 2017), que contexto, cotexto, comportamentos e emoções, por exemplo, fazem parte do processo de compreensão da impolidez.

Na tentativa de fazer uma representação elucidativa a respeito da dinâmica que envolve a impolidez, o autor apresenta um diagrama, no qual se propõe a mapear os principais conceitos, associações e processos envolvidos na compreensão da impolidez. Culpeper (2011), no entanto, tece algumas considerações e ressalvas a respeito do esquema que sugere. Ele defende que o diagrama é uma ilustração e que é preciso cautela para construí-lo, bem como para analisá-lo, pois o desenho é estático e bidimensional, muito distante, portanto, da mente humana, que é multidimensional e dinâmica. Também explica que o diagrama não é capaz de traduzir a dinamicidade da compreensão que o falante e o interlocutor têm a respeito do processo comunicativo que envolve a impolidez. Além disso, destaca que é preciso considerar que o diagrama tem limitações quanto às informações que podem ser nele representadas e que, por isso mesmo, é preciso observá-lo como se ele fosse uma foto da cognição do indivíduo, um tipo de esquema que relata as atitudes. Por fim, é conveniente ressaltar que o diagrama não consegue reproduzir como os diferentes tipos de memória e discurso/contexto se integram para formar um julgamento sobre a impolidez, tampouco é capaz de representar o papel das memórias autobiográficas<sup>38</sup> nesses juízos (CULPEPER, 2011).

---

<sup>38</sup> A memória autobiográfica é a experiência de recordar eventos únicos de forma vívida mesmo depois de longos intervalos. É caracterizada por um estado de consciência cujas qualidades fenomenais estabelecem um senso de reexperiência e de viagem de volta ao tempo do evento original. (RUBLIN et al, 2003 in GAUER, Gustavo, 2006)

Figura 4 – Diagrama da Impolidez



Fonte: CULPEPER, 2011, p. 68

Pelo diagrama, percebe-se que cada um dos três retângulos representa um importante e identificável componente no processo de compreensão da impolidez. As setas mostram algumas ligações entre esses componentes. Além disso, é possível ver que essa compreensão é uma combinação dos processos *top-down* (descendente) e *bottom-up* (ascendente), ou seja, determinado pelo conhecimento na memória e pelos estímulos visuais / auditivos, respectivamente. Nota-se ainda que essa percepção é cíclica, isto é, o que você vê influencia o que você sabe e o que você sabe influencia o que você vê. As setas em sentidos bidirecionais conferem essa noção de circularidade que caracteriza o processo de compreensão da impolidez.

A fim de avançar um pouco mais nos estudos da impolidez, convém agora tecer breves considerações a respeito desses componentes que participam da compreensão da impolidez.

## 3.2 Componentes da impolidez

### 3.2.1 Intencionalidade

A intencionalidade tem sido estudada por muitos teóricos que se dedicam ao estudo da impolidez, pois esse elemento ajuda na distinção de casos de impolidez premeditada daqueles cuja ofensa é causada a alguém de forma acidental (CULPEPER; HARDAKER, 2017). Esse componente, inclusive, tem sido elemento importante até mesmo na definição de impolidez dada por alguns teóricos: “a impolidez ocorre quando: (1) o falante comunica o ataque à face intencionalmente ou (2) quando o ouvinte percebe o comportamento como um ataque à face intencional, ou ainda, uma combinação de ambos”<sup>39</sup> (CULPEPER, 2005, p. 38). A intenção, claramente, é o elemento chave nesse conceito (além, é claro, da percepção do falante/ouvinte). No entanto, é conveniente ressaltar que a intencionalidade não é, de forma alguma, uma condição única para a percepção da impolidez, ou seja, em alguns casos, o falante/ouvinte pode classificar um ato como impolido ainda que não tenha havido intencionalidade. Isso acontece porque o falante pode, por exemplo, não ter conhecimento dos efeitos que seu ato está causando no ouvinte. A esse respeito, Leech (2014) chega a afirmar que dar um baixo valor aos esforços do outro é uma forma de ser impolido sem carregar a intenção de efetivar um *face-attack*. Então, como evidenciado no diagrama da figura 4, a intencionalidade é um dos componentes envolvidos e que tem relevância, não efeito decretório, na avaliação da impolidez.

### 3.2.2 Cotextos e contextos

Considerando que o discurso não é construído a partir de uma estratégia apenas, no que diz respeito ao cotexto, é necessário avaliar que uma vez que uma estratégia de impolidez é empregada, uma reação é esperada em contrapartida. Essa reação pode ser a de não responder à agressão ou a de responder. Esse último subdivide-se em aceitar a ofensa ou contra-atacar. Por fim, essa refutação pode ser de forma ofensiva ou defensiva. Em suma, o cotexto aqui refere-se à resposta que a conexão entre os termos linguísticos provoca no falante/ouvinte. A tabela abaixo provê uma exemplificação do fato.

---

<sup>39</sup> Tradução nossa. No original: Impoliteness comes about when: (1) the speaker communicates face-attack intentionally, or (2) the hearer perceives behaviour as intentionally face-attacking, or a combination of (1) and (2). (CULPEPER, 2005, p. 38)

Quadro 5: Opções de respostas à impolidez

<b>Ato Impolido</b> Ex.: Seu idiota!	<b>Reagir</b>	<b>Contra-atacar</b>	<b>Ofensiva</b> Ex.: Idiota é você!
			<b>Defensiva</b> Ex.: Não sou. Eu tenho um PhD
			<b>Aceitar</b> Ex.: Você está certo. Realmente, sou um pouco estúpido.
	<b>Não reagir</b> (ignora o que foi dito)		

Fonte: Adaptado de CULPEPER, 2003, p. 1563

Como visto, de acordo com Culpeper e Hardaker (2017), diante de um ato impolido, algumas estratégias podem ser empregadas. Obviamente, a tabela não é um fim, mas uma possibilidade e está relacionada a vários fatores, como à cultura, aos papéis sociais e ao contexto. Nesse último, até mesmo em contextos nos quais, teoricamente, há mais liberdade (linguagem íntima) ou uma estrutura de poder (treinamentos do Exército, por exemplo) que permita o uso de construções impolidas, não há garantia de que as pessoas envolvidas não se sentirão ofendidas, ou seja, o contexto pode ser favorável, mas ainda assim, não ser suficiente para neutralizar a impolidez praticada.

Em suma, como ocorre com todos os componentes que participam da construção” da impolidez, o contexto é uma parte importante para a avaliação, pois é a partir dele que os interactantes criarão uma série de cenários possíveis e desejáveis para cada interação. Isso porque, para Fiske e Taylor (1984) “as coisas são percebidas e lembradas no contexto e, portanto, conhecer o contexto pode preparar um link para a interação” (FISKE; TAYLOR 1984 apud CULPEPER, 2011, p. 201). Alinhada aos teóricos citados, Kerbrat-Orecchioni (2004) defende que “a polidez não é uma propriedade das frases, mas dos enunciados. Assim, fora de contexto, nenhum texto pode ser tido com polido ou impolido” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2004, p. 47)<sup>40</sup>. Isso posto, percebe-se que os enunciados, por si, não são polidos ou impolidos. Ao contrário, somente a partir do contexto em que estão inseridos é que se poderá analisar a polidez / impolidez das afirmações.

<sup>40</sup> Tradução nossa. No original: la cortesía no es una propiedad de las oraciones, sino de los enunciados: fuera de contexto, ninguna secuencia puede ser calificada cortés ni descortés.

### 3.3 Funções da impolidez

Acerca da impolidez, algo também a se discutir é quanto à sua função, ou seja, quando um agente produz um enunciado motivadamente impolido, entre outras questões, “ele se vale dessa impolidez para atingir a um objetivo” (BEEBE, 1995, p. 154). Alguns teóricos dedicaram-se ao estudo sobre os porquês de as pessoas se valerem desse recurso. Kasper (1990), por exemplo, defende que as funções da impolidez motivada são (1) falta de controle das emoções, (2) impolidez estratégica e (3) a impolidez irônica. Já Beebe (1995), argumenta que as principais funções são (1) obter poder e (2) disseminar sentimentos negativos. A respeito dessas funções, Culpeper (2011), propõe três categorias: a impolidez afetiva, a coercitiva e a impolidez para entretenimento.

A primeira ocorre quando o falante expressa uma emoção exagerada (raiva, ódio, geralmente) contra o interlocutor com o objetivo de revelar que este é o causador dessa emoção explosiva. É um tipo de resposta à frustração vivida (Exemplo 1). O autor também explica que esses estados emocionais passam por um processo de avaliação cognitiva, em que a pessoa julga o que aconteceu, por que aconteceu, o quão bravo ele ou ela se sente, e que, a partir daí, uma série de ação possíveis são imaginadas. Por fim, Culpeper (2011) também postula que a exemplo da avaliação cognitiva, em alguns momentos, a impolidez afetiva pode ser mais estratégica, mais instrumental e, em outros, mais impulsiva, mais irrefletida.

**Exemplo 1:** Você fez isso comigo de novo. Você me faz sentir um merda. Repetidas vezes, você me faz sentir um idiota (Culpeper, 2011, p. 223)<sup>41</sup>.

Na segunda categoria, a coercitiva, ocorre uma tentativa de realinhamento de valores entre os interlocutores. O produtor do ato causa danos a outro demonstrando e exercendo poder, revelando-se superior ao alvo da impolidez, de forma a garantir ou reforçar essa superioridade. Vê-se, então, que essa ação de coerção não é do interesse do alvo do ataque, pois envolve uma restrição do ambiente de ação de uma pessoa, além de um conflito de interesses (Exemplo 2). Segundo Tedeschi e Felson (1994), “uma ação coercitiva é aquela realizada com a intenção de prejudicar e/ou impor a alguém o cumprimento de alguma ação” (TEDESCHI; FELSON, 1994, p. 168).

---

<sup>41</sup> Tradução nossa. No original: you’ve done this to me again. You’ve made me feel like shit. You’ve made me feel like a fool over and over and over [indistinct] again.

**Exemplo 2:**

Carr: Você está me entendendo?

Hadis: Sim, senhor.

Carr: Estamos falando bom inglês aqui?

Hadis: Sim, senhor. Eu sinto muito (Culpeper, 2011, pg. 230)<sup>42</sup>.

Por fim, a impolidez para entretenimento ocorre quando o falante zomba do ouvinte utilizando-se dos sentimentos deste para se divertir ou para divertir a outros. Nessa categoria, nem sempre o “alvo” dos ataques está ciente desse fato, mas os terceiros, sim. Também é possível que o alvo nem tenha uma identidade real, ou seja, pode ser uma personagem ficcional, por exemplo (Exemplo 3). Algo interessante a se considerar nessa categoria de impolidez é o paradoxo criado entre esses dois vocábulos: impolidez e entretenimento. Isso porque, se refletirmos sobre a impolidez, em si, é incompatível pensar que alguém possa se divertir às custas da mágoa, raiva e ódio que as pessoas têm diante de situações constrangedoras e humilhantes. No entanto, está claro que as pessoas, sim, se entretêm com situações assim. Basta uma simples olhada nos diversos programas (*show* de talentos, *realities*, *stand ups*, entre outros) e filmes de comédia. Em quase todos, por não dizer todos, é possível encontrar inúmeras demonstrações de violência verbal, descortesia, deboches e chacotas. Essas manifestações, muitas vezes, além de dirigidas ao alvo, especificamente, também o são para a público que assiste o programa.

**Exemplo 3:**

Caros cretinos,

Eu sou cliente da NTL desde 9 de julho de 2001, quando eu me inscrevi no seu 3-em-1, pacote para tv a cabo, internet a cabo e telefone (Culpeper, 2011, pg. 236)<sup>43</sup>.

Acerca desse “divertimento” a partir de interações impolidas, Culpeper (2011) ainda propõe uma classificação em cinco categorias que especificam as diferentes fontes de satisfação experimentadas pelas pessoas envolvidas em situações assim:

---

<sup>42</sup> Tradução nossa. No original: Carr: You understand me? / Hadis: Yes, sir. / Carr: Do we understand real good English here? / Hadis: Yes, sir. I’m sorry.

<sup>43</sup> Tradução nossa. No original: Dear Cretins, I have been an NTL customer since 9th July 2001, when I signed up for your 3-in-one deal for cable TV, cable modem, and telephone.

- (1) *Satisfação emocional: observar a impolidez cria um estado de euforia e satisfação no observador. De acordo com Myers (2001, p. 174), “A emoção está no potencial para a violência”.*
- (2) *Satisfação estética (criatividade): responder à impolidez requer criatividade para que uma competição seja criada, ou seja, a resposta “deve” ser igual ou superior ao ataque inicial.*
- (3) *Satisfação voyeurística: quando as pessoas respondem às agressões (impolidez), frequentemente, elas expõem aspectos pessoais e emocionalmente sensíveis. E isso pode levar à satisfação pela intimidade de terceiros que foi exposta (voyeurística).*
- (4) *Satisfação pela superioridade: teorias demonstram que existe uma satisfação vinculada ao fato de observar alguém em uma situação pior do que a de si próprio.*
- (5) *Satisfação pela segurança: ver o outro em apuros a partir de “um lugar seguro” é uma fonte de satisfação. Isso porque, parece aprazível a ideia de que os problemas do outro não chegaram a si mesmo. (CULPEPER, 2011, p. 234)*

Acerca das classificações e categorias postas aqui, é mister ressaltar que as várias “estratégias” e funções de impolidez não são excludentes entre si. Desse modo, é possível, por exemplo, que um mesmo enunciado se valha da impolidez coercitiva e para entretenimento.

### **3.4 Fatores integrantes da impolidez**

Como discorrido até esse ponto, a impolidez não é um produto que possa ser medido a partir de elementos objetivos. De maneira oposta, a impolidez é uma atitude, uma prática influenciada por múltiplos aspectos. Pela definição de impolidez proposta por Culpeper (2011), posta na seção 3, e como destacado ao longo dessa exposição, a análise da impolidez não se limita a um único ponto, mas passa por vários aspectos que podem impactar diretamente a avaliação da ação como impolida ou não. Também é possível observar que a ótica dos interlocutores é determinante para essa avaliação, ou seja, as expectativas (individuais e/ou coletivas), sociais e culturais intrínsecas aos participantes da interação influenciam diretamente nessa questão. Em outras palavras, a percepção individual é, em grande parte, o balizador para que as interações sejam enquadradas como impolidas. A partir disso, pode-se dizer que a percepção ou não de um ato como impolido, tanto por quem pratica como por quem “sofre” a ofensa, é variável assim como a intensidade que cada interlocutor atribui a essa impolidez. Acerca dessa gradação da impolidez, Culpeper (2011) afirma que os fatores cotextuais, os contextuais, os atitudinais e os pragmático-linguísticos podem influenciar no grau e na qualidade da ofensa, quer dizer, em como são medidos esses atos impolidos. Certamente, esses

fatores não são uma conclusão definitiva sobre a temática. No entanto, a partir desses tópicos e, também, do histórico precedente dos trabalhos sobre impolidez, um grande horizonte foi aberto.

Então, de acordo com Culpeper (2011), considerando os fatores atitudinais, nota-se que as emoções cumprem papel importante, pois elas interferem na atividade cognitiva e revelam boas ou más expectativas a respeito das interações. Nos fatores pragmático-linguísticos, percebe-se que o vocabulário, a objetividade da enunciação, a intensificação e até a gradação da impolidez são avaliáveis a partir de escolhas linguísticas. Nesse ponto, portanto, ocorre uma escala (hierárquica) entre as várias “fórmulas linguísticas” empregadas, ou seja, há uma nuance, cognitivamente estabelecida, que varia de mais a menos impolida (rude, agressiva, descortês, entre outros rótulos) à medida que determinadas fórmulas são empregadas. Já na questão co e contextual, verifica-se que a legitimação do comportamento impolido passa por avaliações individuais e coletivas alinhadas a estruturas culturais (de poder, de comportamentos esperados), pela intencionalidade do agente e, também, pela perspectiva da pessoa que sofreu o ataque. Como o autor afirma, esses vários fatores se sobrepõem e, de fato, não é necessária muita análise para que isso fique claro. É por isso que certas palavras tabu que, geralmente, servem como intensificador da impolidez (CULPEPER, 2011) podem, em contextos específicos, ter outras acepções. Assim como escolhas lexicais notadamente polidas (ou politicamente esperadas) podem significar sarcasmo. E ainda, palavras “comuns” que tomadas em determinada cultura e contexto podem ser demonstrações de impolidez.

### **3.5 Impolidez em comunicações on-line**

Ao longo da corrente pesquisa, discorreremos acerca de elementos teóricos sobre a impolidez. Com relação aos atos impolidos em AD, como mencionada brevemente na introdução desta obra, baseando-se nessa fundamentação teórica e considerando a relevância das comunicações on-line para a vida da sociedade contemporânea, importantes estudos realizados em ambiente brasileiro trazem valiosas contribuições para as pesquisas da área. O trabalho de Barreto Filho (2019; 2021), a partir da análise de postagens (textos) coletados no *Facebook*, observa que as críticas e os insultos são marcas de impolidez frequentes nesses textos, sendo, na maior parte das vezes, dirigidas a identidades dos interactantes. Ainda destaca o estudioso que a ofensa no *Facebook* está diretamente relacionada ao processo de identificação com ideologias e grupos ofendidos, o que contribui para a percepção de o *Facebook* é um palco de inimizades e brigas (BARRETO FILHO, 2019, p. 187). Esse estudo ainda destaca que a

presença de textos multimodais parece relacionar-se, preferencialmente, com a produção de textos irônicos e de humor, cujo objetivo seria a ridicularização.

De modo semelhante, o estudo de Pereira (2020) constata que a linguagem ofensiva de forma deliberada parece ser uma constante nos comentários em ambiente digital brasileiro. A partir da análise de comentários de notícias publicadas no *Yahoo Notícias*, ressalta o estudo que, marcados por discursos polêmicos e polarizados, os comentários se revelam como veículos de comportamentos impolidos. Nesse sentido, também se observou que os comentários impolidos relacionados ao contexto político refletiam a divergência e o desequilíbrio nas relações sociais entre os polos contrários (PEREIRA, 2020).

Ainda outras pesquisas, dessa vez, realizadas no *Twitter*, apontam para observações significativas. Numa delas, a partir do exame da *#edaí*, Oliveira e Marciano (2022) verificaram que o sarcasmo e o deboche foram empregados como forma de ofender e de desprezar um destinatário que estava ausente na cena de interlocução: uma figura pública. Constatou-se ainda que essa *hashtag* foi usada como uma fórmula impolida com objetivo de manifestar o descontentamento, até mesmo um protesto, com o cenário político vigente naquela ocasião. A *#edaí*, criada a partir do deslocamento de seu contexto inicial (fala do, então, presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, no ápice da pandemia do COVID-19), foi empregada para comentar notícias sobre vários temas: mortes causadas pelo COVID-19, economia e cenário político. Ela também foi usada como forma de ofender e de desprezar o político em questão. Nesse sentido, restou claro que a *#edaí* não só teve seu conteúdo deslocado do contexto inicial como também demonstra a aplicação das *hashtags* em funcionalidades diferentes daquelas propostas pelo *Twitter* (organizar conteúdos na plataforma).

Igualmente, em análise no *Twitter*, Oliveira e Carneiro (2020) constatou-se que as *hashtags* atuaram: 1) como estratégia de apoio a um candidato no perfil do candidato adversário (cerca de 63% das *hashtags* analisadas); 2) para expressar, simultaneamente, apoio e agressividade nos *trending topics* (cerca de 14%); 3) para manifestar ataque explícito e incivilizado (cerca de 22%)<sup>44</sup>. Especificamente, notou-se que essas *hashtags* apoiavam usos linguísticos ameaçadores, anulatórios e invasivos proferidos contra os candidatos à presidência do Brasil na campanha de 2018 (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2020, p. 48). Observou-se, ainda, que a impolidez linguística foi demonstrada de forma direta, através de palavras tabu, xingamentos e expressões vulgares.

---

<sup>44</sup> O resultado verificado no terceiro ponto, inclusive, corrobora estudo efetivado por Ott (2017). Segundo esse autor, “cerca de 80% do discurso produzido no *Twitter* é inócuo, configurando-se em postagens banais, com consequências insignificantes para os usuários em geral” (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2020, p. 34).

Ainda no *Twitter*, mais um estudo brasileiro (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2018) evidencia que as *hashtags* são textos opinativos utilizados como estratégias de impolidez e ataque verbal, atuando como forma de ataque à imagem pública do outro, de forma agressiva e ofensiva. Também se detectou que tais *hashtags* impulsionaram comentários opinativos ligados ao ataque à face negativa do outro, especialmente através do desprezo e da valorização de sua imagem pública (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2018, p.19), além de serem frequentemente empregadas como forma de manifestar violência verbal contra a imprensa brasileira, instituições políticas e pessoas públicas. As autoras ainda comentam que esses atos de ameaça e ataques proferidos pelas redes podem ser direcionados a diferentes alvos e podem acontecer de diversificadas formas (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2018, p.10). No caso dos comentários das notícias, por exemplo, notam-se exemplos de descortesia dirigidos a pessoas que já a tenham comentado na rede social (Figura 5), ao jornal que publicou a notícia (Figura 6), à(s) pessoa(s) envolvida(s) na matéria (Figura 7), entre outras possibilidades.

Figura 5: Exemplo de impolidez dirigida às pessoas que comentaram a matéria.



Fonte: <https://www.facebook.com/jornalglobo>. Acesso em 18 ago. 2020.

Figura 6 – Exemplo de impolidez dirigida ao jornal



Fonte: OLIVEIRA; CARNEIRO, 2018, p.11

Figura 7 – Exemplo de impolidez dirigida às pessoas envolvidas na matéria



Fonte: OLIVEIRA; CARNEIRO, 2018, p.08.

Pelos estudos mencionados, percebe-se que a impolidez em AD contempla diversos aspectos e, de acordo com Graham e Hardaker (2017), alguns desses fatores precisam ser considerados e especificados. O primeiro deles é que, como abordado anteriormente, na CMC<sup>45</sup>, existe uma diferença entre a comunicação síncrona e assíncrona. Segundo Graham (2007), quanto mais assíncrona uma interação é, maior será a chance de as pessoas perceberem a impolidez e de aumentarem a repercussão desse ato. Muitas vezes, isso ocorre porque nesse tipo de comunicação as pessoas comentam, rebatem, discutem sobre a postagem do agente antes mesmo que ele tenha a oportunidade de explicar ou mitigar o ato visto como impolido.

<sup>45</sup> CMC: Computer Mediated Communication. Comunicação Mediada por Computador.

Um segundo ponto diz respeito à publicidade das redes – a percepção da impolidez muda de acordo com o tipo de postagem / domínio onde se publica. Em outras palavras, há uma variação entre redes fechadas, nas quais o público para quem se escreve é bastante conhecido e redes abertas, nas quais o interlocutor não é conhecido. Isso porque a familiaridade entre emissor e destinatário interfere na avaliação que se faz quanto ao que é ou não impolido.

O terceiro fator versa sobre o tipo de interação motivada pelo ambiente virtual onde se está publicando. Na prática, esse tópico propõe que haverá diferença na avaliação da impolidez e da pertinência de determinadas enunciações entre um ambiente voltado a uma tarefa específica (vendas, relações empresariais, entre outros) e um ambiente dedicado à interação entre as pessoas. Da mesma forma, no quarto ponto, observa-se que influenciará a avaliação da impolidez o tipo de foco comunicacional que se tem em diferentes tipos de *sites*: se mais relacional (*Facebook*) ou mais voltado ao conteúdo (*Pinterest*).

Graham e Hardaker (2017) também abordam outro ponto, a questão do anonimato. No CMC, a possibilidade de publicar sem ser identificado é uma forma de liberação, torna os participantes menos inibidos e reduz o senso de responsabilização pelo que é dito (LEA, 1991). Por essa ótica, é importante considerar que o anonimato pode facilitar comunicações mais verdadeiras, uma vez que os agentes não estão sob a pressão de preservarem sua imagem frente às outras pessoas.

Por outro lado, essa liberdade e desinibição sobre os quais comenta Lea (1991) também podem ser usados de forma negativa, como pretexto para a disseminação de conteúdos maléficos e até criminosos. Sobre isso, Bob Vieira da Costa, em artigo publicado na Folha de São Paulo em agosto de 2016, comenta que

A intolerância nas redes é resultado direto de desigualdades e preconceitos sociais em geral, não é uma invenção da internet. O ambiente em rede facilita que cada um solte seus demônios, ao dar a sensação de um pretenso anonimato. O mundo virtual é, portanto, mais uma forma de os intolerantes se manifestarem e ampliarem seu alcance. (COSTA, 2016)

Assim, de acordo com Costa (2016), o suposto anonimato fortalece e facilita a disseminação de atos intolerantes e preconceituosos que já existem no mundo “real”. É como também explicam Pinto e Ribeiro (2016), ao afirmarem que nas redes sociais

...as pessoas conseguem, então, colocar a sua opinião de forma mais segura justamente pelas possibilidades oferecidas pelo meio, como os fakes (perfis falsos, que ocultam a identidade "verdadeira"), a "proteção física" (visto que a comunicação é mediada pelos computadores), a possibilidade de encontrar pessoas que pensem da mesma forma (PINTO; RIBEIRO, 2016, p. 3).

Mas a questão do anonimato, principalmente quando relacionada aos atos impolidos, incitadores de violência, racistas, entre outros, suscita inúmeras controvérsias, pois não se sabe, ao certo, quanto o anonimato pode influenciar no momento de fazer uma publicação em uma rede social, por exemplo. Há estudiosos que até afirmam que o anonimato e a distância emocional derivada do distanciamento físico entre interlocutores reduzem a empatia e a sensação de perigo (RIAÑO, 2016) gerando a liberdade para fazer qualquer tipo de comentário.

A questão também é polêmica quando se trata do âmbito jurídico, que critica a ilegalidade do anonimato nas redes sociais, uma vez que o artigo 5º, inciso IV da Carta Magna afirma que *é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato*. Coadunam-se a esse princípio outras previsões legais que garantem o direito de resposta do ofendido – *é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem* (inciso V) – e os limites impostos sobre aquilo que é dito. Em outras palavras, não é tudo que pode ser dito, pois desrespeito, menosprezo e xingamentos podem ser enquadrados como práticas criminosas contra a honra, previstos no Código Penal Brasileiro.

### ***3.5.1 Impolidez a partir de elementos não verbais em comunicações on-line: emojis***

Como observado a partir dos vários estudos citados em nossa pesquisa (BARRETO FILHO, 2019; PEREIRA, 2020; OLIVEIRA; MARCIANO, 2022; OLIVEIRA; CARNEIRO, 2018; 2020), durante os atos de comunicação, além dos elementos verbais, muitos outros elementos funcionais e/ou não verbais contribuem para a compreensão da mensagem transmitida bem como das intenções comunicativas. Entre esses elementos podemos destacar, a entonação, os gestos, as expressões faciais, os memes, os *emojis*, entre outros.

Nessa seção, vamos nos dedicar a algumas considerações acerca de um desses elementos não verbais, os *emojis*. Os *emojis* são elementos não verbais desenvolvidos a partir dos emoticons. Em termos mais específicos, os emoticons são representações pictóricas que, primariamente, representam estados emocionais através de expressões faciais (FISER, D.; LJUBESIC, N., 2016, p. 82). Os emoticons foram evoluindo com o passar do tempo e, de alguma forma, foram os precursores para os contemporâneos *emojis*.

Acerca dos *emojis*, Li Li e Yue Yang (2018), esclarecem que

*Emoji* é uma palavra japonesa que significa literalmente “letra de imagem”, a qual é uma pequena imagem digital ou símbolo pictórico que pode representar uma “coisa”, um sentimento, um conceito, entre outros e que é usado em mensagens de texto e

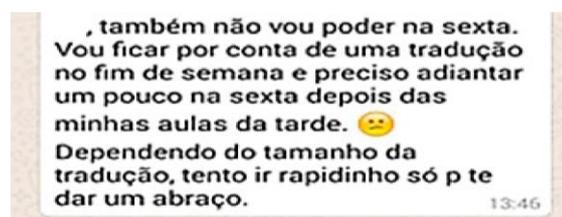
outras comunicações eletrônicas. Eles são usados praticamente da mesma forma que os emoticons e podem pertencer a várias categorias, tais como expressões faciais, gestos cotidianos, lugares, tipos de tempo meteorológico, animais... (LI; YANG, 2018, p. 1).

Como visto, os autores comentam que os *emojis* são pequenas imagens dos meios digitais que podem representar uma ampla variedade de “coisas” e que são usados de modo similar ao que eram os emoticons. Para Fiser e Ljubescic (2016), a diferença entre emoticons e *emojis* está, exatamente, nesse uso, sendo que os primeiros – os emoticons, expressam estados emocionais e os *emojis* evidenciam uma gama de outras representações, tais como animais, tempo, esportes, comidas, entre outros. Os *emojis* tornaram-se tão populares que, no ano de 2015, um deles 😄 foi escolhido como a palavra do ano pela Oxford University Press (FISER, D.; LJUBESIC, N., 2016, p. 82). Nesse mesmo ano, pesquisa desenvolvida a partir de postagens no Instagram revelou que quase 40% dos posts publicados continha, no mínimo, um *emoji* (LUPYAN & DALE, 2016, p. 655).

Para além da expressão de emoções (MAÍZ-ARÉVALO, 2015, p. 142), os *emojis* também são empregados em várias funções, tais como: (1) estratégia de polidez (KAVANAGH, 2016); (2) estratégia de preservação da face (AVELAR, 2018); (3) marcador de ironia e/ou humor (YUS, 2014, p. 521); (4) intensificador e/ou propositos de um sentimento ou emoção (YUS, 2014, p. 522); (5) fortalecedor e/ou atenuador da força ilocucionária de um ato de fala (YUS, 2014, p. 520); (6) índice de atitude proposicional que seria de difícil compreensão sem o auxílio dos *emojis* (YUS, 2014, p. 518); (7) mecanismo de *backchannel* (TOLINS; TREE, 2014).

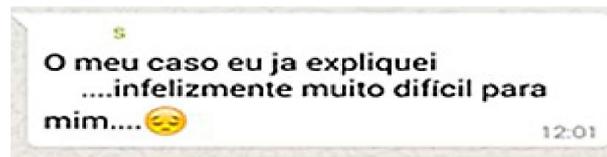
Passaremos a algumas considerações mais elucidativas acerca dessas funções dos *emojis*, iniciando pelas duas primeiras, estratégia de polidez e de preservação da face. De acordo com Oliveira, Cunha e Avelar (2018), nessas estratégias, os *emojis* podem atuar como elemento de mitigação de ameaça ou de preservação à face (modalizadores de desculpas), como estratégia de reparo e como elementos proxêmicos (de aproximação entre os interlocutores).

Figura 8 – Exemplo de *emoji* como elemento de mitigação de ameaça à face



Fonte: OLIVEIRA; CUNHA; AVELAR (2018, p.1626)

Figura 9 – Exemplo de *emoji* como elemento de preservação à face



Fonte: OLIVEIRA; CUNHA; AVELAR (2018, p.1626)

Nas figuras 8 e 9, pode-se observar, respectivamente, os *emojis* funcionando como elementos de mitigação e de preservação da face. No primeiro caso, nota-se que a carinha 😞 é essencial para a atenuação da ameaça à face provocada pela recusa do convite. No segundo, a figura 9, percebe-se que o *emoji* 😞 atua na preservação da face negativa do interlocutor e na preservação da positiva do autor do post (AVELAR, 2018, p.71).

Figura 10 – Exemplo de *emoji* como estratégia de reparo



Fonte: OLIVEIRA; CUNHA; AVELAR (2018, p.1629)

Na figura 10, verifica-se que o *emoji* 😓 confere um tom intensificador ao pedido de desculpas (*Queria muito estar*) e até reparador da ameaça à face do interlocutor. Nota-se ainda que a manifestação de lamento é enfatizada pelo *emoji*. É uma forma de reparar a recusa ao convite (AVELAR, 2018, p.77).

Figura 11 – Exemplo de *emoji* como elemento proxêmico



Fonte: OLIVEIRA; CUNHA; AVELAR (2018, p.1629)

A figura 11 exemplifica o emprego de um *emoji* para aproximar os interlocutores. Nesse caso, o ❤️ foi empregado de maneira mais informal e mais íntima, como um elo de proximidade que enfatiza a cooperação discursiva (OLIVEIRA; CUNHA; AVELAR (2018, p.1631).

Quanto à terceira função dos *emojis*, marcador de ironia e/ou humor, Li e Yang (2018) comentam que o *emoji* 😊, no exemplo que segue, foi empregado com a finalidade de afirmar o contrário do que realmente estava escrito no texto (*realmente ocupado*). Nesse caso, nota-se que o interlocutor ironiza o fato de o “falante A” ter dito que estava *sem um minuto para respirar* quando estava, na verdade, desfrutando de uma manhã de cuidados pessoais.

**Falante A:** Nem um segundo para respirar essa manhã, corte de cabelo, manicure, *skincare*.....

**Falante B:** Realmente ocupado 😊 (LI; YANG, 2018, p. 6)<sup>46</sup>.

Já como marcador de humor, Li e Yang (2018) explicam que a carinha 😏, no exemplo a seguir, atua para deixar claro para o “falante A” que sua fala não deve ser interpretada em sentido literal, mas como registro da brincadeira feita diante da declaração de A (*Acabei de correr 15 Km na esteira, ritmo 13.*) que, supostamente, esperava um elogio pelo seu desempenho na corrida.

**Falante A:** Acabei de correr 15 Km na esteira, ritmo 13.

**Falante B:** E você abusou assim, não te pediram para pagar por isso? 😏 (LI; YANG, 2018, p. 6)<sup>47</sup>.

A quarta função dos *emojis*, tal como exposta anteriormente, intensificador e/ou propositor de um sentimento ou emoção, foi demonstrada por Li e Yang (2018) através dos exemplos a seguir:

**Exemplo 1:** Acabei de tomar um remédio para rinite alérgica no hospital, tenho que tomar sempre que volto para a China 😞😞.

**Exemplo 2:** Tão feliz! Estou voltando pra casa! 😊😊 (LI; YANG, 2018, p. 5)<sup>48</sup>.

<sup>46</sup> Tradução livre. No original: A. Not a second to take a breath this morning, hair-cut, manicure, facial care.....) B. Really busy.

<sup>47</sup> Tradução livre. No original: Just finished running 15 km on the treadmill, pace 13). You abused it like this, didn't they ask you to pay for it?)

<sup>48</sup> Tradução livre. No original: (Just got some medicine for allergic rhinitis from the hospital, have to take some every time when I go back to China). (So happy! I'm going back home!)

De acordo com Li e Yang (2018), no exemplo 1, o *emoji* 😞 é um elemento necessário para a compreensão da emoção do falante no ato da afirmação verbal realizada. Sem essa carinha, afirmam os autores, o interlocutor dificilmente entenderia a atitude emocional do locutor. Já no exemplo 2, a carinha 😊 atua como um elemento intensificador da emoção expressa pelo falante ao relatar sua alegria por voltar para a própria casa.

A quinta função dos *emojis*, fortalecedor e/ou atenuador da força ilocucionária de um ato de fala, diz respeito ao emprego do *emoji* para diminuir ou enfatizar a força ilocucionária (ação efetivada através do ato de fala) expressa pelo texto verbal. No exemplo 3, nota-se que o pedido feito pelo locutor ao recém-ingresso não foi nada aceitável (postar uma selfie e pedir dinheiro), mas a carinha 😊 aparece como um atenuador da “regra” imposta pelo falante ao novo integrante do grupo.

**Exemplo 3:** Bem-vindo! Três regras para os novos integrantes, autoapresentação, uma selfie e um Hongbao 😊<sup>49</sup> (LI; YANG, 2018, p. 5)<sup>50</sup>.

A última função dos *emojis* relacionada nessa seção, o mecanismo de *backchannel*, exemplifica o uso dos *emojis* para oferecer um retorno ou enfatizar que a mensagem fora compreendida. Pode ser empregado também para encerrar uma conversação de forma direta e simples, como se nota no exemplo a seguir, em que o “falante B” corresponde à interação de A empregando apenas o *emoji* 😊.

**Falante A:** Boa viagem, amigo.

**Falante B:** @A 😊.(LI; YANG, 2018, p. 7)<sup>51</sup>.

Como visto, refletindo acerca dessa multiplicidade de funções dos *emojis*, é possível observar a relação entre eles e a impolidez, revelada através de muitas possibilidades: emoções, ironia, preservação ou ataque à face, entre outros.

Antes de concluirmos essa seção, no entanto, convém recapitular que, como visto ao longo das exposições feitas anteriormente, os estudos sobre a impolidez foram sendo desenvolvidos a partir dos estudos sobre a Polidez, passando pela ancoragem com os modelos

<sup>49</sup> Hong bao é um “envelope vermelho” cheio de dinheiro, dado pelo homem mais velho da família aos outros parentes.

<sup>50</sup> Tradução livre. No original: (Welcome! Three musts for new friends, self-introduction, a selfie, and a Hongbao)

<sup>51</sup> Tradução livre. No original: Have a safe trip, buddy!

clássicos – primeira onda, que não versava sobre a impolidez, propriamente, mas apenas sobre a atenuação de ameaças; seguindo para um segundo momento, voltando-se para a análise da impolidez no discurso e nas interações sociais; e chegando à contemporaneidade, cujos estudos focalizaram as perspectivas do falante, do ouvinte e do contexto. Nesses períodos, observou-se que a impolidez contempla múltiplas possibilidades e que varia tanto pelas funções exercidas por ela, como pelas intenções, emoções, contexto, entre outros. Visto assim e, principalmente se considerada a atualidade das pesquisas sobre a impolidez, fica claro que essa pesquisa não esgotará a temática e que, por diferentes questões, os estudos sobre a impolidez ainda têm um vasto campo para avançar, pois “a comunicação mediada pela internet é um fenômeno social recente demais para que a pesquisa acadêmica tenha tido a oportunidade de chegar a conclusões sólidas sobre seu significado social” (CASTELLS, 2011, p. 442). Nossa pesquisa leva em consideração que também são relativamente recentes os estudos que priorizam a compreensão da impolidez enquanto evento *a*) pragmático-contextual – “os pesquisadores precisam integrar mais fatores pragmáticos aos estudos da impolidez” (BROWN; P. PRIETO, 2017, p. 375); *b*) cognitivo – “as formas linguísticas, enunciados ou atos de fala não são impolidos per se” (KIENPOINTER; M. STOPFNER, 2017, p. 68), “mas baseados nas experiências com as interpretações cognitivas dos interlocutores” (J. OHASHI; L. M. CHANG, 2017, p. 263) e *c*) sociocultural “[...] o fenômeno da (im) polidez tem sido pesquisado em uma ampla gama de contextos socioculturais diferentes [...]” (LOCHER; SCHNURR, 2017, p. 704).

Ponderando sobre essas perspectivas, a próxima seção apresentará os procedimentos e métodos de investigação empregados nessa pesquisa.

#### 4 METODOLOGIA E PARÂMETROS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Considerando o referencial teórico empregado nessa pesquisa, cujo objetivo geral é o de analisar comentários impolidos de notícias publicadas no Facebook, adotou-se como parâmetro de análise o ponto de vista semântico-discursivo. Sob essa ótica, serão considerados os usos e as escolhas verbais e não verbais que participam da construção da impolidez sem focalizar apenas em fórmulas convencionalizadas, mas levando em conta, também, a importância do contexto comunicativo no qual estão envolvidos os comentários. Justamente por esse motivo, a publicação da notícia sempre antecederá os comentários analisados, pois, como visto nas seções anteriores, o contexto fornece elementos que norteiam a linha de raciocínio do analista a fim de evitar generalizações simplistas. Ainda, há que se considerar que os analistas precisam ter autocritica a respeito de suas próprias avaliações sobre um enunciado ser polido ou impolido (KÁDÁR; HAUGH, 2013), pois a análise limitada às fórmulas convencionalizadas, independentemente do contexto, são generalizantes. Por outro lado, “ênfatar somente o contexto e desprezar as formas linguísticas é correr o risco de jogar fora a água da banheira com o bebê dentro” (CULPEPER, 2011, p. 113). Em suma, como mencionado, a análise dessa pesquisa se vale também das fórmulas convencionalizadas, estritamente vinculadas ao contexto em que ocorrem e aos aspectos semânticos relacionados às interações analisadas.

Igualmente relevante é salientar que as análises realizadas nessa pesquisa estão nos níveis qualitativo (privilegiando a descrição e compreensão do fenômeno da impolidez nas interações do Facebook) e teórico-interpretativos (por apoiar-se, parcialmente, em categorias propostas pelos vários estudos sobre a impolidez (Brown; Levinson, 1987; Orecchioni, 2006; Culpeper, 2011; Culpeper; Hardarker, 2017). Mais especificamente, essa análise terá como aporte teórico mais robusto os estudos de Culpeper (2017), já que o autor (CULPEPER, 1996; 2005; 2011; 2017), retoma as teorias dos autores mencionados. Convém esclarecer, no entanto, que a proposta não é seguir com extensas classificações, ao contrário, o objetivo é o de analisar qualitativamente as múltiplas possibilidades fomentadas a partir de um comentário impolido, atentando-se aos estímulos que impulsionam essas construções.

Ainda é preciso considerar que, como parte dos objetivos específicos, a análise a que se prestará a pesquisa também proverá alguns dados generalizantes, tais como a temática dos comentários: sobre a notícia, sobre o veículo de informação ou sobre outros comentários; o posicionamento em relação ao tema; o engajamento; a recorrência de comentários de notícias impolidos; o destinatário preferencial dos comentários impolidos: o jornal, o “elemento”

noticiado, outro comentário ou outro comentarista. Essa “generalização” foi possível a partir da análise de todos os comentários que compõem o *corpus* dessa pesquisa. Cada comentário foi individualmente analisado dentro do contexto da notícia a que estava vinculado e conjuntamente aos demais comentários. Nesse ponto, convém esclarecer que, para isso, também empreendemos uma análise quantitativa na presente pesquisa. Embora não seja o foco, como método auxiliar, valemo-nos dessa análise para a descrição de proporções (sem tratamento estatístico) a fim de evidenciar possíveis tendências nos dados.

Os critérios adotados para a seleção do meio de comunicação foram, cumulativamente, (1) ter relevância no segmento brasileiro de imprensa – uma medida adotada para preservar a representatividade e a abrangência dos leitores de jornais no Brasil – e (2) ter página oficial e atualizada no *Facebook* – objetivando preservar a veracidade e a autenticidade das notícias publicadas. Em consonância com esses parâmetros, a imprensa escolhida para a coleta dos dados (notícias e comentários) foi O Globo. Ele foi selecionado porque atende ao critério 1 – por ser o segundo jornal de maior circulação no Brasil, com tiragem de aproximadamente 331 mil exemplares, apenas 9 mil exemplares a menos do que o primeiro, o jornal Folha de São Paulo<sup>52</sup> – e atende ao critério 2, pois esse veículo de comunicação possui página oficial e atualizada no *Facebook*, fato que o diferenciou do jornal Folha de São Paulo. Ainda acerca do jornal escolhido, esclarecemos que há uma restrição quanto ao acesso da notícia completa. No *Facebook*, assim como na página desse e de tantos outros, os usuários têm um limite (até 3 notícias/mês) de leitura do conteúdo noticioso completo para não assinantes. Desse modo, considerando a necessidade de despender recurso financeiro para a efetivação da assinatura, supomos que muitos dos interactantes que produziram os comentários coletados nesse *corpus* tenham se baseado apenas na leitura do título e observação da imagem posta pelo jornal.

A partir de então, nos dias 09 de junho, 03 e 04 de setembro, todos do ano de 2020, realizou-se a seleção de 3 notícias publicadas no Facebook do jornal, bem como foram coletados os respectivos comentários. A fim de atender aos princípios de *diversidade* e *balanceamento* do *corpus*, propostos por Sinclair (2004) em seus estudos sobre a Linguística de *Corpus*, a seleção das notícias se deu observando temática geral – as três notícias estão enquadradas na categoria “cotidiano”, que divulga notícias sobre assuntos variados. Observada essa categoria, a escolha das notícias foi feita de forma aleatória, resguardada a exigência de que essa notícia tivesse recebido, no mínimo, 100 comentários (balanceamento). Assim, o

---

<sup>52</sup> Dados publicados pelo Statista em julho de 2021 e referem-se ao ano 2020. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/261629/leading-newspapers-in-brazil-by-circulation/>>. Acesso em 22 out. 2021

*corpus* dessa pesquisa está composto, ao todo, por 286 comentários divididos em três notícias com 92, 99 e 95 comentários cada. O passo seguinte consistiu na análise de cada comentário, classificando-o como impolido ou não. Para essa avaliação da impolidez, seguimos as perspectivas de Culpeper (2011), que abrangem tanto a visão do falante quanto a do ouvinte. Paralelamente a essa classificação, procedemos à avaliação dos elementos verbais e não verbais empregados nos eventos linguísticos. Conjuntamente, foram sendo identificados aspectos gerais acerca dos comentários e comentaristas, tais como objetivo comunicativo, perfil do comentarista, posicionamento do locutor, engajamento, entre outros.

Como dito, embora o método dessa pesquisa não seja quantitativo, a fim de conferir maior abrangência e elucidação ao trabalho, optamos pela inclusão de alguns gráficos no capítulo destinada às análises (próxima seção). Assim, tais gráficos não devem ser interpretados a partir de uma ótica estritamente numérica, portanto. Antes, eles apresentam uma visão geral de análises procedidas. Isso se alinha ao que fora abordado ao longo dessa pesquisa, que a impolidez não pode ser vista de uma forma pontual, mas abrangente. Em palavras mais objetivas, a título de exemplificação, observa-se que em um mesmo comentário encontram-se eventos impolidos dirigidos a mais de um interlocutor, bem como pode-se elogiar um interlocutor e ofender outro a partir de um único comentário. Isso posto, os gráficos, bem como a análise quantitativa realizada nesse trabalho, visam à representação dessas múltiplas possibilidades que a impolidez permite.

Para a produção desses gráficos, pautamo-nos nos seguintes critérios: *a) perfil do texto*. Foram separados, os comentários, em dois grupos – comentários e comentários de comentários (metacomentários). Essa divisão pareceu-nos relevante, já que põe em relevo o engajamento e a interação entre os interactantes (Gráficos 1, 6 e 11). *b) a padrão dos comentários* subdivide-se em “impolidos” e “não impolidos”. Sempre considerando o contexto, classificamos como “não impolidos” os comentários que não apresentam marcas identificáveis de impolidez, que apresentam polidez ou que apresentem elogios. Os elogios, embora sejam uma forma de polidez, como indica o verbete usado, apontam os comentários que trazem alguma forma de exaltação e enaltecimento do outro. Por fim, os comentários impolidos incluem aqueles que apresentam evidências de impolidez (Gráficos 2, 7 e 12). *c) a conexão entre a temática da notícia e os comentários também foi posta nos gráficos, pois percebemos como relevante a observação do “papel” desempenhado pelas notícias na produção dos comentários (Gráficos 3, 8 e 13). Ainda relacionado a esse tópico, destacamos o posicionamento (favorável ou contrário) dos comentaristas que produziram comentários relacionados às notícias (Gráficos 4, 9 e 14). Esse destaque contribui para a percepção da polarização (ou não) nos discursos presentes. d)*

Além dessas, foi feita também a organização dos comentários a partir dos “**alvos**” da **impolidez** (Gráficos 5, 10 e 15). Nesse ponto, a partir das descrições postas nos comentários, os gráficos demonstram a quem a impolidez era a dirigida. Esse aspecto pareceu-nos significativo, pois permite a visualização da materialização dos ataques como um todo, ou seja, considerando todos os comentários analisados de cada uma das três notícias. No que tange a essa organização pictórica, é conveniente reforçar que, sempre que possível, foram mantidas as nomenclaturas empregadas pelos comentaristas, por isso mesmo, a compreensão dos dados desses gráficos está dependente da observação da notícia e dos comentários, tudo de acordo com o contexto.

Em virtude do tamanho da amostra analisada, 286 comentários, e até da repetição das várias estratégias de impolidez, a descrição pormenorizada das análises, posta na próxima seção, foi restrita a alguns comentários selecionados de cada uma das três notícias. Essa escolha pautou-se, principalmente, no engajamento dos comentários – revelado especialmente, mas não só, a partir da quantidade de comentários de comentários. Em outras palavras, a fim de promovermos uma discussão mais ampla, de cada notícia, privilegiamos a descrição do grupo de comentários que apresentaram maior envolvimento entre os comentaristas.

Para a compilação dos dados, para além do atendimento aos princípios de *diversidade* e *balanceamento* do *corpus*, outros parâmetros LC propostos por Sinclair (2004) foram utilizados, entre eles a preocupação com a a) *autenticidade* – os textos são naturais e verdadeiros, ou seja, não foram criados com a finalidade de serem objeto de estudos linguísticos. Também em consonância com a LC, compete esclarecer que quanto à b) *tipologia* – conteúdo e finalidade –, o *corpus* aqui compilado é escrito, contemporâneo (do período atual), de amostragem (é uma porção finita e estática), especializado (um gênero textual, especificamente) e de língua nativa. Por último, acerca da c) *extensão*, também como defendido por Sinclair (2004), destaca-se que esse critério foi à medida da possibilidade e adequação ao trabalho aqui pretendido, atendido. Mais especificamente, se considerado o vasto universo de comentários de notícias publicadas no *Facebook*, uma amostra de 286 comentários tem extensão bastante limitada. No entanto, considerado o foco qualitativo pretendido nessa pesquisa, compreende-se que essa extensão fora suficiente.

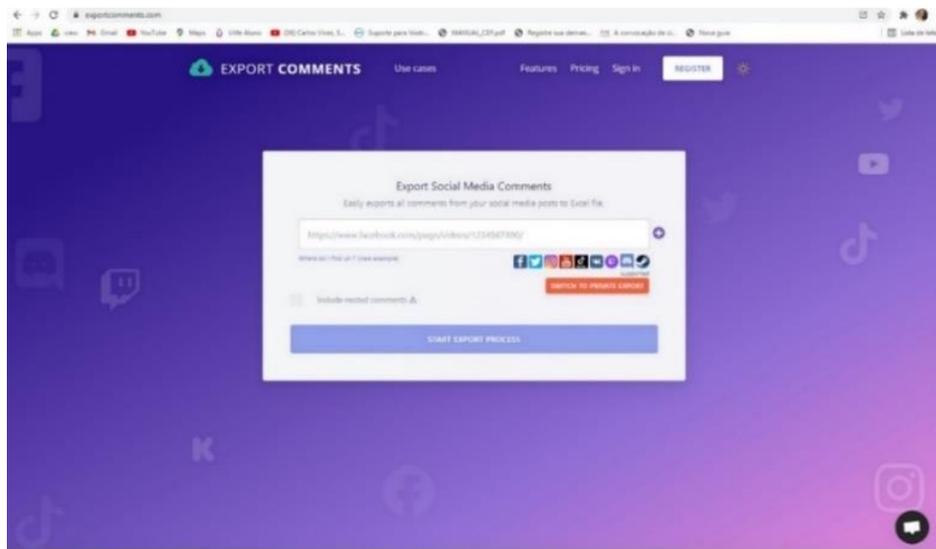
Para a exportação dos comentários, foi utilizado o programa *Export Comments*. A versão gratuita desse software permite extrair até 100 comentários do total visível em cada página de notícias do *Facebook*. Como o filtro selecionado para a exibição dos comentários no *Facebook* interfere na exportação que o *Export Comments* fará, nessa pesquisa, o filtro empregado para a visualização dos comentários das notícias foi o “Todos comentários” que, de acordo com descrição da própria página do *Facebook*, por padrão, exhibe “todos os comentários,

incluindo possíveis spam. Os comentários mais relevantes aparecerão primeiro”. Por “mais relevantes”, também de acordo com o *Facebook*, entendem-se “comentários de amigos e os comentários com maior engajamento primeiro”.

O funcionamento do *Export Comments* é bastante simples e para empregá-lo na coleta dos dados dessa pesquisa, procedemos da seguinte forma:

- 1) Acesso ao endereço eletrônico: <https://exportcomments.com/>
- 2) Na versão web (Figura 12), no canto superior direito, aparecerá o ícone que permitirá a instalação do aplicativo, caso seja do interesse do usuário. O programa permite a exportação de comentários de várias redes sociais, tais como o *Facebook*, o *Twitter*, o *Instagram*, o *YouTube*, o *Tik Tok*, entre outros.

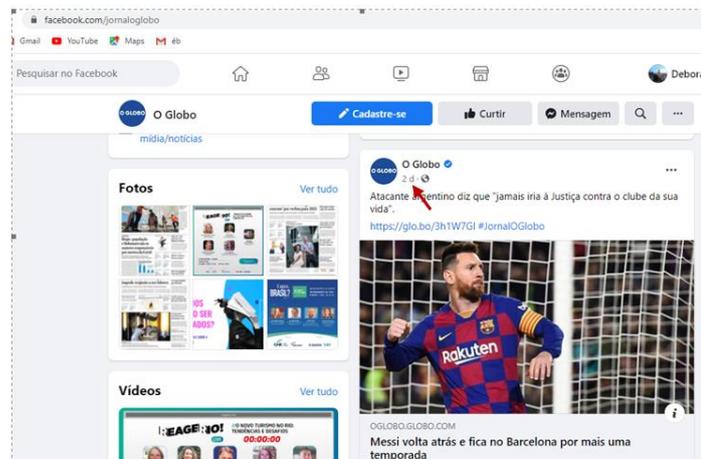
Figura 12 – versão web *Export Comments*.



Disponível em:< <https://exportcomments.com/>>. Acesso em 06 set. 2020

- 3) Para concluir a extração dos dados, é necessário acessar a página da rede social desejada. No caso do jornal O Globo, por exemplo, o acesso ao *Facebook* se dará através do endereço: <https://www.facebook.com/jornaloglobo>. A partir daí, escolhe-se a notícia. Para fazer a exportação, o *Export Comments* requer o link da notícia, que pode ser obtido a partir de um “clique” sobre a data ou hora de publicação da notícia, tal como demonstrado na figura 13.

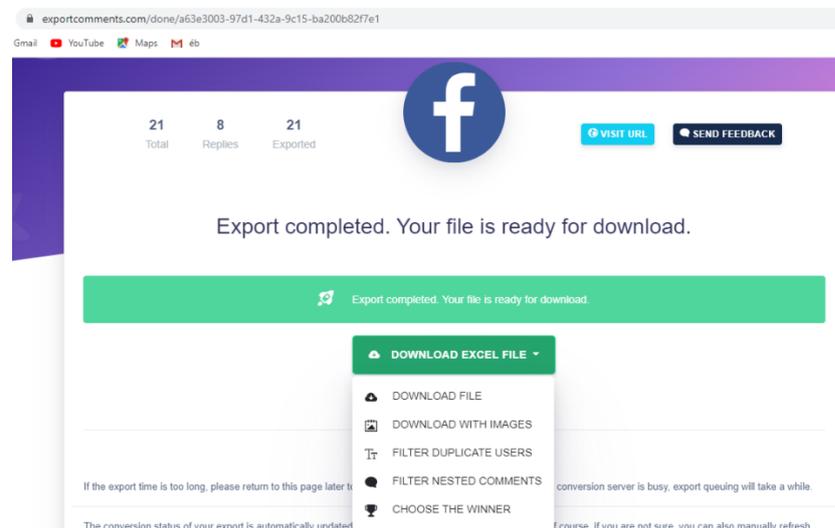
Figura 13 – Procedimento para obtenção do link da notícia.



Disponível em:<<https://www.facebook.com/jornaloglobo>>. Acesso em 06 set. 2020.

- 4) O endereço copiado deve ser colado no campo correspondente da página do *Export Comments*. A seguir, basta clicar em “*Start export process*”. Quando o processo for concluído, o sistema exibirá uma mensagem de conclusão com êxito e oferecerá as possibilidades para o download dos dados no formato desejado (Figura 14). Para essa pesquisa, adotamos o formato de arquivo do *Excel*.

Figura 14 – Página de download concluído do *Export Comments*



Disponível em:< <https://exportcomments.com/>>. Acesso em 06 set. 2020.

A partir daí, iniciou-se a análise qualitativa-interpretativa de cada um dos 286 comentários. Para isso, como já mencionado, foram considerados o teor dos textos, o contexto em que estavam inseridos, os destinatários da impolidez, as estratégias utilizadas, o uso de elementos verbais e não verbais, a intencionalidade, as emoções e o ambiente digital.

Durante a análise, foram usados os dados constantes, principalmente, na planilha do *Excel*. Em muitos momentos, também foi necessário recorrer à notícia no próprio *Facebook* para facilitar a visualização de imagens, *emojis* e caracteres especiais. Todo o *corpus* foi compilado e incluído como anexo à presente pesquisa, mas os *emojis* e imagens nem sempre são transportados para o arquivo de texto e, por isso, a depender do formato do arquivo, alguns não constarão, portanto, nos anexos. Porém, para a análise descritiva da próxima seção, os *emojis* foram manualmente transportados para o corpo de texto a fim de facilitar a visualização.

Por fim, é conveniente mencionar que, embora todos os comentários compilados sejam de caráter público, para que não houvesse qualquer tipo de constrangimento ou invasão dos direitos de privacidade, os dados pessoais que pudessem identificar os usuários foram removidos dos comentários reunidos nesse *corpus* (inclusive nos anexos). Para identificar esses emissores / destinatários removidos dos comentários foram usados os seguintes padrões: [E + número] colocado antes da numeração do comentário indica o emissor; (E + número) colocado depois da numeração do comentário indica referência feita àquele emissor, como acontece no caso de comentário de comentário. Então, a título de exemplificação, teremos:

[E1] 1 <i>Quer esconder informação, vai pra Coreia do Norte, bozo incompetente.</i>
[E2] 2 <i>Se assintomáticos raramente transmite o vírus,o que estamos fazendo dentro de casa</i> 
[E3] 2-1 <i>Se protegendo contra a AFTOSA.</i>  
[E4] 2-2 <b>(E2)</b> <i>estudando a língua portuguesa, com certeza.</i>
[E2] 2-3 <i>Bora pessoal,quero ouvi de vcs,Bolsonaro tinha razão,</i>   

[E2] 2 *Se assintomáticos raramente transmite o vírus...* [E2] = autor do comentário 2

[E4] 2-2 **(E2)** *estudando a língua portuguesa, com certeza.* [E4] = autor do comentário 2-2

**(E2)** = menção do nome (identificação) do autor do comentário 2.

A próxima seção está dedicada à exposição das análises realizadas.

## 5 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS

Tal como foi observado ao longo de todo esse trabalho, as manifestações de impolidez são “classificadas” de forma não excludente, quer dizer, uma mesma sentença tida como impolida, poderá sê-lo de diversas formas. Tudo vai depender do suporte teórico utilizado, da interpretação dada, entre outros.

Como dito anteriormente, não é nossa pretensão aqui a de esgotar a temática nem tampouco a de limitar a classificação a uma única possibilidade. Assim, as análises que seguem consideram os estudos de (Culpeper, 1996, 2005, 2011, 2017), que se dedicou à retomada de conceitos basilares sobre a impolidez, além de acrescentar, ampliar e discutir tópicos importantes para o estudo desse tema.

### 5.1 Notícia 1

Figura 15: Notícia Ministro do STF



Disponível em: <https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/3681372251902427>. Acesso em: 09 jun. 2020

Essa notícia traz informações sobre a determinação do ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes, para que o Ministério da Saúde voltasse a divulgar em seu site

o número de casos e de óbitos acumulados de coronavírus como vinha fazendo até 4 de junho de 2020. Moraes acatou pedido impetrado pelos partidos Rede, PSOL e PC do B. O pedido foi motivado pela mudança de protocolo efetivada pelo Ministério da Saúde que, a partir do dia 5, divulgou, pela primeira vez, apenas os dados do dia e tirou do ar a plataforma que apresentava todo o histórico da doença no país.

Segue a análise de comentários<sup>53</sup> produzidos a partir dessa notícia.

[E1] 1 <i>Quer esconder informação, vai pra Coreia do Norte, bozo incompetente.</i>
[E2] 2 <i>Se assintomáticos raramente transmite o vírus, o que estamos fazendo dentro de casa</i> 
[E3] 2-1 <i>Se protegendo contra a AFTOSA.</i>  
[E4] 2-2 (E2) <i>estudando a língua portuguesa, com certeza.</i>
[E2] 2-3 <i>Bora pessoal, quero ouvi de vcs, Bolsonaro tinha razão,</i>   
[E5] 2-4 (E2) <i>quem não produz nada, nunca vai entender a sua pergunta</i>    
[E3] 2-5 (E2) <i>Ele tem RAÇÃO.</i>
[E6] 2-6 "(E2) pergunta p ministro ridículo"" mandeta"" e para o STF que deu poderes aos prefeitos e governadores...Passamos a ser governados por criaturas sem condições...Ninguém se deu conta disso não????!!Nunca imaginei a formiguinha mandando no formigueiro...e se achando...Lives e lives...PALHAÇADA"

No **comentário 1**, é possível observar a ameaça à face dirigida a um interlocutor que não está presente, o presidente do Brasil. Observa-se essa ameaça, tal como preconizam Brown e Levinson (1987) sendo iniciada a partir da “pergunta” acusatória “*quer esconder informação*”, seguida por uma “nomeação” indevida - bozo (marcador de identidade impróprio), além de crítica e insulto (fórmulas convencionais de impolidez – vocativos e afirmações negativas personalizadas) (CULPEPER, 2017) “*bozo*<sup>54</sup> *incompetente*”. O ato de impolidez foi proferido direta e claramente (*bald on-record*). Ao que tudo indica, a função dessa impolidez foi a de disseminar sentimentos negativos (BEEBE, 1995). Nota-se ainda que o comentário foi tangencial à temática da notícia. Ao dirigir-se diretamente ao presidente, o locutor desloca o foco da impolidez, revelando seu (do locutor) viés político oposicionista. Sai de relevo a questão “administrativa” da divulgação dos dados por parte do Ministério da Saúde para destacar a “falha” do próprio presidente. Em outros termos, pode-se dizer que embora a notícia apresente

<sup>53</sup> Todos os comentários foram transcritos da forma como são encontrados no texto original, por isso, podem apresentar desvios da norma padrão da língua portuguesa. Da mesma forma, esclarecemos que, por fazerem parte da análise da impolidez, foram mantidas as palavras tabu, tal como postas nos comentários.

<sup>54</sup> De acordo com o dicionário informal, bozo pode ser definido como: 1) um personagem criado nos Estados Unidos em 1946 por Alan Livingston, originalmente para a série de coletânea de discos com histórias infantis Bozo at the Circus. 2) Apelido “carinhoso” dado ao Bolsonaro. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/bozo/>. Acesso em: 29 nov. 2021

uma informação acerca de um procedimento de salvaguarda da Constituição, próprio do STF, diante de uma negligência por parte do Executivo, a conduta do comentarista evidencia que o objetivo de seu comentário é o de insultar o Chefe do Executivo, que claramente é posto em débito nesse comentário.

O **comentário 2** vale-se de uma estratégia de falsa polidez a partir de “dicas” (termo empregado por Langlotz; Locher, 2017), evidenciadas pela vaguidade e pela questão, aparentemente retórica, para que se minimize a ameaça à face do interlocutor, uma forma de coação / provocação que “obrigaria” esse alocutário a posicionar-se diante da pergunta indireta “*Se assintomáticos raramente transmite o vírus, o que estamos fazendo dentro de casa*”. Nota-se que essas estratégias de minimização são insinceras, pois revelam uma forma de posicionar-se de maneira favorável à conduta de Bolsonaro e, portanto, contrária aos apoiadores de Moraes. É interessante notar também que esse comentário não está relacionado ao conteúdo da notícia, o que pode ser visto como uma ameaça à face desses interlocutores que apoiam o STF, contrários, portanto, ao presidente, já que aborda uma temática potencialmente conflituosa – impolidez positiva (CULPEPER, 2017) e que parece ter sido posta apenas para promover a discussão e a discórdia. O contexto vivenciado durante a pandemia é essencial para que se possa fazer essa análise, pois o presidente Bolsonaro (e muitos de seus apoiadores) eram favoráveis a que as pessoas pudessem sair de casa para trabalhar. Também, tal como preceitua Yus (2014), o *emoji* 🙄 empregado com a frase poderia indicar sarcasmo se tomássemos como ponto de partida a estratégia de falsa polidez empregada no texto verbal (falar o contrário do que realmente queria dizer), e, por outro lado, poderia ser visto como uma forma de reforçar o sentimento no ato de fala (dúvida). Considerando, porém, que o tópico do comentário se desvia do assunto noticiado, é provável que o emprego do *emoji* tenha sido uma forma de ironizar a conduta dos opositores de Bolsonaro (apoiadores da decisão de Alexandre de Moraes) que recomendavam que a população “ficasse em casa” durante a pandemia da Covid-19. Esse comentário motiva outros seis comentários (2-1 ao 2-6).

No primeiro comentário de comentário, o **2-1**, percebe-se a impolidez a partir de uma implicatura (CULPEPER, 2017), pois nota-se que o emissor escolhe fazer o FTA, evidenciada a partir da escolha lexical “*AFTOSA*” (diga-se, destacada em caixa alta) mas, de forma indireta. Para que o destinatário (autor do comentário 1 e, por extensão, demais apoiadores do presidente Bolsonaro) perceba o ato como impolido será necessário fazer uma série de inferências como relacionar a aftosa a uma doença que acomete o gado e, ainda, retomar o termo “*gado*” como um vocábulo depreciativo empregado para se referir aos apoiadores de Bolsonaro. A exemplo do comentário 2, aqui, percebe-se a desconexão entre a notícia e a temática desse comentário.

O comentarista [E3] claramente retoma o comentário anterior, respondendo à pergunta que identifica pelo verbo “estamos” – elíptico “nós” (comentário 2), o interlocutor preferencial (bolsonaristas) valendo-se de sarcasmo. Essa estratégia, especificamente, parece ter sido reforçada pelo uso dos *emojis* de risos 😂🤔 (LI; YANG, 2018), pois os *emojis* em parceria com o texto verbal conferem um tom jocoso ao comentário.

No **comentário 2-2**, também é possível observarmos a impolidez *off-record*. Claramente, o emissor opta pelo FTA, mas escolhe substituir uma palavra que expresse diretamente sua intenção comunicativa – chamar o destinatário (autor do comentário 2) de burro / analfabeto, entre outros – por uma expressão indireta, que depende de uma inferência. Em outras palavras, o autor do comentário 2 transgrediu a regra de concordância verbal “assintomáticos transmite” > logo, é burro > logo, precisa estudar português. Apenas traçando essa linha de raciocínio é possível perceber o sentido efetivo da frase e, portanto, a impolidez. Nesse caso, portanto, o locutor foi ofensivo sem empregar uma formulação direta. Também não se pode excluir a ironia presente nesse comentário, pois o emissor, como dito, proferiu um enunciado querendo, efetivamente, dizer o contrário, em outras palavras, disse que o (E2) estava “*estudando a língua portuguesa, com certeza*” para dizer que ele não estudava a língua portuguesa. A função da impolidez aqui aponta para a irônica (KASPER, 1990).

O **comentário 2-3** foi realizado pelo mesmo autor do comentário 2. Aqui, o emissor ameaça a face negativa dos destinatários ao dizer “*quero ouvir de vocês Bolsonaro tinha razão*”. Ainda que em tom de sarcástico, reforçado pelo uso dos *emojis* 🤔🤔🤔 (que também aludem ao posicionamento no momento da fala, algo próximo da zombaria) percebe-se a pressão do emissor sobre os destinatários (contrários ao presidente Bolsonaro). O emissor invade as perspectivas dos destinatários, impelindo-os a concordarem com ele (BROWN; LEVINSON, 1987). Nesse caso, percebe-se um exemplo de impolidez negativa, já que o locutor se coloca em posição de superioridade por pertencer ao “time” dos bolsonaristas que apoiavam a opinião expressa pelo presidente acerca do “fique em casa”<sup>55</sup>. É uma invasão do território do outro. Esse comentário, como se pode ver, também não tem qualquer relação com a notícia. O que [E2] parece fazer é não reagir (ignorar) a ofensa que lhe fora dirigida no comentário 2-2 (CULPEPER, 2003, p. 1563) e seguir com a proposta discursiva de viés claramente político iniciada por ele no comentário 2.

---

<sup>55</sup> O presidente Jair Bolsonaro (PL) voltou a fazer críticas sobre as medidas para conter o avanço na pandemia. O Chefe do Executivo Federal afirmou que o “fique em casa, se puder”, foi uma “mentira”. Ainda em sua declaração, o presidente voltou a associar os apoiadores do “Fique em casa” a comunistas. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/08/24/interna\\_politica,1388711/bolsonaro-em-betim-o-fique-em-casa-se-puder-e-uma-mentira.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/08/24/interna_politica,1388711/bolsonaro-em-betim-o-fique-em-casa-se-puder-e-uma-mentira.shtml)

No **comentário 2-4**, é possível encontrarmos uma sobreposição de estratégias de impolidez. Primeiro, tal como descrito por Culpeper (2017), podemos perceber uma zombaria, pois o emissor zomba dos destinatários que não saíam de casa para trabalhar durante a pandemia “*quem não produz nada*”, ou seja, “vagabundos”. Esses tais não seriam capazes de compreender (seriam burros) o questionamento elaborado no comentário 2 sobre o porquê de não saírem de casa. Essa mesma frase também pode ser entendida como um exemplo de impolidez *off-record* se observada pela seguinte ótica: frequentemente, os apoiadores de Bolsonaro tacham os petistas (contrários, portanto, ao governo Bolsonaro) de preguiçosos e avessos ao trabalho<sup>56</sup>. Nesse sentido, há uma falsa sutileza empregada pelo [E5] quando “indetermina” o público que “*não produz nada*” com o apoio do vocábulo “quem”. Nessa construção textual, o interlocutor precisa retomar todo o contexto desde o comentário 2 para, de fato, conseguir observar que os comentários não fazem mais que debater ideologias e políticas opostas. Percebemos também o destinatário sofrendo desdém e sendo diminuído (impolidez negativa) por parte do emissor que afirma que eles “*nunca entenderão*”. Os *emojis* de risos 😄😄😄😄 “definem” como a mensagem textual deve ser compreendida. A partir do riso, o emissor revela um tom de burla, diferente do sentimento que o texto verbal isoladamente demonstraria. Os *emojis* também apontam para uma função da impolidez: o entretenimento (CULPEPER, 2011).

No **comentário 2-5**, o mesmo emissor do comentário 2-1, responde ao comentário 2-3. Agora, esse emissor dirige a impolidez ao presidente Bolsonaro “*Ele*”. Pode ser observada a impolidez *off-record* a partir da indiretividade do que foi dito – *tem RAÇÃO*> logo, ser um animal. Embora essas palavras não tenham sido efetivamente proferidas (permanecendo no âmbito do pensamento), elas podem ser inferidas pelo contexto e pelas pistas fornecidas. Também é razoável notar o sarcasmo (megaestratégia), a ridicularização e o desdém (impolidez negativa) nesse enunciado. Algo interessante acerca dessa interação é observar que, a exemplo dos comentários anteriores, a temática desse comentário é de cunho político e enfatiza a polarização esquerda versus direita pela qual passa o Brasil. Também se observa que a notícia que, teoricamente, deveria motivar os comentários foi abandonada novamente. A intenção, um

---

<sup>56</sup> O PT, em sua sanha falaciosa contra a reforma da previdência, publicou a seguinte mensagem no seu Twitter: “Você vai morrer de trabalhar ou trabalhar até morrer”. Eis a essência de um partido de esquerda: trabalhar duro é pecado! Bom é viver às custas do dinheiro dos outros, como fazem, seja através dos salários pagos pelos contribuintes; através de empregos públicos arranjos na base do compadrio; ou o mais comum, assaltando os cofres do Estado. É por isso que estes pedinchões criam impostos sindicais, taxas obrigatórias, ONG’S, incentivos, fundo partidário, cotas sociais, bolsas diversas, pensões e tudo o que for possível para passar a mão grande vermelha no bolso de quem trabalha e produz. Disponível em: <https://blogs.uai.com.br/opiniaosemmedo/2019/07/11/o-pt-nao-gosta-de-trabalho-quer-que-alguem-pague-pela-preguica-dos-seus-politicos/>

dos elementos salientados por Culpeper (2005, p. 39), por vezes, é bastante problemática para a avaliação do analista, pois nem sempre é possível precisá-la. Nesse comentário, no entanto, a partir da avaliação da reação de [E3], que prontamente responde ao comentário anterior, pode-se excluir qualquer tipo de uma impolidez acidental. Resta claro que o objetivo foi o de atacar a imagem do presidente.

Por fim, a partir do **comentário 2-6**, observam-se algumas manifestações de impolidez dirigidas a vários destinatários. Ao que tudo indica, o emissor desse comentário é apoiador do presidente Bolsonaro e contrário, portanto, aos governantes que se opõem a ele. Embora isso não tenha sido dito claramente, infere-se que [E6] opõe-se à ideia do “fique em casa”, pois inicia seu comentário retomando claramente o comentário 2 (que era uma pergunta) a partir do verbo “pergunta”, que denota sua reprovação ao fato de estar em casa. Como dito, esse comentário impolido é direcionado a vários destinatários: ao ministro Mandeta, aos prefeitos e aos governadores. Com relação ao primeiro, o emissor se vale de uma ameaça à face positiva do ministro, a partir do ataque à autoimagem do líder. Também se trata de uma ameaça à face negativa do ministro, já que invade a perspectiva traçada por ele para a gestão da crise sanitária<sup>57</sup>. Ainda é possível percebermos a impolidez *bald on-record* (CULPEPER, 2017), pois de forma clara e direta, o gestor foi criticado e ridicularizado (impolidez negativa – uso de uma nomeação depreciativa) ao ser chamado de “ridículo” (CULPEPER, 2017). Esse mesmo termo pode ser considerado uma fórmula convencionalizada de impolidez – referência negativa personalizada (CULPEPER, 2017). Com relação aos demais destinatários, o emissor diz “*peessoas sem condições*”. Trata-se de uma ameaça à face positiva e negativa dos destinatários, pois vai de encontro, respectivamente, à autoimagem dos destinatários e à necessidade de autopreservação (BROWN; LEVINSON, 1987). Por isso mesmo, percebem-se a impolidez positiva – uso de uma nomeação depreciativa; e negativa – diminuir os prefeitos e governadores, colocando-os em posição inferior. Antes de concluir o comentário, o emissor inclui todos os destinatários na categoria “*formiguinhas*”, claramente “enquadrando” esses governantes em seus devidos lugares, algo como “o presidente manda mais do que os prefeitos e os governadores”, o que nos permite enquadrar essa manifestação impolida como positiva e negativa. O emissor fecha o comentário com a palavra “*PALHAÇADA*”, uma forma de impolidez negativa (termo depreciativo) *bald on-record*, direta e claramente dirigida aos gestores criticados ao longo do comentário, mais especificamente, o ministro Mandeta (quem

---

<sup>57</sup> Contrariando Bolsonaro, Mandetta incentiva pessoas a ficarem em casa. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/03/28/interna-brasil,840958/contrariando-bolsonaro-mandetta-incentiva-pessoas-a-ficarem-em-casa.shtml>

faz palhaçada é palhaço). Nos exemplos de impolidez registrados nesse comentário, parece predominar o propósito de disseminar sentimentos negativos (BEEBE, 1995) e a de demonstrar que a frustração vivida pelo comentarista foi causada pelas pessoas que estão sendo criticadas por ele – impolidez afetiva (CULPEPER, 2011).

Nos comentários **2-1**, **2-5** e **2-6**, o emprego das letras em caixa alta nas palavras-chave parecem enfatizar o objetivo de proferir um enunciado impolido, aparentemente, com a finalidade de enfatizar o status de “gado” atribuído ao interlocutor (2-1), de disseminar sentimentos negativos a respeito dos destinatários (2-5 e 2-6) (BEEBE, 1995) e de transparecer uma emoção: a indignação, no momento da “fala” (2-6) (KASPER, 1990). A partir da observação dos *emojis*, algum grau de emoção pode ser percebido nos comentários **2-1**, **2-3** e **2-4**, nos quais predominam a diversão e a alegria.

[E9] 3-2 ( <b>E7</b> ) <i>Se confirmou hoje a morte por Covid acontecida em abril, coloca a PORRA do número na estatística de ABRIL!!!! Como todo e qualquer dado histórico!!! Quer dizer que se encontrar HOJE a ossada de um soldado desaparecido durante a II Guerra Mundial irão inserir na estatística de mortes da guerra como morto HOJE???</i> <b>VOCÊS SÃO BURROS MAS É DEMAAAAAAAIS</b>
[E10] 3-3 ( <b>E7</b> ) <i>idiotas como vcs coa mosquito e engolem um camelo. Enquanto ficam brigando querendo saber números de mortes infladas, os governadores e prefeitos fazem farra com o dinheiro repassado pelo governo durante a pandemia. Bilhões desviados em compra de equipamentos superfaturados.</i>
[E11] 3-4 ( <b>E9</b> ), <i>ah sim, inteligentes são os MILICIANOS, que querem alterar a maneira com que isso é feito no mundo todo. Não se preocupe, hoje não leva mais do que 2 dias para um laboratório expedir o resultado de um teste.</i>
[E11] 3-5 ( <b>E10</b> ) Consta apenas o nome do comentarista (E10).

O comentário **3-2** se vale de uma combinação de mostras impolidas. Aparece um palavrão (palavra tabu) marcado em caixa alta “PORRA” (impolidez positiva). Logo, a ênfase nas afirmações, marcadas, inclusive pela repetição dos pontos exclamativos “*estatística de ABRIL!!!!*” e “*dado histórico!!!*”, conduzem o raciocínio ao ponto que será destacado na sequência: uma pergunta retórica (impolidez *off-record*) que motivará um insulto direto. Em outras palavras, o emissor vai construindo o enunciado a partir de várias manifestações impolidas que culminarão em algo mais direto e enfático. A partir do reforço dado em “*todo e qualquer*”, percebe-se um desdém por parte do emissor (impolidez negativa), que parece reduzir o destinatário à condição de inferior – função da impolidez: obter poder (BEEBE, 1995). O emissor do comentário encerra sua colocação valendo-se de uma fórmula convencionalizada de impolidez – insulto (CULPEPER, 2017) – “*Vocês são burros*” de forma direta e clara (*bald on-record*). O uso da caixa alta e do reforço prosódico “DEMAAAAAAAAIS” não podem ser ignorados, pois revelam uma intensificação que deixa claro o objetivo de ofender os

destinatários que, nesse momento, são um grupo do qual, supostamente, o autor do comentário 3 faz parte. Em outras palavras, o emissor toma o destinatário principal e o inclui em um grupo de “burros”. Não fica claro se esse grupo é de defensores do STF, do presidente Bolsonaro ou se outro.

O **comentário 3-3**, uma amostra de impolidez positiva e *bald on-record*, de forma direta, apoia-se em uma fórmula para insultar os destinatários (o autor do comentário 3 e o de outro comentário que não aparece na lista) “*idiotas como vcs*”. Também é importante considerar que outros dois destinatários (prefeitos e governadores) são alvos de impolidez positiva quando são criticados e reprimidos, tidos como “ladrões”, já que “superfaturam compras de equipamentos, desviando bilhões”. Nota-se que a função da impolidez predominante no comentário é a de obter/revelar poder e a de disseminar sentimentos negativos (BEEBE, 1995).

O **comentário 3-4** é uma resposta ao comentário 3-2 e está direcionado, primeiramente, ao autor deste. O emissor do comentário 3-4 decide contra-atacar à impolidez (CULPEPER, 2017, p. 1563) “*são burros*” com uma manifestação de impolidez *off-record* percebida a partir de insinuações, menções que necessitam de alguma inferência para que sejam compreendidas “*ah sim, inteligentes são*” e “*não se preocupe, hoje não leva...*”. Essa mesma declaração também pode ser entendida como uma falsa polidez, já que, aparentemente, parece concordar com o que foi dito. Um segundo destinatário é destacado nesse comentário, os “milicianos”. A partir dessa menção, pode-se observar que, indiretamente, esse grupo é chamado de “burros”, pois o emprego de “*inteligentes são os MILICIANOS*” ironiza esses destinatários.

Na sequência, passaremos à exposição de análises gerais acerca dos 92 comentários da notícia 1, inclusive dos que não foram descritos acima (disponíveis no anexo dessa pesquisa). Esses dados objetivam a uma discussão geral e não essencialmente quantitativa.

Gráfico 1 – Perfil do texto

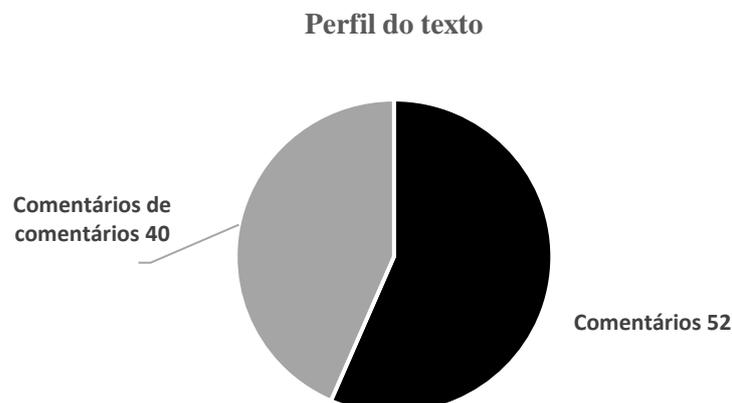
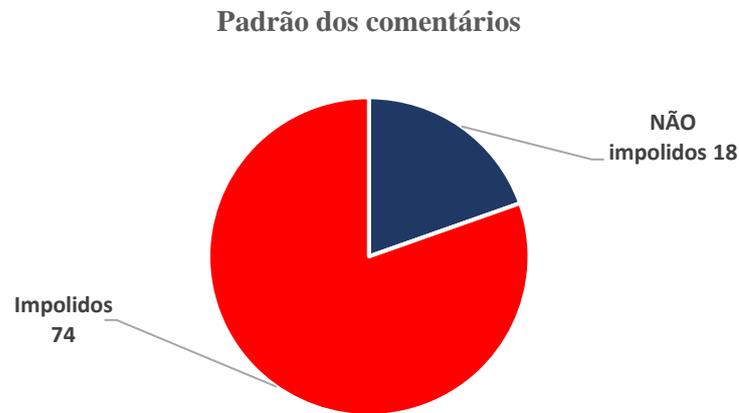
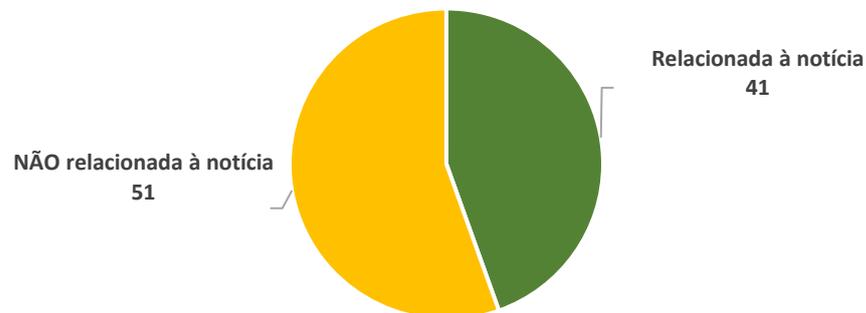


Gráfico 2 – Padrão dos comentários<sup>58</sup>Gráfico 3 – Temática<sup>59</sup>

**Temática (nº de comentários)**

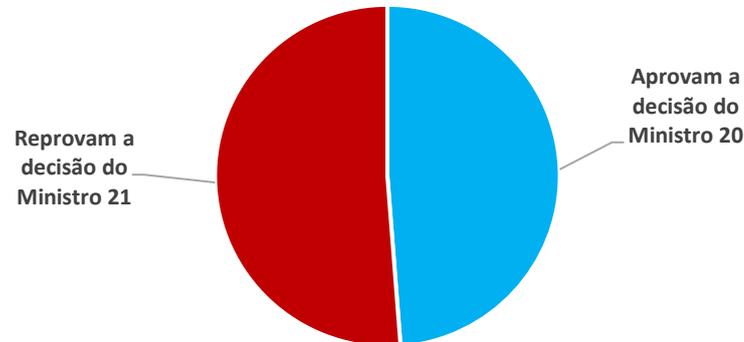


<sup>58</sup> **Gráfico 2** – Cinco comentários trazem, simultaneamente, elogio e impolidez. Como exemplo, note-se o **comentário 11** “*Parabéns Ministro Alexandre Moraes. #Fora Bolsonaro*”. Na categoria “não impolidos”, além dos elogios, foram incluídos os comentários que apresentam o conteúdo opinativo (até mesmo de discordância) de maneira polida ou, no âmbito de nossa análise, sem marcas identificáveis de impolidez, como o **comentário 14-2** “*não, não deixa ninguém feliz de ver o número de mortos, mas é uma realidade que infelizmente estamos vivendo, o povo tem o direito de saber*” ou ainda, os comentários que não apresentam marcas identificáveis nem de polidez nem de impolidez, como o **23-4** “*O importante é o denominador comum., no caso, o COVID 19*”.

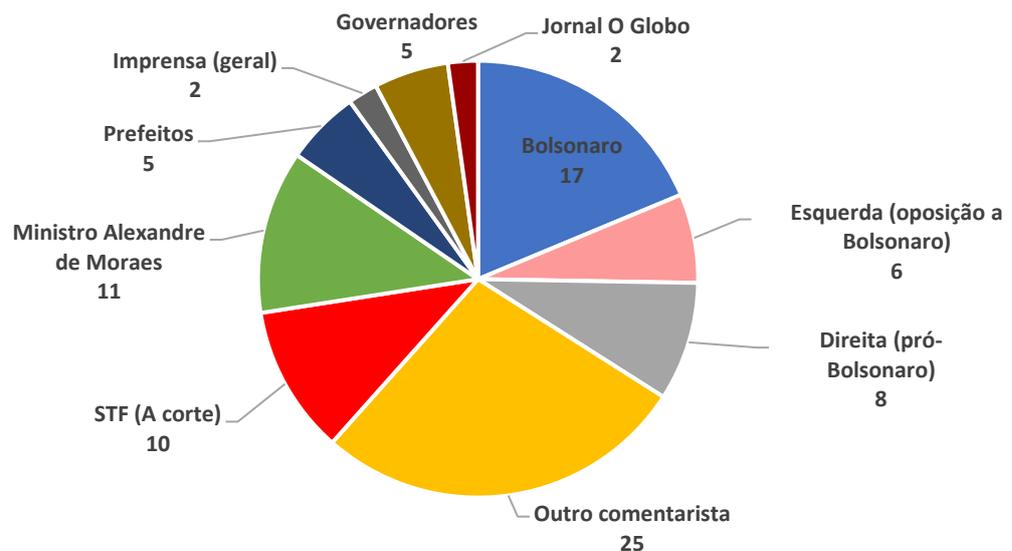
<sup>59</sup> **Gráfico 3** – Um comentário (do mesmo emissor) aparece repetido em três momentos distintos, ou seja, o comentarista, literalmente, reproduziu o mesmo comentário como resposta a três outros comentários. De modo semelhante, um comentário (do mesmo emissor) aparece repetido em dois momentos distintos.

Gráfico 4 – Posicionamento dos comentaristas<sup>60</sup>

## Posicionamento dos comentaristas frente ao fato noticiado

Gráfico 5 – Alvo da impolidez<sup>61</sup>

## "Alvo" da impolidez (nº de ocorrências)



<sup>60</sup> **Gráfico 4** – Conforme apresentado no gráfico anterior (gráfico 3), 41 comentários têm temática relacionada à notícia. Assim, no gráfico 4, estão incluídos apenas os 41 comentários que apresentaram conexão entre o tema noticiado e a temática do comentário produzido.

<sup>61</sup> **Gráfico 5** – Frequentemente, o mesmo comentário impolido pode ser dirigido a mais de um alvo, como pode ser observado no **comentário 14** “*De certo ver todos os dias o número de infectados e de mortos deixa feliz a imprensa os partidos de oposição e o STF porque tanto mimi assim esses abutres e hienas estão com fome*”. Por esse motivo, a contagem foi feita por “ocorrência” (alvo mencionado) e não por comentário. Os “prefeitos” e “governadores”, pelo contexto, são aqueles governantes que exerciam os mandatos na época dos comentários realizados. O desdobramento “Alexandre de Moraes” e “STF” foi mantido de acordo com os registros efetuados pelos comentaristas. As designações “esquerda” e “direita” também atendem às referências postas pelos interagentes quando se posicionavam de um ou outro lado (pró ou contra Bolsonaro) e atacavam seus opositos a partir da identidade coletiva. Nem sempre o ataque contra “Bolsonaro” aparece indicado por essa nomenclatura. Também há entradas como “governo”, “papadefunto”, “louco”, “energúmeno”, “encantador de minions”, entre outras.

Em resumo, nos 92 comentários analisados, classificamos como não impolidos 18 comentários (gráfico 2). Destes, aproximadamente, três não apresentavam marcas de polidez, impolidez ou elogios; oito traziam elogios (cinco deles, também tinham marcas de impolidez). Esses dados pareceram-nos extremamente relevantes, já que, em princípio, destoam de pesquisas (OTT, 2017; e OLIVEIRA; CARNEIRO, 2020) procedidas no *Twitter*, que constataram que cerca de 80% dos discursos produzidos nessa rede são inofensivos e banais, com consequências insignificantes para os usuários. Considerando, assim, os dados encontrados na presente pesquisa, nota-se que cerca de 80% dos comentários são impolidos. Precisamente o oposto do que fora encontrado nas pesquisas realizadas no *Twitter*. Por outro lado, esse mesmo fato, 74 comentários apresentarem impolidez, parece estar de acordo com essas mesmas pesquisas, que afirmam ser o ambiente on-line propício à incivilidade.

Além disso, destacamos que dois comentários continham apenas a identificação de algum comentarista. Fora do contexto, essa identificação, por exemplo, poderia não ter nenhum valor, mas considerando o desenvolvimento da interação, a menção do nome dos comentaristas em resposta a algum comentário pode indicar alguma forma de impolidez. Como exemplo, pode-se mencionar o comentário 3-5 (intencionalmente subtraído da apresentação anterior por conter apenas o nome do comentarista envolvido), posto na sequência de um comentário ofensivo, que chamava de “burros” os “*MILICIANOS*”. Em outros termos, subentende-se que a menção do nome daquele comentarista em resposta a um comentário ofensivo, equipara-se a atribuir àquele comentarista cujo nome foi mencionado aquela ofensa citada no comentário anterior. Um comentário impolido, **10-4**, valeu-se exclusivamente de linguagem não verbal (um meme de uma pessoa vomitando) para contra-atacar um comentário impolido anterior “*quer saber só de fofoqueiro*” **10-1**, dirigido ao autor do comentário 10.

Observado o gráfico 3, vê-se que 51 comentários não têm tema relacionado à notícia. Esse dado se alinha ao que aponta Cunha (2012) ao afirmar que “os comentários funcionam como um diálogo cotidiano, em que o propósito principal é interagir, a notícia servindo apenas como motivo a partir do qual os internautas “conversam”” (CUNHA, 2012, p. 30).

Ainda, entre todos os comentários, 40 deles foram comentários de comentários (gráfico 1) e destes, 25 dirigiram impolidez para outros comentaristas (gráfico 5). A partir desse dado, nessa amostra, percebe-se que, em números absolutos, o alvo preferencial da impolidez é outro comentarista e que a maior parte das interações entre os comentaristas são eventos impolidos. Os demais alvos da impolidez corroboram para a percepção do intenso movimento de polarização política no Brasil. Isso porque, somados “Bolsonaro” e seus apoiadores (pró-governo), encontramos 25 ocorrências contra 27 (gráfico 5) da “oposição” (Moraes, STF e

esquerda). Essa “briga” por partidos e candidatos parece ter acentuado os desacordos, já que a menção desses temas, potencialmente conflituosos, se configuram em uma ameaça à face positiva do destinatário, além de fomentar a disseminação de ódio e raiva (ameaça à face negativa do destinatário). Essa conclusão se mostra em sintonia com Barreto Filho (2020), que afirma que o “*Facebook* pode servir como um palco de disputas políticas e ideológicas onde interlocutores entram em conflito” (BARRETO FILHO, 2021, p. 135). Esse achado também parece encontrar subsídios nos dados do gráfico 4, que revelam que dos 41 comentários que guardam conexão com a notícia, metade deles aprova e metade desaprova a decisão tomada por Alexandre de Moraes. Novamente, aqui, percebe-se o “cabo de guerra político-partidário” que envolve a sociedade brasileira.

A partir desses dados, nessa amostra, nota-se que os comentários objetivavam o ataque à face dos destinatários dos comentários (impolidez positiva e negativa), revelados, principalmente, a partir de demonstrações da irrelevância do destinatário, das desaprovações e desacordos (impolidez positiva) e do menosprezo ou da associação do destinatário a aspectos negativos (CULPEPER, 2017).

Tomadas as fórmulas convencionais como parâmetro, observa-se que o emprego de expressões “cristalizadas” e já “consolidadas” na cultura brasileira como mostras, sabidamente, impolidas conduzem à constatação de que o objetivo desses vários comentários era mesmo o de ofender e de insultar. Mais uma vez, a temática “política” parece ter sido um gatilho para a recorrência dessa estratégia, já que o assunto noticiado foi tratado (quando foi mencionado), basicamente, sob o viés político “lado a, lado b”.

Considerando as megaestratégias, a zombaria, a ironia e o sarcasmo, também recorrentes, nota-se uma demonstração do interesse dos comentaristas na produção de humor, de deboche e na evidência de que existe alguma hierarquização (superioridade) entre os próprios comentários dos interactantes de um ou outro polo político. Algo semelhante a uma competição de comentários burlescos que conquistarão o “riso” dos leitores (CULPEPER, 2011).

Dois comentários valem-se das *hashtags* e em ambas elas foram usadas para marcar impolidez. No primeiro, “*#Fora Bolsonaro*” observa-se a hostilidade e o ataque verbal proferido contra o presidente do Brasil. No segundo caso, “Vai cair a *#justiça* tem que prevalecer”, nota-se que a *hashtag* reforça a oposição empreendida contra o ministro do STF, manifesta a partir de uma declaração que “apela” para um senso de valor e de justiça que funciona como uma “ameaça” ao ministro. Uma impolidez negativa, portanto. Esse achado se alinha à pesquisa de Oliveira e Carneiro (2018), que reconhecem que “o uso de *#foraGilmar*

reforça o caráter hostil e o ataque verbal do tweet, que exige a saída de um membro vitalício do STF. Tal ataque é endereçado a uma figura pública, realizado por meio de uma reação a uma notícia” (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2018, p. 16).

Ainda, mais um elemento interessante a se mencionar diz respeito aos *emojis*. Eles aparecem em 16 comentários impolidos. Na maior parte dos casos (14 ocorrências), eles atuam reforçando a impolidez. No entanto, em dois casos, os *emojis* exercem papel diferenciado na demonstração de impolidez. Um deles é representado pelo *emoji* 🤩. E o outro, pelo 😊. Em cinco ocorrências, os *emojis* parecem revelar emoções ou, ainda, a função própria da impolidez: quatro destes estão associados à diversão 😄🎉; e um à tristeza / decepção 😞.

## 5.2 Notícia 2

Figura 16: Maju Coutinho



Disponível em: <https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/3940516122654704>. Acesso em: 03 set. 2020

Essa notícia divulga um conteúdo republicado na coluna “diversidade” do jornal O Globo. Esse texto traz informações acerca da jornalista do grupo Globo, Maju Coutinho, capa da revista “Raça Brasil” à época. O texto apresenta um breve percurso profissional da âncora e torna públicos os “ataques” pelos quais, supostamente, a repórter estaria passando. A matéria

ainda inclui algumas declarações da jornalista, que diz sentir-se como uma referência para meninas negras no Brasil, além de noticiar “os ataques racistas à paulistana, que, recentemente também se tornou alvo de bolsonaristas”.

A imagem que acompanha o texto é uma reprodução de parte da capa da revista daquele mês.

Na sequência, a análise de comentários<sup>62</sup> produzidos a partir dessa notícia.

[E17]	10	<i>Ainda não acabou esse papo da Maju por favor ela esta querendo inverter a história pra sair de vítima</i>
[E18]	10-1	<i>Reporte mentirosa ta querendo sair de vítima a coitadinha</i>
[E19]	10-2	<i>(E17) ela não tá fazendo nada. Sofre ataques do presidente e do bando dd idiotas que o admira3, e fica calada. Quando responde algo dobre isso se faz de coitada?? Esse povo que pensa isso não se baseia em nada. Querem que ela fique calada e não fale nada, típico de idiotas facistas</i>
[E20]	10-3	<i>(E17) agora virou moda, da uma de coitadinha pra camuflar a mediocridade!</i>
[E21]	10-4	<i>(E19) tá fazendo sim seu idiota presta atenção seu jumento</i>
[E19]	10-5	<i>(E21) você como todo bolsominion facista só sabe xingar. Xingamentos é difamações no lugar de argumentos para impor opinião. Típico de fascistas...</i>
[E22]	10-6	<i>(E19) essa vagabunda está pagando por ser mau carater e suja, seu retardado</i>
[E17]	10-7	<i>(E19) dei minha opinião não te perguntei nada e tem mais nao entendi nada do vc escreveu idiota talvez burra nunca</i>
[E22]	10-8	<i>(E19) vai procurar um psiquiatra</i>
[E22]	10-9	<i>Seu demente</i>
[E23]	10-10	<i>(E19) eita cabra cego, além de cego manipulável...</i>
[E19]	10-11	<i>Sempre assim , não se tem argumentos partem pra ignorância. Típico de fascistas</i>
[E19]	10-12	<i>(E22) você é fake</i>
[E22]	10-13	<i>(E19) e vc transa de costas</i>
[E19]	10-14	<i>Eu não transo de costas, mas você é fake 🤔🤔</i>
[E22]	10-15	<i>(E19) vc não transa de costas, apenas empina o toba para transarem com ele</i>
[E19]	10-16	<i>Eu não faço nada disso, mas você é fake</i>
[E24]	10-17	<i>Os bolsonaristas piram.Não podem falar nada do político de estimação deles.KkkkkkImagem se o capitão fosse pelo menos inteligente</i>
[E22]	10-18	<i>(E24) imagine então se vc não fosse acéfalo?</i>
[E24]	10-19	<i>ohhhhhO fake ficou irritado ja.Hahaha</i>
[E22]	10-20	<i>(E24) tudo e todos que vc não aceita ou não gosta vc chama de fake. Essa é a tática dos esquerdopatas retardados e afrescalhados.</i>
[E24]	10-21	<i>(E22) kkkkkA direita ozônio pira.Nem coragem de colocar a cara a tapa</i>

<sup>62</sup> Todos os comentários foram transcritos da forma como são encontrados no texto original, por isso, podem apresentar desvios da norma padrão da língua portuguesa. Da mesma forma, esclarecemos que, por fazerem parte da análise da impolidez, foram mantidas as palavras tabu, tal como postas nos comentários.

[E22]	10-22	<i>Ozônio no kú foi invenção de um prefeito petralha. Vc tem a obrigação de fazer o tratamento preventivo, ainda mais que vc gosta</i>
[E25]	10-23	<i>Subtraído – consta apenas um meme</i>
[E24]	10-24	<b>(E22)</b> <i>acho que nao foi nao heim direitista ozônio O prefeito é do mdbTa irritadinho ja?</i>

No **comentário 10**, percebe-se uma ameaça à face positiva de Maju Coutinho. O [E17] “*Ainda não acabou esse papo da Maju*” desconsidera/despreza a jornalista (impolidez positiva) mostrando-se completamente despreocupado com a repórter. O emprego de “ainda” enfatiza esse desprezo pelos sentimentos de Maju, já que assim como salientado por Culpeper (2017), é uma forma de não a levar a sério, de tratar com desdém o sentimento exposto (impolidez negativa). Esse dêitico (“ainda”) marca o valor temporal de algo (o fato de Maju ter comentado sobre os ataques racistas) que, na opinião do comentarista [E17], já deveria ter acabado. Em “esse papo” nota-se, com bastante clareza, que o emissor questiona a verdade nas declarações de Maju. O termo “papo”, nesse contexto, é sinônimo de “conversa” que, por extensão, é entendido como mentira<sup>63</sup>, impolidez negativa, portanto. O emprego de “por favor”, posto na sequência, não fosse o contexto, poderia, facilmente, ser interpretado como uma forma de polidez, já que essa expressão, convencionalmente, está relacionada a boas maneiras e educação. Nesse comentário, porém, observa-se que essa expressão transmite o questionamento do emissor quanto à provável condescendência de seus interlocutores (outros comentaristas) frente ao sofrimento da repórter. Por fim, também é feita uma pressuposição desagradável “*ela esta querendo inverter a história pra sair de vítima*” a respeito da âncora (fórmula convencional de impolidez). Em outras palavras, o emissor reafirma que a repórter “dissimula” e “mente” para obter a piedade alheia. Ao que parece, a função da impolidez predominante nesse comentário é a de disseminar sentimentos negativos (BEEBE, 1995).

No mesmo tom, o **comentário 10-1**, proferido por [E18], inicia-se com um insulto contra Maju “*Reporte mentirosa*” (fórmula convencional / impolidez positiva – palavra depreciativa) e segue “*ta querendo sair de vítima*” com uma pressuposição desagradável a respeito da jornalista (fórmula convencional de impolidez). No fechamento, [E18] vale-se de um diminutivo, “*coitadinha*”, para menosprezar e debochar de Maju (impolidez negativa). Como visto, nesse comentário foram empregadas estratégias de impolidez combinadas, um

<sup>63</sup> Significado de papo: [Brasil] Pop. Conversa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/papo/>. Acesso em: 10/10/2022.

Significado de conversa: [Por Extensão] Mentira; relato mentiroso: falou das doações, mas era só conversa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/conversa/>. Acesso em: 10/10/2022.

recurso frequente e que amplia consideravelmente o efeito causado (ORECCHIONI, 2006). A exemplo do comentário anterior, nota-se aqui o propósito de disseminar sentimentos negativos (BEEBE, 1995).

No **comentário 10-2**, [E19] contradiz (desassocia-se) claramente o que foi dito por (E17) “*ela não tá fazendo nada*”. Com essa colocação, [E19] também emprega a polidez positiva quando defende Maju através da marca de aprovação e valorização ao que ela fez (BROWN; LEVINSON, 1987). Na sequência, [E19] afirma que a jornalista sofre ataques do “presidente e do bando...”. Em princípio, observa-se que a escolha lexical de “bando” já indica e dita o teor reprovativo do conteúdo que será posto. Esse verbete, nesse contexto, traz um sentido pejorativo de “corja”, “gente reprovável”. A partir daí, [E19] dirige um insulto claro aos alvos (impolidez positiva / fórmula convencional), os seguidores do presidente Bolsonaro, “*idiotas*”. A partir daí, uma série de afirmações negativas personalizadas de 3ª pessoa (fórmula convencional de impolidez) são proferidas contra esse mesmo destinatário “*Esse povo não se baseia em nada*”, “*idiotas facistas*”. É interessante observar que a colocação desses destinatários em 3ª pessoa objetiva invadir o território (impolidez negativa) de (E17), incluindo-o no escopo dos criticados. Como se verá mais adiante, (E17) percebe a impolidez e opta por contra-atacar.

O **comentário 10-3** segue com amostras de impolidez proferidas contra Maju. Dessa vez, a estratégia é a de novamente usar o diminutivo “*da uma de coitadinha*” para menosprezar e debochar da jornalista (impolidez negativa, portanto). No fechamento, “*camuflar a mediocridade*”, a jornalista é agredida a partir de uma referência negativa (fórmula convencional).

No **comentário 10-4**, [E21] há dois alvos para a impolidez. O primeiro, é Maju Coutinho “*tá fazendo sim*”. Observando o contexto que envolve esse comentário, percebe-se que ele foi proferido em resposta ao comentário 10-2 (de [E19]), que afirmava que “*Maju não estava fazendo nada*”. Dessa forma, o “*tá fazendo sim*”, é uma forma de impolidez positiva contra Maju, pois tece uma acusação contra ela. Mas também pode ser visto como uma forma de impolidez negativa, já que a jornalista é associada a um aspecto negativo (ser mentirosa). Na sequência, [E21] se dirige diretamente ao comentarista anterior (E19) através de dois insultos “*idiota*” e “*jumento*” (impolidez positiva / fórmula convencional) e ainda dá uma advertência a partir de uma mensagem de imposição “*presta atenção*” que pode ser vista como uma forma de impolidez negativa, já que o território de (E19) foi invadido (BROWN; LEVINSON, 1987) e como uma fórmula convencional de impolidez. Nesse comentário, é

possível observar uma combinação de funções da impolidez: disseminação de sentimentos negativos (BEEBE, 1995) e impolidez coercitiva (CULPEPER, 2011).

A partir do **comentário 10-5**, observa-se uma longa sequência (até comentário 10-24) de mostras de impolidez dirigidas, principalmente, para outros comentaristas. Um verdadeiro “ringue” parece ter sido montado e ofensas e insultos pessoais e coletivos (voltados à identidade política) ditam os comentários. Esse achado parece bem alinhado ao que afirma Barreto Filho (2021), quando diz que o “Facebook pode servir como um palco de disputas políticas e ideológicas” (BARRETO FILHO, 2021, p. 135). Nesse ponto, também se nota bem claramente o papel da intencionalidade nas comunicações impolidas, pois os interactantes, de forma deliberada, optam pelo contra-ataque através de ofensivas. O objetivo do comentário deslocase do foco de comentar a notícia para ofender, divertir-se, mostrar-se superior, como demonstrado pela sequência de comentários 10-7 a 10-24, na qual o tema da notícia sequer foi mencionado. Para facilitar a explanação desses comentários dialogais, vamos reuni-los sempre que possível.

No **comentário 10-5**, [E19] opta por um ataque direto (*bald on-record*) dirigido a (E21). Para isso, a estratégia adotada é a de um insulto – vocativo personalizado (fórmula convencional) “*você bolsominion facista*”, podendo ser visto também como uma impolidez positiva. Na sequência, é feita uma crítica “*só sabe xingar. Xingamentos é difamações no lugar de argumentos para impor opinião*” (impolidez positiva) seguida de uma generalização ofensiva “*Típico de fascistas...*”. Interessante observar que o engajamento entre os comentaristas [E19] e [E21] sugere que o desacordo foi motivado por divergências políticas. Claramente, [E19], ao optar pela reprovação de [E17] a partir de um argumento atinente à política, afronta todos aqueles que se identifiquem com Bolsonaro. Isso fica bastante claro a partir dos marcadores de identidade usados “*bolsominion*” e “*facista*”.

O **comentário 10-6**, direciona a impolidez para dois alvos: Maju Coutinho e (E22). Nos dois exemplos de impolidez, observam-se ofensas diretas (*bald on-record*) “*vagabunda*”, “*mau caráter*”, “*suja*” e “*retardado*” (fórmulas convencionais).

O **comentário 10-7** vale-se uma sequência combinada de estratégias. Inicialmente, em “*dei minha opinião*”, nota-se uma ameaça à face da própria emissora [E17] através do reconhecimento da ação praticada. Na sequência, no entanto, o comentário dirige eventos impolidos ao destinatário (E19) através de: (a) um silenciador (ORECCHIONI, 2006) “*não te perguntei nada*”; (b) uma implicatura (impolidez *off-record*) “*e tem mais nao entendi nada do vc escreveu*”. Ao afirmar que não foi possível compreender o que foi dito, a emissora [E17] faz referência aos desvios na produção do texto do comentário 10-2 (produzido por [E19]).

Implicitamente, nota-se que [E17] tacha o alvo da impolidez de “burro”. O que será confirmado de forma mais clara na sequência do comentário; (c) No trecho “*idiota talvez*”, [E17] responde à impolidez anteriormente dirigida a ele (comentário 10-2: “*idiotas*”) “aceitando” a ofensa imposta para, então, proferir uma frase que estabelece uma espécie de *ranking* entre as respostas impolidas: é melhor ser “*idiota*” do que “*burra*”. Para que o destinatário, (E19), perceba a impolidez, é necessário que ele compreenda que seu comentário não fora textualmente claro, provocando a ofensa pronunciada por [E17]. Ao dizer “*burra nunca*”, a [E17] vale-se de uma implicatura para indicar que o destinatário é “burro”. Em outras palavras, [E17] indica que se (E19) não sabe redigir um bom texto, logo, ele é burro.

Em **10-8 e 10-9**, [E22] profere uma mensagem de imposição (fórmula convencional de impolidez) “*vai procurar um psiquiatra*” que pode também ser vista como uma impolidez negativa, já que, ainda que de forma alusiva, compreende-se que a mensagem transmitida é a de nomear (E19) como “louco”<sup>64</sup>. Esse enunciado é validado e complementado em 10-9 “*demente*” através de um insulto, impolidez positiva, portanto (CULPEPER, 2017).

O **comentário 10-10** segue a mesma perspectiva ofensiva contra (E19), valendo-se da impolidez positiva / fórmula convencional para insultar “*cabra cego*” e “*manipulável*”.

No **comentário 10-11**, o [E19] emprega estratégia semelhante à que foi usada por ele no comentário 10-5, ou seja, faz uma crítica “*Sempre assim , não se tem argumentos partem pra ignorância*” (impolidez positiva); nesse caso, nota-se que a crítica foi posta à suposta falta de argumento de um grupo composto por vários comentaristas “bolsonaristas” [E20], [E21], [E22], [E17], [E22] e [E23], nessa ordem (o que comprova que a disputa é política e não sobre a notícia publicada ou sua temática). Todos esses comentaristas foram postos no mesmo grupo dos que “não tem argumentos” (SIC) e dos “fascistas” (“bolsonaristas”, portanto).

Nesse conjunto de comentários, a exemplo de outros anteriormente analisados, a impolidez demonstrou o interesse na disseminação de sentimentos negativos (BEEBE, 1995), além de revelar a estratégia dos comentaristas ao proferir esses enunciados impolidos (KASPER, 1990).

Os comentários **10-12 a 10-16** são exemplos de sequências impolidas cujas estratégias variam entre impolidez positiva / fórmula convencional através do uso de palavras depreciativas

---

<sup>64</sup> O psiquiatra Guilherme Rolim, em matéria publicado pelo jornal Estado de Minas, afirma que “Ao longo da história, devido à falta de informação, os pacientes com doenças mentais eram vistos como loucos, pessoas sem juízo, que ofereciam risco e, por isso, deveriam ser excluídas da convivência social e do mundo do trabalho. E até os profissionais eram taxadas como médicos para doidos.” Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2021/02/05/interna\\_bem\\_viver,1235057/estigma-associado-a-doencas-mentais-e-obstaculo-no-tratamento-psiquiatico.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2021/02/05/interna_bem_viver,1235057/estigma-associado-a-doencas-mentais-e-obstaculo-no-tratamento-psiquiatico.shtml). Acesso em: 20 out. 2022.

/ pejorativas “*você é fake*”; uso de palavras tabu / temas inconvenientes “*e vc transa de costas*” (CULPEPER, 2017). A partir desses comentários, novamente, há uma disputa de respostas, validado também pela partícula aditiva “e”, ou seja, “eu sou isso” e “você é aquilo”. Percebe-se que os interactantes decidem responder à impolidez através de reações de contra-ataque na ofensiva (CULPEPER, 2003), já que [E19] e [E22] “conversam” entre si atacando-se mutuamente. Em 10-12, [E22] ataca a face positiva de (E19) acusando-o de ser “fake”, ou seja, ser um perfil falso do Facebook<sup>65</sup>. Em contrapartida, [E22] “acusa” (tenta ofender) (E19) de homossexual. Em 10-14, [E19] reage à impolidez na defensiva (CULPEPER, 2003) “*Eu não transo de costas...*” e segue com uma mostra de impolidez positiva “*mas você é fake 🤪🤪*”. Além disso, [E22] vale-se ainda de megaestratégia de impolidez – sarcasmo e deboche em 10-15 “*vc não transa de costas, apenas empina o toba para transarem com ele*”. Aqui, inicial e aparentemente, [E22] concorda com a declaração de (E19) ao dizer “*vc não transa de costas...*”, mas logo desconstrói essa falsa assimilação e apresenta seu real posicionamento: a de ratificar o que dissera no comentário anterior, 10-13: (E19) é “bicha” e, acrescenta uma informação “*...apenas empina o toba para transarem com ele*”. Essa referência irônica, reforçada pelo minimizador “apenas”, indica que [E22] quer atingir a face positiva de (E19) “acusando-o” de ser “bicha” (homossexual passivo)<sup>66</sup>.

O “tom” da conversa bem como o uso dos *emojis* 🤪🤪 transmitem alguma emoção (diversão). Esse divertimento parece demonstrar uma satisfação estética, na competição de respostas, e a satisfação voyeurística, já que elementos “sensíveis” foram expostos. Tudo isso, reforça o interesse por divertir a si e a outros a partir dos comentários proferidos (CULPEPER, 2011). No comentário 10-16, [E19] repete a mesma estratégia, reage à impolidez na defensiva (CULPEPER, 2003) “*Eu não faço nada disso...*” e segue com uma mostra de impolidez positiva “*mas você é fake*”. Aqui, confirma-se que a impolidez pode ser estratégica, sistemática e sofisticada, já que as palavras do enunciado foram bem escolhidas para que o registro impolido atingisse o objetivo.

<sup>65</sup> As contas fakes (falsas, em inglês) são perfis criados por pessoas principalmente para enganar outros usuários ou disseminar informações de maneira mal-intencionada. Quando um fake é criado no *Facebook* ele pode ter diversos fins, entre eles a aplicação de golpes. De maneira geral, essas contas falsas usam por exemplo, fotos e informações de outras pessoas para conquistar amigos e roubar informações. Grande parte dos fakes são criados e gerenciados por pessoas reais. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/08/o-que-e-um-fake-no-facebook-veja-como-identificar-um-perfil-falso.shtml>. Acesso em: 20 out. 2022.

<sup>66</sup> O que diferencia o homossexual “passivo” é, de algum modo, a sua suposta preferência e frequência de ser penetrado no coito homoerótico e, sobretudo, os trejeitos. Segundo Green (2000), por causa disto, é taxado de “viado” ou “bicha” (pederasta passivo). Enfim, pesa sobre o homem que, no ato sexual, é penetrado, o estigma da virilidade perdida. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v7n1/06.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

O **comentário 10-17** é sarcástico, debochado “*Os bolsonaristas piram*”, “*político de estimação delesKkkkkk*” e dirigido a Bolsonaro e seus seguidores. Vale-se também de ironia “*Imagem se o capitão fosse pelo menos inteligente*” para insultar Bolsonaro, tachando-o como uma pessoa “burra”. O deboche e o sarcasmo são enfatizados pelo elemento “Kkkkkk” – que marca o tom jocoso, e pelas escolhas lexicais empregadas no comentário “*piram*” e “*político de estimação*”. Ao empregar “*piram*”, [E24] debocha do teor repetidamente impolido (e até ofensivo) utilizado pelos “bolsonaristas” como uma mostra de sua (dos “bolsonaristas”) insanidade. Já o uso do termo “*político de estimação*”, tema da música homônima (2020) da banda Detonautas, remete a um “fenômeno” comum nas redes sociais: a “idolatria” aos políticos. Esses homens públicos, sejam eles de esquerda ou de direita, são equiparados a “produtos” e, como tais, vendem sua “marca”. Nesse sentido, seus “consumidores” (eleitores) criam com esses políticos um vínculo emocional e passam a defendê-los a qualquer preço, a despeito do que esses políticos façam ou falem<sup>67</sup>.

No **comentário 10-18**, em resposta ao 10-17, [E22] emprega a mesma estratégia irônica e sarcástica (megaestratégia) do 10-17 “*imagine então se vc não fosse acéfalo?*” para insultar [E24] como “burro”. Em resposta a esse comentário, [E24] mantém o tom jocoso e debocha de (E22) através de uma afirmação negativa de 3ª pessoa “*O fake...*” acompanhado por uma pergunta indireta provocativa “*ficou irritado já*” no **comentário 10-19**. Interessante destacar aqui que o [E24] compreende a impolidez dirigida a ele e faz uma leitura da emoção (irritação) de [E22]. O emprego de “*Hahaha*” marca caráter acentuadamente debochado da declaração. Os insultos seguem nos **comentários** seguintes, **10-20** a **10-24**, seguindo a mesma sistemática com [E24] parecendo divertir-se com deboches e sarcasmo e [E22] revidando com insultos (impolidez positiva / fórmula convencional) mais específicos e direcionados ao comentarista (E24) e àqueles que são contrários ao presidente Bolsonaro. Em **10-20**, [E22] questiona a nomeação de “*fake*” e contra-ataca na ofensiva, nominando (E24) e, por extensão, os “esquerdistas” de “*esquerdopatas retardados e afrescalhados*”. A palavra “esquerdopatas”, formada pela palavra “esquerda” acrescida do sufixo grego “pata”, evidencia um uso pejorativo empregado para desqualificar os apoiadores da esquerda, associando-os a “doentes”<sup>68</sup>, pessoas insanas. Em “*retardados e afrescalhados*” seguem os marcadores de identidade impróprios, impolidez positiva, portanto (CULPEPER, 2017). Em **10-21**, “*kkkkkA direita ozônio pira*”,

<sup>67</sup> Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/marketing-politico-e-o-fenomeno-do-politico-de-estimacao/>. Acesso: 20 out. 2022.

<sup>68</sup> De acordo com o dicionário Priberam, vem do grego e exprime a noção de doença ou sofrimento (ex.: frenopata, psicopata). Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pata>. Acesso: 20 out. 2022.

observa-se uma nomeação indevida aos seguidores de Bolsonaro. Nesse caso, o termo “ozônio”, operando como um adjetivo, caracteriza o grupo de Bolsonaristas como adeptos da ozonioterapia no ânus<sup>69</sup> que, em termos mais claros, é o mesmo que dizer que eles são “bichas”.

No **comentário 10-22**, [E22] reage à impolidez com um contra-ataque na defensiva “*Ozônio no kú foi invenção de um prefeito petralha*”, se considerada a sua própria posição diante do evento sofrido e, na ofensiva, se considerada a “acusação” dirigida ao prefeito que teria defendido o uso do ozônio no ânus como tratamento contra o Covid-19. O termo tabu “*kú*” confere um efeito aumentado à impolidez praticada. Também não se pode afastar a nomenclatura imprópria “*petralha*”, que é um termo pejorativo empregado para referir-se aos Petistas<sup>70</sup>. Na sequência, nota-se uma invasão ao território do interlocutor, impolidez negativa, a partir da imposição feita “*Vc tem a obrigação de fazer o tratamento preventivo*” acompanhada por uma pressuposição desagradável “*ainda mais que vc gosta*”, sugerindo que [E24] é homossexual. Finalizando a interlocução entre [E22] e [E24], este dirige-se àquele com um contra-ataque na defensiva “*acho que nao foi não*”, seguido pelo mesmo marcador impróprio (impolidez positiva) “*direitista ozônio*”. Em “*Ta irritadinho ja?*” [E24] formula uma pergunta (uma brincadeira) desconfortável, validada a partir do diminutivo “*irritadinho*” posto como forma de deboche. Novamente, [E24] “interpreta” a emoção de [E22], entendendo que a irritação fica evidente a partir do comentário anteriormente proferido por [E22].

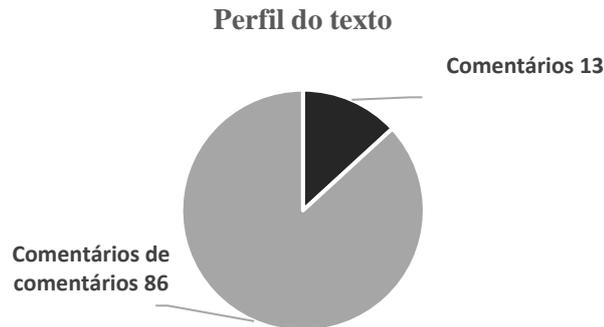
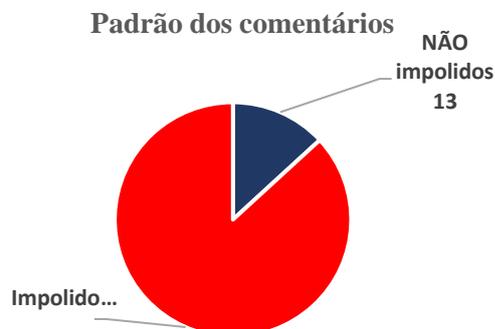
Nessa sequência de comentários, a função predominante das amostras de impolidez parece ter sido a diversão (CULPEPER, 2011), o desejo de rir às custas da exposição do outro. Também pode-se notar a disputa entre os comentaristas. Um bate e rebate que marca a necessidade de responder à provocação do outro para não deixar-se vencer.

Na sequência, passaremos à exposição de análises gerais acerca dos 99 comentários da notícia 2, inclusive dos que não foram descritos acima (disponíveis no anexo dessa pesquisa). Reiteramos que esses dados visam a uma discussão geral e não a algo especificamente quantitativo.

<sup>69</sup> Segundo O Globo, o prefeito de Itajaí (SC), Volnei Morastoni (MDB), teria defendido em vídeo a aplicação do ozônio, via retal, como parte do tratamento nas redes sociais. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/coronavirus/grupo-apresenta-pazuello-pesquisas-sobre-aplicacao-de-ozonio-no-anus-para-tratar-covid-19-24569533.html>. Acesso: 20 out. 2022

<sup>70</sup> O adjetivo “petralha” é um neologismo criado pelo jornalista Reinaldo Azevedo, que o formou de petista (em referência ao simpatizante ou membro desonesto, aloprado ou inescrupuloso do PT) + Irmãos Metralha, gêmeos bandidos atrapalhados das histórias em quadrinhos e dos desenhos animados. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/segundo-washington-post-petralha-e-uma-das-seis-palavras-para-entender-o-brasil-de-hoje/>. Acesso: 20 out. 2022.

Gráfico 6 – Perfil do texto

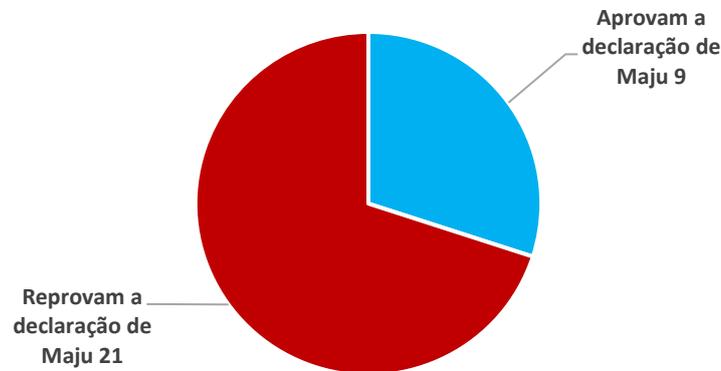
Gráfico 7 – Padrão dos comentários<sup>71</sup>Gráfico 8 – Temática<sup>72</sup>

<sup>71</sup> **Gráfico 7** – Um comentário traz apenas a identificação de um comentarista e não foi possível, mesmo com a ajuda do contexto, constatar se essa identificação tinha caráter impolido. Por esse motivo, optamos pela inclusão desse comentário na categoria “não impolidos”. Há dois comentários que trazem, simultaneamente, elogios e impolidez. Como exemplo, pode-se mencionar o **comentário 4** “*Caráter não tem cor, Maju é maravilhosa, mas é mentirosa e a Miriam Leitão é só mentirosa.#MajuMentirosa*”. Na categoria “não impolidos”, foram incluídos os elogios, os comentários que traziam outras marcas de polidez e os comentários que não apresentavam marcas identificáveis de impolidez. A título de exemplificação, podemos mencionar o **comentário 13-34** “*A Globo é a melhor!*” (um elogio) e o comentário 13-41 “*lamento, mas não sou não Geralmente o que vejo nas redes ou recebo, contra ou a favor do que acredito, vou me certificar. Claro que nem tudo, mas....*” (com marcas de polidez).

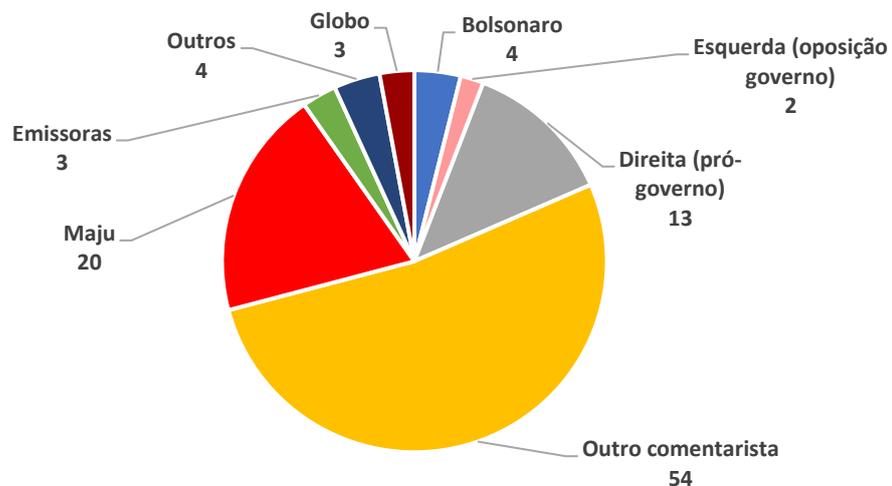
<sup>72</sup> **Gráfico 8** – Um comentário traz apenas a identificação de um comentarista e não foi possível, mesmo com a ajuda do contexto, fazer a análise quanto à conexão ou não com a temática da notícia. No entanto, considerando a falta de elementos que ligassem o texto à notícia, optamos pela inclusão desse comentário na categoria “não relacionada à notícia”.

Gráfico 9 – Posicionamento dos comentaristas<sup>73</sup>

## Posicionamento dos comentaristas frente ao fato noticiado

Gráfico 10 – Alvo da impolidez<sup>74</sup>

## "Alvo" da impolidez (nº de ocorrências)



<sup>73</sup> **Gráfico 9** – De acordo com o que foi apresentado no gráfico 8, 30 comentários têm conexão entre a notícia e o comentário produzido. Portanto, esse foi o quantitativo total posto no gráfico 9. A título de complementação, mencionamos que entre os 21 comentários que apresentam reprovação à declaração de Maju, cerca de dez evocam questões de “cor”, “raça” e “caráter”, além do emprego recorrente do termo “mentir” e derivados.

<sup>74</sup> **Gráfico 10** – Como dito em outras ocasiões ao longo dessa pesquisa, o mesmo comentário impolido pode ser dirigido a mais de um alvo, como pode ser observado no **comentário 14** “*mente nossa e as imparciais Record , SBT, e Rede Tv que vc adora que não dão a notícia com clareza , no dia do fatídico vídeo do dia 22 de abriu os canais apadrinhados por este governo , não deram uma manchete , uma matéria falando sobre o vídeo , o mal do Brasil não e a tv Globo , e a língua de cobra cascavel da maioria do povo , sabe como a cascavel faz aquela linguasinha de fora e a língua maldita da maioria do povo brasileiro.*”. Por esse motivo, a contagem foi feita por “ocorrência” (alvo mencionado) e não por comentário. As designações “esquerda” e “direita” também atendem às referências postas pelos interactantes quando se posicionavam de um ou outro lado (pró ou contra Bolsonaro) e atacavam seus opostos a partir da identidade coletiva. Nem sempre o ataque contra “Maju” aparece indicado por essa nomenclatura. Também há entradas como “reporte” (SIC), “jornalista”, “menina”, “vagabunda”, entre outras. O termo “Bolsonaro” não foi mencionado, mas pelo contexto, fica claro que ele é o alvo. Referem-se a ele as palavras “governo”, “político de estimação”, “bozo”, entre outras.

A respeito dos comentários dessa notícia, é conveniente destacar que dos 99 coletados, 86 são respostas a comentários anteriores. Também é interessante observar que 54 comentários impolidos estão dirigidos a outros comentaristas e que destes, cerca de 42 não estabelecem nenhum tipo de conexão com a notícia. Esses dados poderiam, em parte, ser explicados pela grande interação havida entre os comentaristas. Em outras palavras, na interlocução, o foco dos comentaristas pareceu deslocar-se das considerações sobre a notícia para as observações sobre outros comentaristas. Nessa “troca” o objetivo parece ter sido de, deliberadamente, focalizar as ameaças às faces dos interlocutores em turnos de contra-ataques.

Também entendemos ser relevante destacar que, nessa mostra analisada, de modo bastante peculiar, houve um engajamento grande e duradouro entre alguns interactantes. A título de exemplificação, citamos uma mesma comentarista que participa produzindo 17 comentários e dois outros comentaristas (sexo masculino) que participam produzindo 8 e 7 comentários cada, respectivamente. Somados, então, esses três comentaristas produzem 32 comentários. Sendo que os dois últimos, conversam entre si o tempo todo. Destes 32, 27 comentários são impolidos. Considerando que o *Facebook* não é uma rede social de atividade tipicamente síncrona (o que pressupõe um retorno do internauta para seguir acrescentando “novos comentários”), esses dados nos permitem deduzir que o objetivo desses interactantes era mesmo o de usar a impolidez em contra-ataques ofensivos. Essa conclusão parece alinhar-se com as perspectivas dos estudos de Barreto Filho (2019; 2021), Pereira (2020), Oliveira; Carneiro (2018; 2020), que afirmam ser o ambiente on-line amplamente perpassados por eventos impolidos. Também compreendemos ser significativo mencionar que há três sequências de comentários de comentários nessa notícia. Em duas delas, as mais longas, o assunto em debate foi direcionado para questões políticas, especificamente, para o conflito “esquerda” versus “direita”. Essa “tendência”, sobretudo se considerada a temática da notícia, parece indicar que o debate político está presente nas discussões do *Facebook* independente do assunto que iniciara a interação. Essa dedução parece corroborar a conclusão de Balocco e Shepaherd (2017) quando afirmam que os comentários podem ser vistos como novos espaços de articulação dos discursos político e midiático.

Algo mais a se dizer é que o tópico discursivo desenvolvido ao longo de vários comentários (combate ou reforço do racismo e temas tabu) parece ter influenciado no emprego de muitas fórmulas convencionais de impolidez. Por esse motivo, em vários comentários, a diferenciação entre insulto, pressuposição desagradável e crítica foi consideravelmente difícil. Tome-se o caso de uma fórmula convencional tida, por exemplo, como um insulto “*Caráter não tem cor, Maju é maravilhosa, mas é mentirosa e a Miriam Leitão é só mentirosa*”

(comentário 4, disponível nos anexos dessa pesquisa) – Maju é mentirosa – mas que, por outro lado, também pode ser enquadrada como uma pressuposição desagradável “é maravilhosa, mas é mentirosa... Miriam Leitão é só mentirosa” – ou seja, Maju é bonita (ótima) e mentirosa e Miriam Leitão é feia (ruim) e mentirosa.

A essa dificuldade, soma-se o intenso engajamento entre os comentaristas que, segundo parece, acabou contribuindo para uma circularidade da mesma temática provocativa, envolvendo racismo, homofobia, beleza e política. Essa constante interação entre os comentaristas, estimulada pela temática constantemente retomada, teria provocado, então, mais e mais insultos e xingamentos, dirigidos contra outros comentaristas e Maju.

Os exemplos de impolidez dos comentários da notícia 2, de forma bastante recorrente, pareciam ter a função principal de disseminar sentimentos negativos. Talvez, o tema discutido ao longo dessa notícia também tenha influenciado essa repetição. Conforme Brown e Levinson (1987), a escolha da estratégia de polidez é determinada pelo falante no momento da interação. Por analogia, pode-se compreender que essa mesma conduta é adotada pelo falante que profere ato impolido. Como esclarece Beebe (1995), o falante se vale da impolidez para atingir um objetivo. Isso posto, pode ser que haja ligação entre o tema extremamente complexo (mistura de racismo com política e beleza) e recorrente disseminação de ideias negativas nos comentários dessa notícia.

As *hashtags* apareceram duas vezes e, em ambas, elas marcam a impolidez através de um insulto, impolidez positiva, portanto. Na primeira delas, “#MajuMentirosa”, o texto que a acompanha repete o que fora dito no comentário. No segundo caso, o comentário é impolido precisamente pelo texto marcado pelas *hashtags* “#MajuMentirosa”, “#RachadinhaDaGlobo”, ou seja, nada mais foi dito além do que consta nas *hashtags*.

Os comentários que receberam o maior número de “likes”  (função “adoro” do Facebook) são comentários impolidos, a saber: o “*Se é vítima, é da emissora que trabalha....que mente e manda mentir!Faça jornalismo sério, Maju!Se confia em seu potencial, saia daí e trabalhe com a verdade!*” e o “*Caráter não tem cor, Maju é maravilhosa, mas é mentirosa e a Miriam Leitão é só mentirosa.#MajuMentirosa*”, com 459 e 352 “likes”, respectivamente. Atentando para o considerável número de curtidas que os comentários receberam, é possível, no mínimo, apreender que o *animus* é o tom predominante nas interações. Fato que é validado pela enormidade de comentários impolidos.

Ao longo dos comentários, alguns *emojis* foram empregados com a finalidade de transmitir uma emoção e auxiliar na percepção do tom da conversa, como o caso, já destacado,

do comentário 10-14 🤔🤔; do 😏 (comentário 13-3), o 😊 (comentário 13-28) e do 😊 (comentário 13-32). Outros *emojis*, tais como: 🧑 (comentário 5-5), 🐮 (comentário 13-2), 🤔 (comentário 13-37) e ❤️ (comentário 13-19) foram empregados como intensificadores do texto verbal (LI; YANG, 2018). Especificamente acerca do comentário 13-19, interessante destacar que, embora o ❤️, frequentemente, possa ser entendido como marcador de proximidade e intimidade (OLIVEIRA; CUNHA; AVELAR, 2018), nesse contexto, não pode ser assim interpretado. Considerando serem os interactantes desconhecidos entre si, não é razoável afirmar que o ❤️ seja uma manifestação afetuosa, mas uma ênfase ao texto verbal irônico, “*adorei*”, proferido. Essa constatação é mais um argumento a favor da importância do contexto na interpretação elementos verbais e não verbais que envolvem a comunicação. Nenhum *emoji*, isoladamente, foi responsável pela expressão da impolidez. Em todos os casos, como já mencionado, eles atuaram em parceria.

Por fim, também é importante reforçar que, frequentemente, em todos os níveis de impolidez, mais de uma estratégia foi empregada em um mesmo comentário, resultando em uma combinação de estratégias, portanto.

### 5.3 Notícia 3

Figura 17 – Prefeito Crivella

The image shows a Facebook post from the account 'O Globo'. The post header includes the profile picture, name 'O Globo', and details like '@jornaloglobo', '1,7 (71 avaliações)', and 'Empresa de mídia/notícias'. There is a 'Cadastre-se' button and a link to 'assineoglobo.globo.com'. The navigation bar shows 'Página inicial', 'Assine O GLOBO', 'Eventos', 'Mais', 'Curtir', 'Mensagem', and search icons. The main content of the post is a text announcement from 'O Globo' dated '4 de setembro de 2020'. The text states: 'Prefeito do Rio vai encerrar uma CPI na Câmara de Vereadores, que vai apurar as denúncias dos "Guardiões do Crivella".' A link is provided: 'https://glo.bo/2EXDOVQ #JornalOGlobo'. Below the text is a photograph of a man wearing a blue face mask with the 'RIO' logo. At the bottom of the post, there is a caption: 'OGLOBO.GLOBO.COM Crivella publica texto bíblico após escapar de impeachment depois do esquema dos "Guardiões"'. The caption is partially cut off at the bottom.

Disponível em: <https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/3943834285656221>. Acesso em: 04 set. 2020

Essa notícia traz informações sobre uma postagem feita pelo ex-prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, em seu próprio Facebook. A publicação teria ocorrido um dia após a liberação de decisão favorável ao bispo, proferida pela Câmara de Vereadores do Rio. Crivella estava sob investigação de uma CPI, que culminaria em seu impeachment, para a apuração de denúncias dos “Guardiões de Crivella” (um esquema que “pagava” funcionários da Prefeitura do Rio para coibirem reclamações e denúncias sobre o péssimo atendimento no serviço de saúde da cidade). Segundo o Globo, sem tecer qualquer tipo de comentário sobre a CPI ou sobre seu arquivamento, Crivella teria publicado em sua rede social apenas a transcrição dos três primeiros versículos de Salmos 27.

A seguir, a análise de comentários<sup>75</sup> produzidos a partir dessa notícia.

[E31]	21	<i>A Globo tá doida pra derrubar esse cara! Parabéns Crivella, mais uma luta vencida, se a Globo é contra vc pq tá no caminho certo!</i>
[E32]	21-1	<b>(E31)</b> <i>e serio isso ???</i>
[E31]	21-2	<b>(E32)</b> <i>só foi uma mensagem Kim Jong-un.</i>
[E23]	21-3	<b>(E31)</b> <i>you não pode ser normal pra defender esse lixo .</i>
[E33]	21-4	<b>(E31)</b> <i>abre uma empresa e põe o Crivella para administrar.</i>
[E34]	21-5	<b>(E31)</b> <i>Mais idiota que ri de uma orelha a outra, enqto a tora tá entrando kool a dentro, sem vaselina 🍑😁👉</i>
[E35]	21-6	<i>Fake gado</i>
[E36]	21-7	<b>(E31)</b> <i>falso profeta evangélico do Paraguai vai queimar no fogo do inferno ele e o Macedo e os que apoiarem</i>
[E37]	21-8	<b>(E31)</b> <i>, vc está bem?Não deve morar no Rio.</i>
[E38]	21-9	<i>Você quer identificar um imbecil ?É ler algum comentário em que ele está idolatrando e/ou defendendo algum político, seja de direita ou esquerda ou botando a culpa na mídia por divulgar as falcatruas dele.</i>
[E31]	21-10	<i>As mulas esquedistas não param de relinchar 🐎🐎🐎</i>
[E31]	21-11	<b>(E35)</b> <i>passaram mais de uma década relinchando e vem aqui chamar os outros de gado, tá de brincadeira né?!</i>
[E35]	21-12	<b>(E31)</b> <i>vc está feliz né...fake gado com localização fora do Brasil...</i>
[E35]	21-13	<b>(E37)</b> <i>veja a localização dele no perfil kkkkk</i>

No **comentário 21**, [E31] através de uma acusação contra a Globo “*A Globo tá doida pra derrubar esse cara!*”, percebe-se uma ameaça à face positiva da instituição. Esse mesmo comentário, também pode ser visto como uma impolidez negativa, pois a emissora está sendo associada a um aspecto claramente negativo “perseguição”. Por outro lado, a partir de um elogio, uma aprovação, “*Parabéns Crivella, mais uma luta vencida*”, [E31] vale-se da polidez

<sup>75</sup> Todos os comentários foram transcritos da forma como são encontrados no texto original, por isso, podem apresentar desvios da norma padrão da língua portuguesa. Também reiteramos que as palavras tabu, por fazerem parte da análise da impolidez, foram mantidas tal como postas nos comentários.

positiva como base para a realização de um novo FTA contra a emissora Globo, agora, por meio de uma implicatura (impolidez *off-record*) “*se a globo está contra vc é porque está no caminho certo*”. Para compreender essa impolidez é necessária uma inferência que contemple a lógica: Crivella foi parabenizado, logo, ele tem uma atitude louvável. Então, se Globo persegue Crivella e ele está no caminho certo, logo, a Globo persegue o ex-prefeito injustamente.

Em resposta a esse comentário, outros quinze são proferidos, dos quais, treze foram transcritos acima e analisados a seguir.

No **comentário 21-1**, a pergunta de é [E32] “*e serio isso ???*”, dirigida a (E31), é uma ameaça à face positiva do destinatário, pois é uma forma de reprovação do comentário efetuado por [E31], impolidez positiva, portanto. Esse mesmo comentário também pode ser visto como uma forma de impolidez negativa, pois a pergunta “impõe” a (E31) a “oportunidade” (obrigação) de se explicar, o que o colocaria em situação de débito (CULPEPER, 2017). Em todo caso, porém, não se pode afastar o caráter sarcástico desse comentário, haja vista o tom malicioso perceptível através dessa zombaria em forma de pergunta.

Em resposta a (E32), [E31], através do **comentário 21-2** percebe a impolidez, parece sentir-se ofendido e, tal como esclarece Culpeper (2003), opta pelo FTA reagindo ao ato impolido através de um contra-ataque na defensiva e vale-se de um minimizador “*só*” em “*só foi uma mensagem*”, um tipo de justificação, que claramente soa como uma reprimenda ao (E32), comparando o interlocutor ao ditador da Coreia do Norte<sup>76</sup>. Nesse momento, o debate se volta para a divergência, tão atual no cenário político brasileiro, entre esquerda e direita. Isso fica claro a partir do “lugar” imputado a (E32) – esquerdista; e do assumido por [E31] – defensor de Crivella, portanto, direita. Obviamente, para que a ofensa seja percebida é necessário o conhecimento sobre o nome do déspota citado.

O **comentário 21-3** apresenta demonstrações de impolidez contra dois alvos. O primeiro é o (E31), que é tido como alguém “*anormal*”. Mas a forma como essa mensagem foi dita “*você não pode ser...*” desloca o interlocutor, colocando-o em xeque e associando-o a um aspecto claramente negativo (impolidez negativa). O [E23] também ataca diretamente (impolidez *bold on-record*) o alvo 2, Marcelo Crivella, insultando-o com a referência “*esse lixo*” (fórmula convencional).

---

<sup>76</sup> A Coreia do Norte se fechou em seu regime comunista e de **extrema esquerda**, enquanto a do Sul manteve um contato político, econômico e social aberto com o resto do mundo. Dessa forma, o regime norte-coreano criou um sistema rígido e ditatorial de regras, costumes e valores que devem ser carregados de geração para geração, além de evitar ao máximo ações políticas em parceria com a comunidade internacional. Tal regime baseia-se na ideologia Juche, cujo pensamento traz à tona um forte sentimento de nacionalismo e culto à personalidade do Grande Líder, o ditador da Coreia do Norte (Kim Jong Un). Disponível em: <https://www.stoodi.com.br/blog/atualidades/coreia-do-norte-entenda-tudo/>. Acesso: 20 out. 2022.

O **comentário 21-4** “*abre uma empresa e põe o Crivella para administrar*”, em resposta a (E31), é sarcástico e debochado, pois dá uma “sugestão” que, na verdade, é uma forma de desdenhar de Crivella e de [E31], que o defendera no comentário 21. Essa proposta de [E33] questiona a capacidade de gestão de Crivella e, ao mesmo tempo, objeta o comentário de [E31].

No **comentário 21-5** “*Mais idiota que ri de uma orelha a outra, enqto a tora tá entrando kool a dentro, sem vaselina* 👉 🤪 👉”, proferido em resposta a (E31), observam-se várias estratégias de impolidez. Inicialmente, em “*Mais (um)*”<sup>77</sup> *idiota que ri de uma orelha a outra...*” emprega-se uma palavra depreciativa “*idiota*”, que é “justificada” na sequência do comentário como “alguém que ri (elogia o governante) de uma orelha a outra enquanto está “se ferrando”” (sendo enganado pelo mesmo governante), para referir-se a (E31). Trata-se de uma construção metafórica, portanto. No trecho, “*enqto a tora tá entrando kool a dentro*” (SIC), nota-se a menção de um tópico inadequado ao contexto, além do reforço promovido pela palavra tabu “*kool*”<sup>78</sup> (impolidez positiva). O trecho final, “*sem vaselina*”, sobretudo, por estar separado do período anterior pelo emprego da vírgula, confere um tom ainda mais enfático à impolidez praticada. Isso porque, é de conhecimento geral que a vaselina é um tipo de lubrificante utilizado durante relações sexuais. Nesse caso, dizer “*sem vaselina*” reforça que a ação mencionada “*tora entrando kool a dentro*” seria potencialmente complicada pela ausência de lubrificação. O *emoji* 👉 🤪 👉 pode ser considerado como uma demonstração de impolidez à parte (insulto), pois retoma a figura de um palhaço, que, por si só, já seria um insulto. No contexto, porém, também direciona as atenções aos seguidores de Bolsonaro (“Bozo”). As mãos com indicadores apontados para os dois lados da cabeça do *emoji* também podem ser tidas como uma forma de impolidez, já que sugerem armas apontadas para a cabeça, uma representação não verbal de uma frase empregada nas redes sociais: “se mata”<sup>79</sup>. Normalmente, esse “chavão” é proferido quando alguém deseja exprimir uma reprovação veemente contra outra pessoa. Uma forma de expressar que alguém tão desprezível como o interlocutor deveria morrer. O que pode ser visto como uma impolidez positiva, portanto.

O **comentário 21-6** vale-se de uma impolidez positiva para insultar o interlocutor, ao que tudo indica, (E31), através de duas palavras depreciativas / pejorativas “*fake gado*”. Como

<sup>77</sup> Acréscimo nosso. Pelo contexto, entendemos que o emissor tinha a intenção de referir-se a (E31) como “mais UM idiota”, ou seja, algum direitista entre tantos.

<sup>78</sup> A palavra “*kool*” foi empregada no lugar de “*cu*”. A grafia empregada pode se justificar como uma tentativa de enfatizar o prolongamento da pronúncia da palavra. Também é possível supor que o emissor tenha redigido a palavra de forma diferenciada para evitar qualquer tipo de bloqueio por violação dos Padrões da Comunidade do Facebook.

<sup>79</sup> “Se mata”: Frase usada quando certas pessoas perdem o argumento. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/se%20mata/>. Acesso: 20 out. 2022.

mencionado em análise de comentários anteriores, o termo “gado” remete aos apoiadores de Bolsonaro e “fake” ao perfil falso do *Facebook*. Esse mesmo comentário também poderia ser classificado como uma fórmula convencional de impolidez (insulto>referência negativa personalizada), já que o uso disseminado desses vocábulos remete a eventos frequentemente impolidos.

O **comentário 21-7**, em resposta a (E31), vale-se de um marcador de identidade impróprio “*falso profeta evangélico*” (impolidez positiva, portanto) para referir-se sobre Marcelo Crivella. Essa expressão também poderia enquadrar-se como uma fórmula convencional, um insulto, que Culpeper (2017) identifica como afirmação negativa personalizada em 3ª pessoa. O emprego de “*do Paraguai*” também é um evento impolido, pois associa Crivella a um “produto falsificado”, de baixa qualidade. Uma forma de impolidez negativa. Em seguida, [E36] completa o enunciado dirigindo uma ameaça (impolidez negativa) a Marcelo Crivella, ao Bispo Macedo e aos seguidores “*vai queimar no fogo do inferno*”.

No **comentário 21-8**, uma pergunta, aparentemente inocente, “*Vc está bem?*”, funciona, na verdade, como uma estratégia de falsa polidez (impolidez *off-record*), já que o objetivo não é o de mostrar-se preocupado com o bem-estar do interlocutor. Trata-se de uma pergunta crítica, que revela o julgamento de [E37] quanto à afirmação de [E31]. Na segunda parte desse comentário, “*você não deve morar no Rio*”, nota-se um ataque à face positiva de (E31), deixando-o em uma situação desconfortável. É uma forma de desclassificar, desprezar o outro, aquele que não é morador do Rio, que não é, portanto, conhecedor das coisas que acontecem lá. Em outras palavras, [E37] menospreza o comentário de (E31) alegando que “qualquer” pessoa que more no Rio deveria saber a “verdade” sobre Marcelo Crivella.

No **comentário 21-9**, [E38] faz uma pergunta “*Você quer identificar um imbecil?*” que, na sequência, revela-se como um insulto. A segunda parte do enunciado é uma releitura do que fora dito por [E31] no comentário 21. Mas essa “paráfrase”, “*É ler algum comentário em que ele está idolatrando e/ou defendendo algum político, seja de direita ou esquerda ou botando a culpa na mídia por divulgar as falcatruas dele*” tem o claro objetivo de contradizer o que fora dito por [E31] (impolidez positiva). Reconsiderando o início do comentário “*Você quer identificar um imbecil?*” e que pese, o destinatário não foi formalmente identificado por [E38], verifica-se uma impolidez por implicatura, ou seja, [E38] retoma o que foi dito por (E31) e, sem citá-lo diretamente, define-o como “imbecil” por ter defendido Marcelo Crivella e por ter acusado a emissora Globo por falar a “verdade” sobre o político.

Os **comentários 21-10** e **21-11**, são respostas de [E31] à sequência de comentários impolidos que seguiram o comentário 21. Nos dois comentários, os destinatários são os

comentaristas anteriores, tidos como “*esquerdistas*”. Em ambos, através de uma impolidez positiva e/ou uma fórmula convencional (insulto), os destinatários são tidos como “mulas”. Em **21-10**, ao dizer “*não param de relinchar*”, [E31] despreza e ridiculariza os comentários feitos pelos “esquerdistas”, já que os seres humanos falam e as mulas, relinham. No **21-11**, um destinatário adicional é incluído através da menção “*passaram mais de uma década relinchando*”, pois fragmento alude ao período em que Lula e Dilma governaram o Brasil, ou seja, nessa declaração, os petistas também compõem esse grupo. Assim, no prosseguimento do comentário, claramente, foi estabelecida uma espécie de comparação entre os petistas “mulas” e os seguidores de Bolsonaro “gado”. De certo modo, há que se considerar que [E31] assume a alcunha de “gado” – ameaçando sua própria face positiva (BROWN; LEVINSON, 1987) e rebate com uma ameaça à face negativa do destinatário “*tá de brincadeira né?!*” (impolidez negativa). O emoji 🐎🐎🐎 usado no comentário 21-10 parece ter a função de reforçador da força ilocucionária da impolidez verbal (LI; YANG, 2018, p. 5).

No **comentário 21-12**, [E35] novamente identifica o interlocutor (E31) como “*fake gado*” (impolidez positiva) e debocha dele, mostrando-se em posição de superioridade (impolidez negativa) por ter conseguido validar a crítica feita por [E37] no comentário 21-8, “desmascarando” (E31) “*com localização fora do Brasil*”. Essa estratégia é confirmada por [E35] no comentário 21-13, a partir da interpelação debochada dirigida a (E37) “*veja a localização dele no perfil kkkkk*”. O elemento “kkkkk” é essencial para que se perceba que a declaração de [E35] não é uma ordem, como sugere o imperativo “veja”, mas um convite, uma demonstração de polidez (incluir) para com (E37). Assim, em **21-13**, ambos [E35] e [E37] seriam partícipes da impolidez negativa que expõe a “supremacia” de ambos diante de (E31).

A seguir, passaremos à exposição de análises gerais acerca dos 95 comentários da notícia 3, inclusive dos que não foram descritos acima (disponíveis no anexo dessa pesquisa). Reiteramos que o objetivo é o de apresentar uma discussão geral e não essencialmente quantitativa.

Gráfico 11 – Perfil do texto

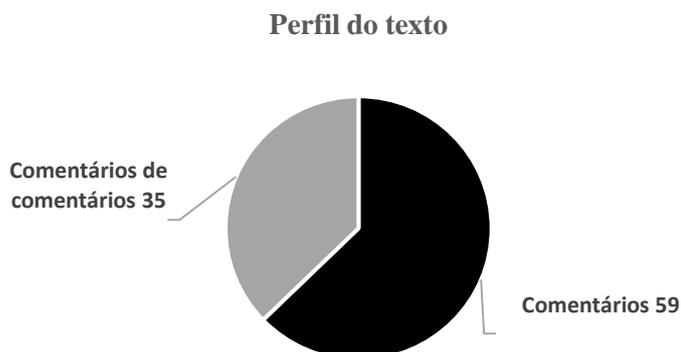
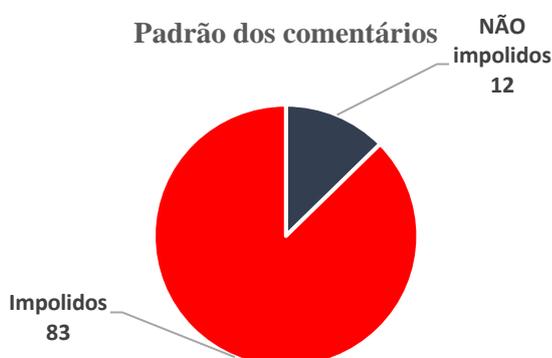
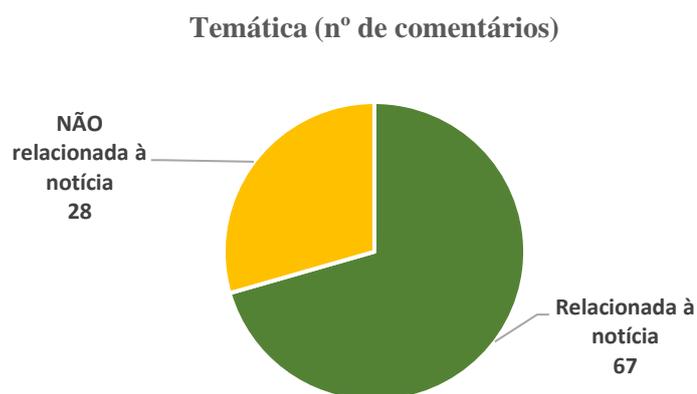
Gráfico 12 – Padrão dos comentários<sup>80</sup>

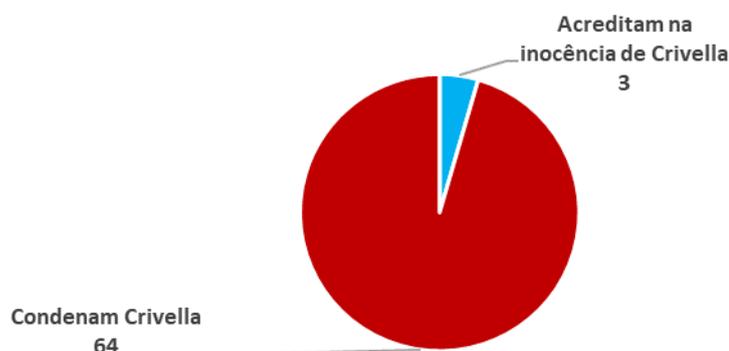
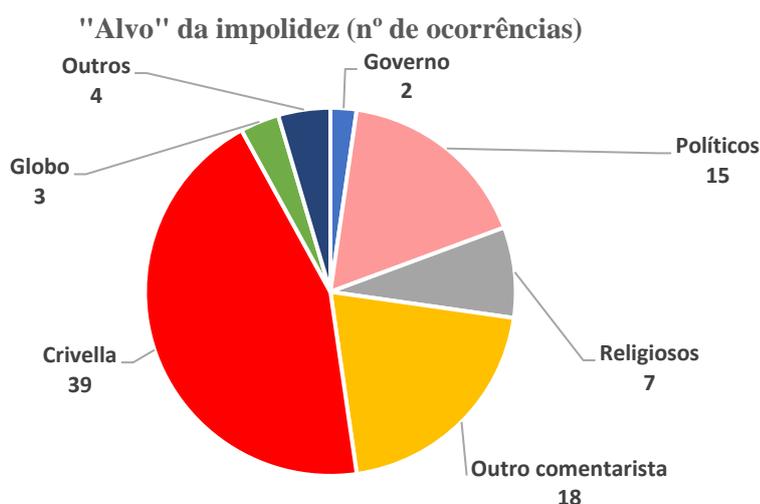
Gráfico 13 – Temática



<sup>80</sup> **Gráfico 12** – Na categoria “não impolidos”, incluímos os comentários que não tinham marcas evidentes de impolidez, como o **comentário 16** “*Cada país tem os políticos que merecem!*”. Também aqueles que apresentavam unicamente marcas de polidez, como o **comentário 5-3** “concordo !!”. A exemplo do que foi visto outras vezes ao longo da presente pesquisa, há comentários que apresentam elogio e impolidez, como o **comentário 21**, “*A Globo tá doida pra derrubar esse cara! Parabéns Crivella, mais uma luta vencida, se a Globo é contra vc pq tá no caminho certo!*”.

Gráfico 14 – Posicionamento dos comentaristas<sup>81</sup>

## Posicionamento dos comentaristas frente ao fato noticiado

Gráfico 15 – Alvo da impolidez<sup>82</sup>

A respeito dos comentários dessa notícia, é interessante observar que a minoria foi comentário de comentário, 35 (gráfico 11), ou seja, 59 comentários são textos “livres”. Esse

<sup>81</sup> **Gráfico 14** – Conforme foi destacado no gráfico 13, 67 comentários dessa notícia têm relação com o fato noticiado. Desse modo, esse foi o quantitativo total posto no gráfico 14.

<sup>82</sup> **Gráfico 15** – Ao longo da presente pesquisa, enfatizamos que o mesmo comentário impolido pode ser dirigido a mais de um alvo, como exemplifica o **comentário 6**, “*Canalha, ele e todos as pessoas que estão no poder da administração pública do Rio. Seria caso de interdição federal, mas o governo federal segue no mesmo caminho* 🐷 🐷 🐷”. Por isso mesmo, os números dispostos aqui não devem ser somados no intuito de se obter o total de 83 (quantidade de comentários impolidos). A contagem aqui baseou-se no número de ocorrências. Respeitando o contexto, as designações postas nas diferentes categorias mantiveram, sempre que possível, a forma como aparecia nos comentários. Em “governo”, uma menção retoma “Bolsonaro” e outra retoma “Bolsonaro” e “atuais governantes”. Por religiosos, pode-se compreender “pastores”, “falsos profetas”, “Krentes” (SIC), entre outros. O termo “políticos”, predominantemente, refere-se aos governantes atuais (da época dos comentários).



Entendemos, assim que a “religião” tenha sido um ponto sensível que pode justificar o número esmagadoramente maior de comentaristas contrários a Marcelo Crivella.

A recorrência de impolidez positiva parece ter sido motivada, principalmente, pelo desprezo e pelo uso de palavras depreciativas ou pejorativas para se referir aos destinatários: “canalha”, “jumento”, “ovelha do ódio”, “falsos profetas”, “lixo”, “corja”, entre outras. Com relação à estratégia de impolidez negativa, observa-se uma constante associação dos destinatários a aspectos negativos (furtos, usurpação da fé, corrupção, incompetência), além da constante personalização desses destinatários, que eram claramente identificados e nomeados ao longo das exposições impolidas – os termos “Crivella” e “prefeito”, por exemplo, são mencionados 16 e 10 vezes, respectivamente (CULPEPER, 2017). Isso também nos leva a uma reflexão acerca da função das amostras de impolidez dessa notícia. Muitas delas revelam algum tipo de coerção (CULPEPER, 2011), demonstrados principalmente pelas ameaças e xingamentos proferidos contra Marcelo Crivella.

Os *emojis* foram usados em 12 comentários e em 03, esses recursos são responsáveis pela produção de um evento impolido específico: 🐮🐮🐮 (comentário 6); 👍🤪👍 (comentário 21-5) e 🐭💰🐭💰🐭💰🐭 (comentário 38). No comentário 6, os *emojis* representam um insulto “gado”, que não havia sido mencionado no comentário, reforçado pela repetição desses símbolos por três vezes. No comentário 21-5, como dito antes, o *emoji* parece dirigir um insulto aos seguidores de Bolsonaro (palhaço), além de revelar a reprovação a partir da alusão à expressão “se mata”. Os *emojis* do comentário 38 revelam um tipo de insulto 🐭 “ratos”<sup>83</sup>, que é reforçado pelos *emojis* 💰. Outros *emojis*, em 02 comentários, atuam na propositura de sentimentos / emoções. Os *emojis* repetidos 🤢 no comentário 16 deixam claro o sentimento de nojo expresso pelo comentarista. Forma semelhante vê-se no comentário 34, através dos *emojis* 🤢 na sequência 🤢🤢🤢🤢. Já os *emojis* 🤪 aludem aos vereadores que teriam votado a favor do arquivamento da CPI contra Crivella, um tipo de insulto, portanto. O *emoji* 😜, no comentário 3-3 e o 😄 (comentário 56) marcam o humor presente nas declarações proferidas. Sem esses elementos visuais, dificilmente seria possível compreender o estado de espírito expresso pelos comentaristas apenas pelos textos verbais “Mudou de G-A-D-O pra ovelha” e “Pena que não posso comentar, pois o mesmo me bloqueou”, pois eles permitem múltiplas possibilidades (raiva, indignação, tristeza, entre outros).

<sup>83</sup> Segundo o dicionário, o termo “rato” designa alguém que age de modo trapaceiro, buscando enganar outra pessoa; Pessoa que rouba outra; ladrão, gatuno.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da questão que motivou o corrente trabalho, “quais elementos verbais e não verbais participam da construção da impolidez nos comentários de notícias publicadas no *Facebook*?”, esboçamos como objetivo principal desta pesquisa a análise de comentários impolidos de notícias publicadas no *Facebook* a partir das perspectivas dos estudos sobre impolidez de Culpeper (2011) e Culpeper e Hardacker (2017). A partir dessas análises observou-se que, presente na maior parte do *corpus*, a impolidez ocupou, aproximadamente, 80%, 86% e 87% dos comentários de cada uma das três notícias, respectivamente. Nessa amostra, esses dados, distribuídos em uma curva percentual similar entre as três notícias, contribuem para a percepção de uma tendência: de forma geral, a abordagem predominante dos comentários de notícias do *Facebook* parece ser a impolidez. Até mesmo pela constatação de que os comentários com maior número de “likes”  são todos impolidos, nota-se que a impolidez parece ser bem-vista nesse ambiente on-line. Esses dados também estão alinhados a pesquisas anteriores (BARRETO FILHO, 2019; 2021; PEREIRA, 2020). Soma-se a isso, o fato de que as estratégias de polidez e, principalmente, os comentários não impolidos (inócuos) tenham sido escassos em todo o *corpus*. Esse último tópico, comentários (postagens) inócuos, motivou a reflexão acerca da diferença encontrada entre estudos mobilizados no *Twitter* (OTT, 2017; OLIVEIRA; CARNEIRO, 2020) e pesquisas realizadas no *Facebook*, já que, os dados encontrados nesta pesquisa apontam que uma parcela ínfima dos comentários pode ser considerada inofensiva ou irrelevante.

Considerando os objetivos específicos traçados para a presente pesquisa, descrever os elementos verbais e não verbais que participam da construção de eventos impolidos nos comentários e identificar os aspectos mais marcantes dos comentários de notícias impolidos, é conveniente destacar algumas conclusões a que chegamos. Uma delas é a constante mudança de alvos da impolidez. Percebeu-se que, de forma geral, os ataques a outros comentaristas foram abundantes, correspondendo a 33%, 62% e 23%, aproximadamente, em cada notícia. Quanto à discrepância ocorrida na notícia 2 (62%), parece-nos relevante destacar que o percentual de comentários de comentários nessa amostra foi de, aproximadamente, 86%. Assim, poder-se-ia inferir que um maior engajamento entre os comentaristas, “conversando” entre si, favorece o deslocamento do alvo da impolidez e a ocorrência de ataques mútuos, evidenciados, sobretudo a partir de insultos de todos os tipos (nomações indevidas, afirmações e referências negativas). Nesse ponto, pode-se concluir, portanto, que um dos estímulos para a produção de eventos impolidos é a publicação impolida de outros comentaristas. Por outro lado,

considerando as três notícias, também restou claro que a impolidez dirigida a outros comentaristas sempre foi motivada pela discordância provocada a partir de um comentário inicial.

Também foi constatado que um elemento propulsor para a produção de comentários impolidos foi a extrema polarização política do cenário atual brasileiro. Nas três notícias, de forma bastante contundente, “os políticos”, “a esquerda”, “bolsonaristas” e “Bolsonaro” foram alvos constantes dos ataques. A título de elucidação, na notícia 1 – “*Ministro do STF determinou que seja retomado modelo que vigorou até 4 junho*” – eles são alvos de impolidez num total de 31 comentários. Na notícia 2 – “*Alvo de ataques, Maju Coutinho fala de intolerância e da responsabilidade em ser referência para meninas negras*” – são alvos de impolidez num total de 19 comentários; e na notícia 3 – “*Crivella publica texto bíblico após escapar de impeachment depois do esquema dos ‘Guardiões’*” – são alvos de impolidez também num total de 19 comentários. As discussões de cunho político, de forma geral, foram marcadas por insultos, xingamentos, deboche e sarcasmo. Considerando que nenhuma das três notícias versava sobre esses alvos “os políticos”, “a esquerda”, “bolsonaristas” e “Bolsonaro”, infere-se que, de uma forma ou de outra, os comentaristas acabam dirigindo várias formas de insultos, sarcasmos e deboches a esses destinatários porque, qualquer que seja a temática discutida, a dissidência política encontra espaço e volta à circularidade dos comentários impolidos. Nesse ponto, nota-se a convergência entre os achados na presente pesquisa e os estudos de Oliveira e Marciano (2022). Também convém ressaltar que a sensação de pertencimento a um ou outro “lado” parece motivar a defesa e o ataque mútuos. Isso pode ser observado também a partir da recorrente generalização “esquerda” e “direita”. Compartilhamos, dessa forma, com as conclusões encontradas em pesquisas anteriores (BARRETO FILHO, 2019; 2021; PEREIRA, 2020), que ressaltam a regularidade dos debates políticos no *Facebook* envolvendo linguagem impolida e ofensiva.

A partir da análise, sobretudo, dos comentários das notícias 2 e 3, percebe-se que temas “sensíveis” também favorecem a produção de eventos impolidos. Na notícia 2, as questões racial e religiosa estiveram presente nos debates dos comentários impolidos, tendo motivado vários deles. De igual modo, na notícia 3, observou-se que as questões relacionadas à mistura política e religião fomentaram inúmeros eventos impolidos. Ainda sobre os temas, foi possível também perceber que parece haver relação entre os temas debatidos nos comentários impolidos e a estratégia de impolidez empregada. Isso pôde ficar mais claro a partir da análise dos comentários da notícia 3. Ali, pareceu-nos que o par político x religioso (Marcelo Crivella)

tenha fomentado a escolha pelo emprego de ameaças, xingamentos, maldições e “invocações” à justiça divina contra o ex-prefeito do Rio.

Quanto à relação entre a notícia e a temática dos comentários, de forma não homogênea<sup>84</sup>, entre as notícias 1, 2 e 3, assim como exemplificado por Cunha (2013), a notícia parece ter servido apenas como pontapé inicial, tendo sido praticamente ignorada pelos comentaristas em vários momentos. Em outras palavras, como dito, nessa pesquisa, restou claro que a finalidade primeira dos comentários de notícias foi a de ataque à face e não a discussão do tema noticiado, propriamente. O *Facebook*, em muitos momentos, foi como um ringue montado para uma competição de mostras de impolidez – que em nada, ou quase, se conectam à notícia.

Igualmente relevante é destacar, assim como esboça Culpeper (2011), que resta clara a participação de três elementos na compreensão e na produção de eventos impolidos: o contexto, a intencionalidade e as emoções. A partir da observação do contexto, a perspectiva analítica foi consideravelmente ampliada, já que não apenas as palavras, em si, eram observadas, mas a conexão entre elas bem como os eventos anteriores e posteriores. Sem essa noção, seria impossível conceber a impolidez em comentários como “kkkkkkk” (Notícia 2, comentários 13-16 e 13-17, disponível no anexo da presente pesquisa); “múuuuuuuuuuuuuuuuu” (Notícia 2, comentário 13-7, disponível no anexo da presente pesquisa) e “???” (Notícia 2, comentário 10-30, disponível no anexo do corrente trabalho). Quanto à intencionalidade, como apontado por Culpeper e Hardaker (2017), ela pode orientar até mesmo a definição do que seja impolidez. Durante as análises, é patente observar que, ao contrário do que se defendia nos primeiros estudos sobre a polidez, nem sempre os interactantes objetivam a preservação mútua das faces (BROWN; LEVINSON, 1987) ou o atendimento ao Princípio de Cooperação (GRICE, 1982). Muito pelo contrário, aliás, em inúmeros casos, o objetivo é exatamente o de ataque às faces, revelando que a impolidez ocorre de forma intencional e premeditada.

Pensando nisso, torna-se ainda mais interessante observar que embora o *Facebook* seja uma rede de interação tipicamente assíncrona, em muitos comentários pode-se notar que, nessa troca de turnos de fala, os comentaristas mantiveram ou restabeleceram as interações em vários momentos. É pertinente esse tipo de observação, pois demonstra o interesse, a “intenção” e até a necessidade que o comentarista tem de responder a um comentário impolido dirigido a ele. Quanto às emoções, uma vez que estão, inevitavelmente, presentes na vida dos seres humanos, é esperado que as comunicações também sejam impactadas por elas. Durante a análise, alguns

---

<sup>84</sup> Relação entre o assunto da notícia e o dos comentários: a) **notícia 1**: não relacionados à notícia – 51; b) **notícia 2**: não relacionados à notícia – 69; c) **notícia 3**: não relacionados à notícia – 28.

elementos verbais e não verbais foram facilitadores na percepção da emoção no momento da enunciação, tais como as escolhas vocabulares, o emprego de verbos, os efeitos de um recurso prosódico (reforço), além de elementos visuais como os *emojis*.

Quanto às estratégias de impolidez, a análise dos comentários mostrou que várias delas são empregadas. Em geral, essas estratégias, sejam verbais ou não verbais, aparecem combinadas em um único comentário (CULPEPER, 2011). De forma ampla, observa-se que o sarcasmo, o deboche e as fórmulas convencionais de impolidez (insultos e críticas) são o registro predominante nos comentários, seguido pela impolidez positiva. A impolidez positiva esteve conectada, principalmente, aos desacordos; ao uso de palavras depreciativas, tabu e palavrões. A impolidez negativa foi observada sobretudo em situações de amedrontamento e para colocar o “outro” em situação de débito. Seguramente, porém, considerando o perfil qualitativo das análises procedidas na presente pesquisa e, principalmente, o tamanho relativamente pequeno do *corpus*, os achados aqui expostos não podem ser generalizados. Mais estudos no *Facebook* e em outras redes sociais são importantes para aprofundar essas conclusões.

Também se notou que os elementos não verbais são explorados de forma contundente nos enunciados impolidos e que esse uso ainda pode ser estudado. Nesse âmbito, destacam-se os *emojis* e os memes. No segundo caso, o dos memes, por exemplo, embora não tenham sido explorados nessa pesquisa, observou-se certa regularidade no emprego desses recursos como única forma de comentar. Esses memes, por si só, podem configurar um objeto de estudo em relação à produção de comentários impolidos, sobretudo. Quanto aos *emojis*, ainda há também elementos interessantes para o estudo desses recursos digitais e sua relação com a impolidez. Isso porque, muitas análises acerca desses recursos não verbais podem não levar em conta o caráter intencional dessas produções impolidas, analisando-as como elementos de ênfase. Pensando nisso, o emprego de *emojis* tais como 🤪 🤮 💰 🤨, em contextos específicos, não podem ser vistos apenas como um fortalecedor da força ilocucionária ou como um índice de atitude proposicional, pois, em alguns casos destacados no presente estudo, esses *emojis* foram essenciais nas declarações impolidas.

Por último, convém comentar que é interessante que se investigue, de forma mais ampla, a regularidade das demonstrações impolidas no *Facebook*. Seriam elas a regra predominante? E quanto ao tema, seria a temática um fator determinante para a escolha das estratégias de impolidez? Os temas “sensíveis” favoreceriam o surgimento de mais fórmulas convencionais? Entre as várias possibilidades, esses são alguns temas que ainda podem ser investigados no âmbito dos estudos da impolidez em ambiente digital.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, E; VILAÇA, M. **TICs e interdisciplinaridade: contribuições para práticas educacionais.** In ARAÚJO, E; VILAÇA, M. (org.). Tecnologia, sociedade e Educação na era digital. Duque de Caxias: Unigranrio, 2016, p. 218-239.
- ALBUQUERQUE, R; SEARA, I; SANTOS, L; TOMAZI, M. **Argumentação e impolidez: o post nas instâncias da interação.** Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 15, n. 31, p. 66-84, 2021. <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/35662>.
- AMOSSY, R.; BURGER, M. Introduction: la polémique médiatisée. Revue de Sémiolinguistique des Textes et Discours, Besançon, v. 31, n. 1, p. 7-24, 2011.
- AVELAR, F. T. **A pragmática dos emojis.** Dissertação (Mestrado) em Linguística. Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2018, 107 p.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins, Fontes, 1997.
- BALOCCO, A. E.; SHEPHERD, T. M. G. **A violência verbal em comentários eletrônicos: um estudo discursivo-interacional.** D.E.L.T.A., São Paulo, v. 33, n. 4, p. 1013-1037, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-44506536361317067>
- BARRETO FILHO, Ricardo Rios; BARROS, Kazue Saito Monteiro de. **Impolidez e identidades em uma interação on-line no Facebook: uma abordagem sociodiscursiva.** Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 21, n. 1, p. 135-149, jan./abr. 2021.
- BARRETO FILHO, Ricardo Rios. **Avaliações da (im)polidez em interações no Facebook,** 2019. 268 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação, Recife, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32958#:~:text=A%20descri%C3%A7%C3%A3o%20desses%20juntamente%20com,%C3%A0%20polidez%2C%20quando%20ela%20ocorre>>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online: textos e práticas digitais.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BEEBE, L. M. Polite fictions: **Instrumental rudeness as pragmatic competence.** In: CULPEPER, J. Impoliteness: Using language to cause offence. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- BERNAL, C; ANGULO, F. **Interacciones de los jóvenes andaluces en las redes sociales.** Comunicar, v. 40, p. 25-30, 2013.
- BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine.** Oxford: Oxford University Press, 2000.
- BOYD, D.; ELLISON, N. **Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship.** Journal of Computer-Mediated Communication, v. 13, p. 210-230, 2008.

BOZZA, T. C. L. **O uso da tecnologia nos tempos atuais: análise de programas de intervenção escolar na prevenção e redução da agressão virtual**, 2016. 261 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/305317>>. Acesso em: 13 set. 2020.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2016. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

BROWN, L.; PRIETO, P. **(Im)politeness: Prosody and Gesture**. In: CULPEPER, J. *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. Londres: Palgrave Handbooks, 2017. p. 357-379.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CASHMAN, H.R. **Impoliteness**. In: *Children's Interactions in a Spanish/English Bilingual Community of Practice*. *Journal of Politeness Research: Language, Behaviour, Culture*. v. 2, p. 217–246, 2006.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignación y esperanza: los movimientos Sociales en la era de internet**. Madri: Alianza Editorial, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CORREIA, P. M.; MOREIRA, Maria F. **Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve**. *Alceu*, v. 14, n. 28, jan-jul., p. 168-187, 2014.

COSTA, Bob Vieira. **Internet ajudou a derrubar o mito da tolerância brasileira**. Folha de São Paulo, caderno Opinião, 03 ago. 2016. Disponível em:<<https://www.comunicaquemuda.com.br/o-mito-da-tolerancia/?fbclid=IwAR1zJpZ2crTTn0QG99Bs7OfLPFwUnsscmTW7b8i2K1COeZICYFkelPppVMI>>. Acesso em: 20 ago. 2021

CUNHA, D. A. C. **Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web**. *Revista Investigações*, v. 25, n. 2, julho, p. 21-41, 2012.

CUNHA, D. A. C. **Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícia**. *Calidoscópio*, v. 11, n. 3, dez, p. 241-249, 2013.

CULPEPER, J. **Towards an anatomy of impoliteness**. *Journal of Pragmatics*. Lancaster: Lancaster University, 1996.

CULPEPER, J. **Impoliteness and Entertainment in the Television Quiz Show: The Weakest Link**. *Journal of Politeness Research*, v.1, p. 35–72, 2005.

CULPEPER, Jonathan. **Conventionalised impoliteness formulae**. *Journal of Pragmatics*, v. 42, dez, p. 3232-3245, 2010.

CULPEPER, J. **Impoliteness: using language to cause offense**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

CULPEPER, Jonathan; HARDAKER Claire. **Impoliteness**. In: CULPEPER, J.; KADAR, Daniel. *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. Londres: Palgrave Handbooks, 2017. p. 199-225.

DANTAS, M; RAULINO, G. **Trabalho da audiência e renda informacional no Facebook e YouTube**. v. 22 n. 1 (2020): *Revista Eptic* v. 22, n. 1, jan/abr. 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/12215>. Acesso em: 20 jun. 2022.

EELLEN, G. A. **Critique of Politeness Theories**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001.

FIŠER, D.; LJUBEŠIĆ, N. **A global analysis of emoji usage**. *Proceedings of the 10th Web as Corpus Workshop (WAC-X) and the Empirist Shared Task*, Berlin, Germany, 2016, p. 82-89.

GAUER, Gustavo. **Memórias Autobiográficas: qualidades fenomenais da recordação consciente e propriedades atribuídas a eventos pessoais marcantes**. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 11, p. 102–112, 2006.

GOFFMAN, Erving. [1967] 2011. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis: Vozes, 2011. Tradução de Fábio Rodrigues da Silva.

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual: essays in face to face behavior**. New York: Doubleday, 1967.

GRAHAM, S. **Disagreeing to Agree: Conflict (Im)politeness and Identity in a Computer-Mediated Community**. *Journal of Pragmatics*, v. 39, n. 4, p. 742-759, 2007.

GRICE, Paul. **Lógica e Conversação**. In: DASCAL, Marcelo. (Org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*, v. IV, Campinas: [s.n.], 1982.

GRIMMELMANN, James. **Saving Facebook**. *Iowa Law Review*, v. 94, p. 1137-1206, 2009.

**GRUPO DE MÍDIA**, edição 2021 do Mídia Dados “Mídia para Todos”, p. 142. Disponível em: <https://midiadadosgmsp.com.br/2021/>. Acesso em: 23 out. 2021

HANPRATHET, N. et al. **Facebook addiction and its relationship with mental health among Thai high school students**. *Journal of the Medical Association of Thailand*, v. 98, Supl 3, p. 81-90, 2015.

HARDAKER, C. **Uh....Not to Be Nitpicky,,,,,but...the Past Tense of Drag Is Dragged, Not Drug: An Overview of Trolling Strategies**. *Journal of Language Aggression and Conflict*, v. 1, n. 1, p. 57–85, 2013.

HARDAKER, C. **I Refuse to Respond to This Obvious Troll: An Overview of Responses to (Perceived) Trolling**. *Corpora*, v. 10, p. 201–229, 2015.

KÁDÁR, D.Z; M. Haugh. **Understanding Politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

KASPER, Gabriele. **Linguistic politeness: Current research issues**. *Journal of Pragmatics*, v.14, n. 2, p, 193-218, 1990.

KAVANAGH, B. **Emoticons as a medium for channeling politeness within American and Japanese online blogging communities**. *Language & Communication*, 2016, 48, p. 53–65.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **¿Es universal la cortesía?**. In: BRAVO, Diana; BRIZ, Antonio. *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004, p. 39-53.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KIENPOINTER, M; STOPFNER, M. **Ideology and (Im)politeness**. In: CULPEPER, J. *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. Londres: Palgrave Handbooks, 2017. p. 61-87.

LANGLOTZ, A; LOCHER, Miriam A. **(Im)politeness and Emotion**. In: CULPEPER, J. *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. Londres: Palgrave Handbooks, 2017. p. 287-322.

LEECH, G. N. **Principles of Gramatics**. Londres: Longman, 1983.

LEECH, G. **The Pragmatics of Politeness**. New York: Oxford University Press, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195341386.001.0001>

LEA, M.; SPEARS, R.; GROOT, D. de. **Knowing Me, Knowing You: Anonymity Effects on Social Identity Processes Within Groups**. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 27, p. 526-537, 1991.

LEMOS, André. **Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos dispositivos híbridos móveis de conexão multirredes (DHMCM)**. *Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 23-40, 2007.

LILLO, Javier. **Los 360° de la comunicación**. Bogotá: Ediciones de La U, 2015.

LI, Li; YANG, Yue. **Pragmatic functions oh emoji in internet – based communication a corpus based**. *Asian-Pacific Journal of Second and Foreign Language Education*, 2018, 3:16, p. 1-12.

LUPYAN, G.; DALE, R. **Why are there different languages? The role of adaptation in linguistic diversity**. *Trends in Cognitive Sciences*, 2016, 20(9), p. 649–660.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001. Tradução de Cecília P de Souza-e-Silva e Décio Rocha.

- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.
- MAÍZ-ARÉVALO, C. **Typographic alteration in formal computer-mediated communication**. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 2015, 212, p. 140–145.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: *Gêneros Textuais e Ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MASON, K. L. **Cyberbullying: A preliminary assessment for school personnel**. *Psychology in the Schools*, v. 45, n. 4, p. 323-348, 2008.
- MESSA, L; BORLOTI, E; HAYDU, V. **Estudos empíricos da ironia: revisão sistemática e implicações para uma análise funcional**. *Avances en Psicología Latinoamericana*, v. 38, n.1, p. 218-236, 2020.
- MILLS, S. **Discursive Approaches to politeness and impoliteness**. In: *Linguistic Politeness Research Group. Discursive Approaches to Politeness*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2011, p 19-56.
- MYERS, Greg. **‘I’m out of it; you guys argue’: Making an issue of it on The Jerry Springer Show**. In: TOLSON, Andrew. *Television Talk Shows: Discourse, Performance, Spectacle*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2001, p. 173-91.
- OHASHI, J.; CHANG, L. M. **(Im)politeness and Relationality**. CULPEPER, J. *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. Londres: Palgrave Handbooks, 2017. p. 257-285.
- OLIVEIRA, A. L. A. M.; CARNEIRO, M. M. **#CAGUEI: agressividade no twitter**. *Revista (Con) Textos Linguísticos (Edição Especial Violência Verbal)*, v. 12, n. 22, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/index.php/contextoslinguisticos/article/view/19591>>. Acesso em: 16 ago. 2020.
- OLIVEIRA, A. L. A. M; CARNEIRO, M. M. **# ELESIM, # ELENÃO, # ELASIM, # ELANÃO: o Twitter e as hashtags de amor e de ódio na campanha presidencial brasileira de 2018**. *Linguagem em (Dis) curso*, v. 20, n.1, p. : 33-49, 2020.
- OLIVEIRA, A. L. A. M; CUNHA, G. X.; AVELAR, F. T. **Emojis como estratégias de reparo em pedidos de desculpas: um estudo sobre conversas em ambiente digital**. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnibpcajpcgclclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/tla/a/mKGgmqbWgTc9LXjgQk3mCBR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 maio 2022.
- OLIVEIRA, A. L. A. M; MARCIANO, L. W. O. **#Edaí: um Estudo sobre Impolidez e Tomada de Postura no Twitter Brasileiro**. *Confluência*. Rio de Janeiro: Lceu Literário Português, n. 63, p. 199-221, jul.-dez. 2022.
- PINTO, L.; RIBEIRO, M. **A Disseminação de ódio no Facebook e a influência do hater na pauta jornalística: Caso de racismo com a atriz Taís Araújo**. 2016. In: *Intercom, Congresso Brasileiro de Ciência da Computação*. Rio de Janeiro, 2015. Anais... Intercom, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: < <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0695-1.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2020.

RECUERO, Raquel. **Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet**. In: PRIMO, Alex. *Interações em Rede*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 51-10.

RIAÑO, M. **Odio en las redes sociales: entre el anonimato y la censura**. *El Independiente*, 26 nov. 2016. Política. Disponível em: <<https://www.elindependiente.com/politica/2016/11/26/odio-en-las-redes-entre-el-anonimato-y-la-censura/>>. Acesso em: 07out. 2018.

RODRIGUES, Carla. **Capitalismo informacional, redes sociais e dispositivos móveis: hipóteses de articulação**. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 20, p. 70-83, dez. 2010.

SALES, S; PARAÍSO, M. **O Jovem Macho e a Jovem Difícil: governo da sexualidade no currículo**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 603-625, abr./jun. 2013.

SCHNURR, S.; LOCHER, Mirian. **(Im)politeness in Health Settings**. In: CULPEPER, J. *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. Londres: Palgrave Handbooks, 2017. p. 689-711.

SERRANO, M. M. **A comunicação na existência da humanidade e de suas sociedades**. *Matrizes*, ano 3, n.1, p. 11-20, 2009.

SINCLAIR, J. **Corpus and Text — Basic Principles**. In: WYNNE, M. *Developing Linguistic Corpora: a Guide to Good Practice*. Oxford: Oxbow Books, 2004. p. 1-16.

SINKEVICIUTE, Valeria. **There's definitely gonna be some serious carnage in this house or how to be genuinely impolite in Big Brother UK**. *Journal of Language Aggression and Conflict*, v. 3, p. 317-348, 2015.

SPENCER-OATEY, H. **Face, (Im)Politeness and Rapport**. In: *Culturally Speaking: Culture, Communication and Politeness Theory*. 2 ed. Londres: Continuum, 2008. p. 11-47.

TEDESCHI, James T.; FELSON, Richard B. **Violence, Aggression, and Coercive Actions**. Washington DC: American Psychological Association, 1994.

TELLES, André. **A revolução das mídias sociais: cases, conceitos, dicas e ferramentas**. São Paulo: M. Books, 2010.

TERKOURAFI, M. **Generalised and particularised implicatures of linguistic politeness**. In: KÜHNLEIN, P.; RIESER, H.; ZEEVAT, H. *Perspectives on Dialogue in the New Millennium. Pragmatics and Beyond New Series*, n.114. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 149-164.

TERKOURAFI, Marina. **Pragmatic correlates of frequency of use: The case for a notion of 'minimal context'**. In: MARMARIDOU, Sophia; NIKIFORIDOU, Kiki; ANTONOPOULOU, Eleni. *Reviewing Linguistic Thought: Converging Trends for the 21st Century*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 209-233, 2005.

TOLINS, J.; TREE, J. E. F. **Addressee backchannels steer narrative development**. *Journal of Pragmatics*, 2014, v. 70, p. 152-164.

**WE ARE SOCIAL.** Digital in 2019. Disponível em: <[https://datareportal.com/reports/digital-2019-global-digitalyearbook?utm\\_source=Reports&utm\\_medium=PDF&utm\\_campaign=Digital\\_2019&utm\\_content=Global\\_Overview\\_Promo\\_Slide](https://datareportal.com/reports/digital-2019-global-digitalyearbook?utm_source=Reports&utm_medium=PDF&utm_campaign=Digital_2019&utm_content=Global_Overview_Promo_Slide)>. Acesso em: 28 jul. 2020.

YUS, F. **Not all emoticons are created equal.** Linguagem em (Dis) curso (special issue on relevance theory), 2014, 14(3), p. 511–529.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. **Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino.** In COSCARELLI, Carla V. (Org.) Tecnologias para aprender. São Paulo: Parábola. 2016, p. 16-29.

## ANEXO

### NOTÍCIA 1

1 Quer esconder informação, vai pra Coreia do Norte, bozo incompetente.

2 Se assintomáticos raramente transmite o vírus, o que estamos fazendo dentro de casa 😞

2-1 Se protegendo contra a AFTOSA. 😂👉

2-2 estudando a língua portuguesa, com certeza.

2-3 Bora pessoal, quero ouvi de vcs, Bolsonaro tinha razão, 🤔👉👉

2-4 quem não produz nada, nunca vai entender a sua pergunta 😂😂😂😂😂😂

2-5 Ele tem RAÇÃO.

2-6 pergunta p ministro ridículo" mandeta" e para o STF que deu poderes aos prefeitos e governadores...Passamos a ser governados por criaturas sem condições...Ninguém se deu conta disso não????!!Nunca imaginei a formiguinha mandando no formigueiro...e se achando...Lives e lives...PALHAÇADA

3 Chegamos a um ponto que a justiça tem que intervir para que as informações sobre uma pandemia chegue até nós. Para os que criticaram Venezuela, Cuba e Coréia do Norte, qual a diferença mesmo? 😞

3-1 ?Da informação povo brasileiro e obrigado por lei Não 🙅 pode manipular número morte 🧠 Chega Fake ilusão com robô 🤖

3-2 Se confirmou hoje a morte por Covid acontecida em abril, coloca a PORRA do número na estatística de ABRIL!!!!Como todo e qualquer dado histórico!!!Quer dizer que se encontrar HOJE a ossada de um soldado desaparecido durante a II Guerra Mundial irão inserir na estatística de mortes da guerra como morto HOJE???VOCÊS SÃO BURROS MAS É DEMAAAAAAAIS

3-3 idiotas como vcs coa mosquito e engolem um camelo. Enquanto ficam brigando querendo saber números de mortes infladas, os governadores e prefeitos fazem farra com o dinheiro repassado pelo governo durante a pandemia. Bilhões desviados em compra de equipamentos superfaturados.

3-4 ah sim, inteligentes são os MILICIANOS, que querem alterar a maneira com que isso é feito no mundo todo.Não se preocupe, hoje não leva mais do que 2 dias para um laboratório expedir o resultado de um teste.

3-5 Consta apenas identificação pessoal do comentarista

3-6 falta de vocabulário é um sintoma da cloroquina.

3-7 esse povinho que adora lambar uma bota dizia que apoiavam o energúmeno para que não virássemos uma Venezuela. Mas agora, que estamos virando uma, eles até gostam.O encantador de minions está de parabéns por conseguir recrutar esses cérebro mole para repetir qualquer discurso tosco que eles inventam.

4 Tá certo não podem ficar omitindo mentindo brincando é muita falta de respeito

5 Os milicos querem torrar \$\$ público criando uma nova plataforma 🤖🤖 E os matos crescendo nos lotes E a ciência sendo ignorada

6 Mais uma vez o STF tendo que governar o desgoverno.

7 Não acertam uma, toda hora a justiça tem que mandar eles voltarem e lhes avisar: burros vocês não pode fazer isso, não conhecem as leis. 🤪🐴

8 Engraçado o povo defendendo esse tal de Alexandre, que não é o "Grande".

9 Hoje não precisamos mais de governo podemos deixar tudo por conta do STF.

10 E o número de CURADOS porquê a imprensa está omitindo 🙄

10-1 curado é todo mundo que não está doente serve pra quê ? Não usam recursos hospitalares, nem demandam atenção com relação a Pandemia. Quer saber só de fofoqueiro



10-2 fake bandido

10-3 curados não espalha pânico, não rende Manchete, não dá lucro.

10-4 Consta a identificação pessoal do comentarista acompanhada de um meme.

10-5 porque a pandemia é de curados?

10-6 nem entopem o sistema de saúde, essa e a grande diferença.

11 Parabéns Ministro Alexandre Moraes. #Fora Bolsonaro

12 Nunca deixou de divulgar a Globo quer os números antes do jornal funeral este o problema !

13 Faz tempo que a gente não vê falar da camara dos deputados , depois que o STF passou a legislar .

14 De certo ver todos os dias o número de infectados e de mortos deixa feliz a imprensa os partidos de oposição e o STF porque tanto mimi assim esses abutres e hienas estão com fome

14-1 fake bandido

14-2 não, não deixa ninguém feliz de ver o número de mortos, mas é uma realidade que infelizmente estamos vivendo, o povo tem o direito de saber.

15 A única garantia de que não nos tornemos uma Venezuela é o STF. Generais cooptados pelo poder, censura à informação e criação de milícia política armada já tem por aqui.

16 Boa mas uma do ministro Alexandre de Moraes. Para cima do papadefunto do BOLSONARO. Ele que esconder as mortes COMO essas pessoas NUNCA existiram.

17 Por que estão permitindo Lex Lutor, do PCC, mandar e desmandar..... Esse elemento, tem que ser removido da cadeira, junto com o bando

18 Eis a importância do supremo,sem esse órgão nós estaríamos debaixo de uma ditadura, igualzinho a Venezuela

18-1 É também graças a imprensa livre, que sem medo das represálias e ameaças segue o caminho de informar o povo.. Isso e um sinal que a democracia vai seguir.

18-2 idiotas como vcs coa mosquito e engolem um camelo. Enquanto ficam brigando querendo saber números de mortes infladas, os governadores e prefeitos fazem farra com o dinheiro repassado pelo governo durante a pandemia. Bilhões desviados em compra de equipamentos superfaturados.

18-3 é dever do ministério público, deputados estaduais e vereadores fiscalizarem o

dinheiro público...

19 Parabéns STF MINISTRO ALEXANDRE DE MORAES 🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌

20 Bolsonaro sempre teve razão. Cloroquina funciona e isolamento vertical era o melhor caminho desde o início.

21 Juro que eu não intendo os bolsonaristas, acho que o lance de vcs e implicar so pode, não sei vcs mas eu gostaria de ficar informado do que está acontecendo no Brasil, essa porra desse país tá pouco a pouco virando uma koreia do norte ... A Venezuela começou seu declínio com um presidente igualzinho ao Bolsonaro...bta na hora de acordar povo...

22 Parabens ministro Alexandre de Moraes o povo precisa de pessoas como você no comando do Brasil!

23 Em que situação chegamos. CPI da fake news e o processo no STF procuram identificar uma rede de informações falsas que podem ter interferido nas eleições passada, além de agora fazer ataques às instituições e membros do judiciário. Agora, executivo tenta estabelecer um sistema paralelo de informações que subverte os números reais da pandemia, sob o lema de que estados e municípios estão insuflando as estatísticas para pleitear verbas federais para combater a epidemia. É o prenúncio do caos. Não obstante, a justiça fluminense suspendeu boa parte dos decretos municipal e estadual de flexibilização gradual das atividades econômicas em razão da ausência de estudos consolidados sobre a retração do contágio e o número de mortes causados pela pandemia. Enquanto isto, o transporte público trafega super lotado, expondo ainda mais o cidadão ao contágio. Parabéns ao STF que determinou a divulgação dos dados consolidados.

23-1 Se confirmou hoje a morte por Covid acontecida em abril, coloca a PORRA do número na estatística de ABRIL!!!!Como todo e qualquer dado histórico!!!Quer dizer que se encontrar HOJE a ossada de um soldado desaparecido durante a II Guerra Mundial irão inserir na estatística de mortes da guerra como morto HOJE???VOCÊS SÃO BURROS MAS É DEMAAAAAAAIS

23-2 Entra com recurso no STF e expõe a sua tese. Não sou burro, pois não fui parido pela sua mãe.

23-3 governo durante a pandemia. Bilhões desviados em compra de equipamentos superfaturados.

23-4 O importante é o denominador comum., no caso, o COVID 19.

24 Ministro é bandido ..tem moral não...só faz merda...Vai cair a #justiça tem que prevalecer.

25 É Globolixo... Não está dando certo propagar o terror... A emissora funerária vai ter um funeral em 2022... 🦴👊

26 Isso mesmo, ..pena que logo será mais substituir!

27 Eu como advogado digo, Estou de SACO CHEIO de pagar Lagostas para esse pessoal que usa fantasia!

28 Como podem os governadores e prefeitos super dimensionarem os números de vítimas do covid-19 com a justificativa de pleitear mais verbas do governo federal se nem tem teste pra

todos? Alguém ainda acredita nesse papo de ditador?

29 Um ministro que claramente está usando do poder para resolver seus problemas pessoais com Bolsonaro... AFF.... Uma tremenda vergonha isso.

30 STF lixo! Quando que vão cuidar dos processos que estão engavetado a anos!?? E deixar de se meter nas decisões do executivo?

31 Por quê não trocam de cargos, já que o Ministro Moraes está mandando mais que o Presidente?Gostaria de ver...

32 Cada coisa viu,se morreu desde o começo da pandemia porque não pode contar no total, será que depois que morre nunca existiu não.

33 Parabéns Ministro. O governo deve obedecer a nossa Constituição. Ele jurou obedecer durante o mandato. STF agindo e resguardando nossa Lei.

34 Kkkkk alexandre de morais piada!! Quem colocou esse advogado do PCC no STF se achando dono do Brasil!!! Ah foi o Temer.falar nisso kd o processo q ele estava respondendo lá no STF.engavetou ministrozinho?? kkkk

35 Pergunto! Qual a finalidade da Suprema corte do Brasil; Será que é julgar, atrapalhar o governo federal, como não fizeram nada em 16 anos de corrupção no país.

36 O que está faltando pra tirar esse LOUCO da presidência 🙄🙄🙄🙄

37 Mas se metem sempre ... que tal primeiro saber o que estão fazendo ?

38 Manda ele se colocar no d4vido lugar dele que é apenas ministro do STF E não presidente ,embora ele queira lá no fundo dele ser ele o presidente ,como todos lá no STF querem é no Congresso tb né; isso se chama INVEJA

39 O advogado do PCC pensa ser um Deus!em certas perseguições Praticadas por parte do judiciário eu sou,totalmente a favor da Desobediencia Civil.

39-1 Q feio! Não fica nada bem um comentário desses para apoiadores de bons costumes, cidadãos de bem!

39-2 ou seja: FASCISTA. 🙄🙄💩

39-3 Pelo comentário marginal, deixa eu adivinhar em quem o senhor votou. Começa com B?

39-4 Muuuu

39-5 Chora mais bolsominion!! O choro é livre!!

39-6 Um bolsonarista é por natureza um desobediente á educação familiar e escolar. Daí a idiotice.

39-7 mim informe o que estar errado em meu comentário?

40 Mais uma boa do nosso ministro Alexandre de Moraes, esse representa o povo, vai pra cima deles estamos com você ministro !

41 Se eu fosse o Bolsonaro, eu mandava o ministro recusar.

42 Eu sabia que iria aparecer um ministro do satanás...

43 MINISTRO OS TRÊS PODERES SÃO INDEPENDENTES,O PRESIDENTE DO STF PEDIU TRÉGUA MAIS O SENHOR CONTINUA ATIRANDO,POR FAVOR

44 Parabéns Ministro Moraes, mostre para o débil mental do presidente que ele não governa nem a vara d porcos dos apoiadores dele. Impeachment já

45 O STF não governa, mas pode impedir o desgoverno. 🙌🙌🙌

45-1 fake bandido

45-2 Se confirmou hoje a morte por Covid acontecida em abril, coloca a PORRA do número na estatística de ABRIL!!!!Como todo e qualquer dado histórico!!!Quer dizer que se encontrar HOJE a ossada de um soldado desaparecido durante a II Guerra Mundial irão inserir na estatística de mortes da guerra como morto HOJE???VOCÊS SÃO BURROS MAS É DEMAAAAAAAIS

45-3 Pode soltar bandido também

45-4 Genaro Silva pânico e o caos.Se liga daqui a pouco você não tem o que comer. Venezuela a vista.

45-5 você e robô ou não sabe de nada inocente

46 Parabéns ao STF, mais uma vez está botando freios nas loucuras do boslonaro

47 A opnião Excelentíssimo Senhor Ministro é totalmente descabida, mostra a interferência do STF nas atividades exclusivas do Poder Executivo. A mudança de horário visa tão somente evitar os cosonstantes equívoco cometidos na informação de dados, fato mostrado inúmeras vezes pela imprensa, e tal mudança não é contrária a nenhuma norma brasileira vigente.

48 Um tiquinho de lucidez em meio ao hospício que se instalou em Brasília.

49 Decisão correta. Bolsonaro estava achando que iria conseguir acabar com a pandemia por decreto, na base da mentira e de esconder as mortes e a verdade do povo. Não deu certo!

50 Não seria isso uma interferência do STF ao executivo? 🤔🤔🤔🤔

51 esse ai pensa por nós nao apoia a picicopatia do louco deles .E porque samos petista. Então o mundo agora virou PT. Pois o papadefunto deles ESTÁ sendo desmoralizado mundialmente

52 O STF grita "respeitem a independência dos poderes", mas quer governar o país, façam o que eu digo, mas não façam o que eu faço...

## NOTÍCIA 2

1 É só parar de falar mentira na televisão

2 Não é questão de cor e sim de caráter. Mentira não ter cor!!!

3 Se tá na mídia , tem que está preparada pra ouvir críticas e elogios

4 Caráter não tem cor, Maju é maravilhosa, mas é mentirosa e a Miriam Leitão é só mentirosa.#MajuMentirosa

5 Esse ódio e intolerância não acabam nunca. Vamos evoluir meu povo. Não dá assim.

5-1 e só parar de falar meias verdades.

5-2 ela mentiu Vc queria o que???? Ah vai comer um alface.

- 5-3 , que intolerância, mulher chata mesmo, nem vejo esse jornal!
- 5-4 , só é bonitinha, talento não tem.
- 5-5 o que me deixa puto é que a gente vai na ideia deles. Tipo aquela história do George Floyd 🙄
- 5-6 O ódio à mentira é algo saudável.
- 5-7 Nada a ver com intolerância... As críticas vieram porque ela é fraquinha mesmo, muitos se acostumaram com a Sandra que era ótima ahi colocam uma "estagiária" , é óbvio que irão notar a diferença ...
- 5-8 quando ela parar de mentir em rede nacional com certeza a intolerância acaba.
- 6 Não te acho bundona. Só te acho parcial, mentirosa e despreparada.Sou mais Zileide Silva e Delis Ortiz.
- 7 Culpa da emissora que fica sufocando a jornalista a criticar o governo! Sendo que todo mundo sabe que é desespero! Já demitiram um batalhão, baixaram o salário da panela. Agora, e o doleiro?
- 8 O problema é a falta de ética jornalística e da distorção da verdade por interesses escusos.
- 9 A globo e o seu vitimismo! Maju é uma menina linda e bem sucedida. Ela não precisa disso!
- 10 Ainda não acabou esse papo da Maju por favor ela esta querendo inverter a história pra sair de vítima
- 10-1 Reporte mentirosa ta querendo sair de vítima a coitadinha
- 10-2 ela não tá fazendo nada. Sofre ataques do presidente e do bando dd idiotas que o admira3, e fica calada. Quando responde algo dobre isso se faz de coitada?? Esse povo que pensa isso não se baseia em nada. Querem que ela fique calada e não fale nada, típico de idiotas facistas
- 10-3 agora virou moda, da uma de coitadinha pra camuflar a mediocridade!
- 10-4 tá fazendo sim seu idiota presta atenção seu jumento
- 10-5 você como todo bolsominion facista só sabe xingar. Xingamentos é difamações no lugar de argumentos para impor opinião. Típico de fascistas...
- 10-6 essa vagabunda está pagando por ser mau carater e suja, seu retardado
- 10-7 dei minha opinião não te perguntei nada e tem mais nao entendi nada do vc escreveu idiota talvez burra nunca
- 10-8 vai procurar um psiquiatra
- 10-9 Seu demente
- 10-10 eita cabra cego, além de cego manipulável...
- 10-11 Sempre assim , não se tem argumentos partem pra ignorância. Típico de fascistas
- 10-12 você é fake
- 10-13 e vc transa de costas
- 10-14 Eu não transo de costas, mas você é fake 🤔🤔
- 10-15 vc não transa de costas, apenas empina o toba para transarem com ele
- 10-16 Eu não faço nada disso, mas você e fake
- 10-17 Os bolsonaristas piram.Não podem falar nada do político de estimação deles.KkkkkkImaginem se o capitão fosse pelo menos inteligente
- 10-18 imagine então se vc não fosse acéfalo?
- 10-19 ohhhhhO fake ficou irritado ja.Hahaha
- 10-20 tudo e todos que vc não aceita ou não gosta vc chama de fake. Essa é a tática dos esquerdopatas retardados e afrescalhados.
- 10-21 kkkkkA direita ozônio pira.Nem coragem de colocar a cara a tapa
- 10-22 Ozônio no kú foi invenção de um prefeito petralha. Vc tem a obrigação de fazer o tratamento preventivo, ainda mais que vc gosta



- 13-31 nada!!! Na que sempre falou o que os governantes queria a troco de milhões...claro!Mexer no bolso dói demaissss ... Aguenta Globo!!!
- 13-32 nem sei!Mas que mula tem compromisso com ladrão, faz tempo...viu? Sei não!!!! 😊
- 13-33 a época da eleição votei por ser o único candidato com chance de quebrar o reino passado de mão em mão da esquerda (no qual eu votei enquanto acreditava na falácia)...Agora, estou cada dia mais certa do que fiz!!!!
- 13-34 A Globo é a melhor!
- 13-35 em qualidade técnica, sem dúvida!
- 13-36 Queiroz Gomes eu sei disso....
- 13-37 esse ano, já??? 😞
- 13-38 Em tudo....
- 13-39 você tá muito guiada por grupos de WhatsApp. Cuidado com o que você não confia
- 13-40 conteúdo?? Em qual programação??Big Brother??Sempre quem quis conteúdo precisou procurar em outra fonte...
- 13-41 lamento, mas não sou não Geralmente o que vejo nas redes ou recebo, contra ou a favor do que acredito, vou me certificar.Claro que nem tudo, mas....
- 13-42 mente nossa e as imparciais Record , SBT, e Rede Tv que vc adora que não dão a notícia com clareza , no dia do fatídico vídeo do dia 22 de abriu os canais apadrinhados por este governo , não deram uma manchete , uma matéria falando sobre o vídeo , o mal do Brasil não e a tv Globo , e a língua de cobra cascavel da maioria do povo , sabe como a cascavel faz aquela linguasinha de fora e a língua maldita da maioria do povo brasileiro .
- 13-43 Para de dar papo pra maluco gente, essa ai nem sabe porquê chama alguém de mentiroso, fica só repassando o que vê no grupo do "zap".
- 13-44 a verdade? Qual é a verdade? Aquela propagada pelos milicianos corruptos e seus seguidores anencéfalos? Falou a “cristã” que apoia e defende miliciano exaltador da tortura, armamentista e genocida dos índios. Ninguém te contou que Jesus foi torturado?
- 13-45 quer dizer que se eu listar as mentiras da Globo vocês vão acreditar??Tô com mais moral que ela pra vocês??? KkkkkGostei????
- 13-46 : Terrivelmente Evangélica, como a Flordelis
- 13-47 Exatamente
- 13-48 No que ela mentiu ??

### NOTÍCIA 3

- 1 Só observando o amigo de bosolnaro
- 2 O Rio de Janeiro é uma vergonha
- 3 Me poupe aff .políticos e líderes religiosos são as piores coisas do mundo.
  - 3-1 E você faz o quer para melhorar o mundo?
  - 3-2 nao roubo ninguém e também nao engano ninguém
  - 3-3 Mudou de G-A-D-O pra ovelha. 😏
  - 3-4 o que esses pastores fazem além de se aproveitar da fé pra enriquecer?
  - 3-5 Existe joio e trigo! Simples assim! Nem todos são iguais!
  - 3-6 Primeiramente troca de foto do perfil, coloca uma foto descente! Depois deixa de ser jumento!



- 15 maioria dos vereadores no bolso não vai dar em nada essa CPI
- 16 Prefeito corrupto e vereadores corruptos que se vendem pó cargo e dinheiro nas eleições e só não votar nesses caras ou fazer quarentena e não sair de casa para votar. 🤔🤔🤔🤔🤔🤔
- 17 A cara dos krentes hipócritas.O povo merece isso mesmo!
- 18 Cada país tem os políticos que merecem!
- 19 Texto bíblico mas que vergonha guardiões do Crivella agora é moda os políticos criarem milícias mas ameaçar jornalistas é crime e porque esconder o que acontece nos hospitais municipais? Tem alguma coisa errada? O MPF está de olho.
- 20 A burguesia fede, mas tem dinheiro pra comprar perfume.
- 21 A Globo tá doida pra derrubar esse cara! Parabéns Crivella, mais uma luta vencida, se a Globo é contra vc pq tá no caminho certo!
- 21-1 e serio isso ???
- 21-2 só foi uma mensagem Kim Jong-un.
- 21-3 você não pode ser normal pra defender esse lixo .
- 21-4 abre uma empresa e põe o Crivella para administrar.
- 21-5 Mais idiota que ri de uma orelha a outra, enqto a tora tá entrando kool a dentro, sem vaselina 🤔🤔🤔
- 21-6 Fake gado
- 21-7 falso profeta evangélico do Paraguai vai queimar no fogo do inferno ele e o Macedo e os que apoiarem
- 21-8 , vc está bem?Não deve morar no Rio.
- 21-9 Você quer identificar um imbecil ?É ler algum comentário em que ele está idolatrando e/ou defendendo algum político, seja de direita ou esquerda ou botando a culpa na mídia por divulgar as falcatruas dele.
- 21-10 As mulas esquedistas não param de relinchar 🐴🐴🐴
- 21-11 es passaram mais de uma década relinchando e vem aqui chamar os outros de gado, tá de brincadeira né?!
- 21-12 vc está feliz né...fake gado com localização fora do Brasil...
- 21-13 veja a localização dele no perfil kkkkk
- 21-14 a lavagem cerebral que causaram em vc é muito forte, tem que ser dissecada e estudada pra ver o que tem na cabeça!
- 21-15 ,só podia morar bem longe...rsrs...
- 22 Falta do,que fazer,só enxendo o saco.
- 23 Meus sinceros sentimentos ao povo carioca. Aqui em Petrópolis, carregamos nas costas décadas e décadas de erros.....Eleição após eleição....não estamos diferentes de ninguém. Mas, vida que segue.
- 24 Esses políticos estão sapateando nas nossas caras 🤔🤔🤔
- 25 Bandidos que se escondem atrás da religião.
- 26 Povo pensou que tava votando em evangélicos na verdade teva votando na maior quadrilha, eles são capazes de se entre lançarem com milícias e quadrilhas pra conseguirem

seus objetivos, a religião cresceu muito o bolo que cresceu é mais fermento , entregaram o poder mãos deles por inocência.agora segura o lombo por trinta ou quarenta anos eles são muitos e com eles o povo não pode eles compram quem é o que eles querem é o povo só paga

27 Só contra os guardiões. Só contra prefeito liberar milhões pra fazer carnaval. Como disse crivela. Só a Globo e beneficiada

28 Gente eu fico impressionado, só nessa merda de país mesmo que político sai impune escancaradamente e fico por isso mesmo.

29 Por ser terrivelmente evangélico pode-se jogar lixo debaixo do tapete, afinal, esse pessoal tem linha direita com Deus e suas b andidagens São relevadas pelo Deus deles. Aleluia irmãos. Conheceis a verdade e ela vos libertará.

30 Não entrava n agulha né Crivella ,agora relaxou

31 O Prefeito usa o nome Deus,em vao,vc vai pagar por tudo q fez p o povo ai vai pagar sim,sua conta vai chegar pode esperar!!

32 Crivela, crivela, serás o maior responsável pela tomada do poder pela esquerda no Rio.

32-1 clivela falso profeta ele vai ser responsável pela tomada do inferno que é o lugar dele vai ser gerente geral e o Macedo o presidente

33 Não foi dessa vez Globo, vai continuar sem o dinheiro do Carnaval... Hahahah

33-1 e você e sua família sem atendimento de saúde de qualidade...sem educação e afins...

34 Todo eleitor do RJ já tem os nomes de quem votou a favor dele 🤡 🤡 🤡 🤡 é tudo farinha do mesmo saco

35 Será que vai dá em alguma coisa,se ele tem 25 vigaristas a favor dele.

36 A cara de pau do sujeito! O pior é usar a religião como escudo (seja qual for).

37 Acho uma pouca vergonha usar o Santo Nome de Deus

38 JÁ PASSOU DA HORA PARA ERRADICAR ESSA PRÁTICA DE CARGOS



39 Alguns defendem o Crivella porque a Grobo está contra ele. É defender um canalha porque tem um opositor também canalha.

39-1 são todos a mesma bost4

39-2 E porque ele é aliado do Bolsonaro. Se amanhã eles brigarem, ele passa a ser odiado na mesma hora.

40 É sempre assim.Se baseiam na bíblia e no senhor Jesus para justificar as falcatruas.

41 Apurar situação em flagrante de delito?

42 E PREFEITO A JUSTIÇA DE DEUS É CRUEL VIU!

43 A atitude dos vereadores referenda os atos do prefeito e demonstra que estão de acordo com essa prática. É lamentável que aqueles que tem a missão de fiscalizar o alcaide, concordem e compactuem com esse tipo de coisa. Não estão cerceando a imprensa, estão impedindo a população de ter acesso, de se informar, a quantas anda a precária Saúde da Cidade do Rio de Janeiro. Infelizmente, a política da troca de favores, do conchavo, do toma lá dá cá, é a tônica na cidade, no estado, no País. Vereadores fazem de tudo para garantir suas "boquinhas" na estrutura municipal, lhes falta moral e ética. Mas sou um sonhador e ainda acredito numa possibilidade de mudança, acredito demais nas novas gerações... está na mão deles o futuro desta nação, porque, do jeito que está, iremos de mal a pior. É preciso mudança de paradigma.

43-1 E assim os falsos profetas vão usando o nome de deus para continuar no poder cometendo corrupção e falcatruas.

43-2 Como cristão, quero crer que todos irão arder no mármore do inferno!

44 Ah CPI... sempre acabam em.pizza!

45 O povo precisa ir pras ruas, e pedir para retirá essas pessoas do governo, começando com o presidente, ninguém deveria ir às urnas pra votar. Se o Eduardo paz for eleito, com seis meses vao descobrir as roubalheira.

46 O Brasil bom so João de Deus que extrupa, Padre que rouba, Pastora que mata e Pastor ladrão e Políticos bandidos, justiça que não fazem justiça é o povo tá fudido mesmo todos eles são do bem!!!

47 Daqui a pouco,chega a vez desse Prefeito de Bosta.

48 Que hipocrisia! Cometem delitos em nome de Jesus! Tenho pena!

49 Esse prefeito tinha que ser marido da Flordelis ia fazer toda diferença

50 Cpi q n vai dar em nada. Tudo farinha do mesmo saco. Muitos ali ja roubavam na epoca do brizola.

51 O famoso lobo em pele de cordeiro! Típico facista, sempre justifica o inaceitável com algo que confundindo os menos informados.

52 Esse é o verdadeiro lobo em pele de cordeiro!!!

53 Sinceramente ele não foi lá este prefeito que o rio precisa mas me assusta é ver a Globo lutar para ele não ser reeleito pelo medo de não conseguirei mamar nos recursos que antes eram repassados para eles via prefeitura.Hoje eu não votaria no Crivella mas não acho que estes tais guardiões sejam colocados para impedir alguém da mídia se mostrar alguma coisa não só acho que querem é impedir ele de ser candidato a reeleição.Vale lembrar que o grupo Globo perdeu muito com a eleição do Crivella e querem voltar a mamata elegendo o Eduardo Paes.

54 vai nada,lá só tem papo furado, infelizmente

55 Foi isso que não só o RJ, mas todo Brasil elegeu !!!Políticos safados, corruptos, ladrões, que se escondem atrás da igreja cristã, da bíblia e da cortina do moralismo. Crivella é assassino também, sua péssima gestão matou muita gente.

56 Pena que não posso comentar,pois o mesmo me bloqueou 😂😂😂😂😂

57 O erro do Crivella, foi se meter com política. Ele era melhor, fazendo obras sociais para as pessoas q não tem oportunidade na vida. Fez um lindo trabalho social na África. Bora sair desta política, Crivella! Volte ao começo.

58 É preciso investigar quem votou contra... gente, é muito descaramento!!! Como eu sempre digo, essa prática nunca vai mudar...porque nosso dinheiro é muito bom! Paga tudo pra esses safados, até gente pra não fazer nada em prol da comunidade. Eleições chegando e é bom começar a exterminar esses SAFADOS

59 Crivela é o retrato da típica malandragem evangélica. Aquele político que precisa usar a religião p/ passar uma imagem de honestidade e moral. Usa trechos da Bíblia para justificar qualquer atrocidade e segue sendo aplaudido pela igreja da hipocrisia. A política é um câncer e a religião na política são as metástases.